

Bruno José Pontes Inácio

Impactos da prática de atividade físico-desportiva em contexto escolar: um olhar a partir do ensino secundário

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia orientada pelo Professor Doutor João Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professora Doutora Natália Azevedo
Faculdade Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor João Teixeira Lopes
Faculdade Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Elisabete Brito
Faculdade Belas Artes – Universidade do Porto

Classificação Obtida: 14 valores

Sumário

Agradecimentos	6
Resumo	7
Abstract	8
Índice de Tabelas	9
Índice de Gráficos	11
Introdução	12
1. Capítulo 1 – Enquadramento Teórico.....	14
1.1. A Juventude	14
1.1.1. Conceptualização de Juventude	14
1.1.2. Socialização	18
1.1.3. Identidades	24
1.1.4. Identidades na Escola	27
1.2. Atividade físico desportiva	30
1.2.1. Conceptualização de lazer, atividade física e desporto	30
1.2.2. Atividade físico-desportiva e saúde	37
1.2.3. Benefícios da atividade físico-desportiva	39
1.2.4. A escola e a prática de atividade físico-desportiva	41
1.3. Modelo de Análise	44
2. Capítulo 2 – Metodologia	45
2.1. Pergunta de Partida, Objeto e Objetivos	45
2.2. Metodologia de Investigação	47
2.2.1. Caracterização da Amostra	48
2.2.2. Inquérito por questionário	49
2.2.3. Entrevista	51
2.2.4. Procedimentos de análise e tratamento de dados	52
2.2.5. Análise de Conteúdo	54

3. Capítulo 3 – Análise dos dados	57
3.1. Sociografia da Amostra	57
3.2. Caracterização dos gostos/hábitos dos alunos inseridos na amostra	59
3.3. Modalidades e Razões da prática e não prática desportiva	69
3.4. Consumos culturais	79
3.5. Clivagens presentes na amostra segundo género e grupo social	88
3.5.1. Género	88
3.5.2. Grupo Social	97
3.6. Hábitos Desportivos do agregado familiar dos alunos	108
3.7. A atividade físico-desportiva em contexto escolar	109
3.7.1. Desenvolvimento do aluno	109
3.7.2. A disciplina de Educação Física	111
3.7.3. Oferta, práticas e Desporto Escolar	112
Considerações finais	114
Referências bibliográficas	118
Anexos	123
Anexo 1 – Pedido de Autorização para realização de um estudo científico em estabelecimento de ensino público	124
Anexo 2 – Termo de consentimento de informado -18 anos	125
Anexo 3 – Termo de consentimento de informado +18 anos	126
Anexo 4 – Inquérito por Questionário	127
Anexo 5 – Guião de Entrevista	134
Anexo 6 – Análise Vertical da Entrevista nº1	135
Anexo 7 – Análise Vertical da Entrevista nº2	143
Anexo 8 – Análise Vertical da Entrevista nº3	145
Anexo 9 – Análise Horizontal às 3 Entrevistas	148
Anexo 10 – Análise de Dados: Prática atividade física todas as semanas	152
Anexo 11 – Análise de Dados: Ouvir música enquanto prática cultural de lazer	153

Anexo 12 – Análise de Dados: Práticas Culturais de Lazer, consoante o género	154
Anexo 13 – Análise de Dados: Objetivos face à prática desportiva, consoante o grupo sócio-profissional	155
Anexo 14 – Práticas Culturais de Lazer, consoante o grupo sócio-profissional	156

Agradecimentos

Primeiramente quero ressaltar a ajuda possível à concretização do presente estudo e como tal ser possível alcançar o fim desta etapa, que representa um importante marco na minha vida pessoal e profissional. Desta forma, manifesto a minha gratidão a todos os que presentes nos momentos de bons e menos bons, de exaustão e de satisfação:

Aos meus pais e avó, pelo apoio incondicional dado;

Ao orientador, Professor João Teixeira Lopes, por todo o apoio e total disponibilidade na orientação deste estudo, evidenciando e disponibilizando sempre o seu sábio conhecimento, mas em especial, pelo seu exemplar profissionalismo e humanismo, que serão sempre para mim uma referência;

Ao agrupamento de Escolas do Cerco do Porto por ter possibilitado o presente estudo, em especial à Helena Garcia, que disponibilizou toda a ajuda possível.

A todos os meus amigos que me ajudaram, motivaram e, de certa forma, contribuíram para o desenvolver do meu estudo.

Àquela pessoa especial, que mesmo sem se aperceber, foi crucial à concretização do meu trabalho e que, sem ela, o trabalho seria feito na mesma, mas seria muito mais complicado. Por todos os momentos, um especial obrigado.

Resumo

A prática de atividade físico-desportiva enquanto prática de lazer assume um destaque acrescentado quando inserido em franjas culturais mais jovens. À atividade física é-lhe conferida importância no que respeita ao desenvolvimento e crescimento equilibrado, assim como face ao seu contributo no que respeita à aquisição de hábitos saudáveis, valorizando uma relação com as condições de saúde.

O objetivo deste estudo prende-se com uma análise sobre os gostos e hábitos por parte dos alunos constituintes da amostra, identificando principais motivos e razões face à prática e não prática desportiva, assim como possíveis clivagens existentes consoante o género e grupo social dos inquiridos, no contexto da prática cultural e de lazer mais vasta.

A amostra neste estudo, realizado através de uma metodologia mista, é constituída por 45 alunos, do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade com idades compreendidas entre os 15 e 20 anos de idade, de ambos os sexos, bem como por três docentes. Ambos pertencem ao Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto.

Identifica-se ao longo do estudo que o número de praticantes de modalidades de cariz individual sobrepõe-se ao número de praticantes de modalidades coletivas, dando conta da preferência do género masculino por modalidades coletivas ao invés das modalidades individuais que são preferencialmente praticadas pelo género feminino. Relativamente à divisão dos alunos segundo o grupo sócio-profissional pode estar enviesada dada o maior número de alunos pertencentes a determinados grupos em detrimento de outros. Contudo, parece-nos que o grupo sócio-profissional não é estruturador dos gostos e hábitos dos alunos em análise.

O desporto escolar desponta, de acordo com as representações dos professores, como uma oferta direcionada aos jovens alunos com vista ao seu desenvolvimento bem como a criação de hábitos regulares futuros. Ainda como um complemento à disciplina de educação física, atribuindo um carácter mais específico às modalidades lecionadas.

Palavras-chave: Juventude; Socialização; Identidade; Atividade físico-desportiva; Desporto Escolar

Abstract

The practice of physical activity as leisure has an increased highlight when inserted in younger cultural groups. It is given importance to physical activity with regard to balanced development and growth, as well as its contribute regarding the acquisition of healthy habits, valuing a relationship with health conditions.

The purpose of this study concerns an analysis of the personal tastes and habits of the students that constitute my sample, identifying the main reasons for the practice or non-practice of sports, as well as possible existing derivations according to gender and social group of the respondents, on the context of extensive cultural and leisure practice.

The sample of this study, accomplished by a mixed methodology, is constituted by 45 students from 10th, 11th and 12th grades with ages between 15 and 20 years old, from both genders, as well as three teachers, all who belong to the Schools Group of Cerco in Porto.

It is identified throughout this study that the number of students that practice individual modalities overrides the number that practice collective sports, in which the male gender generally prefers collective practices instead of individual ones, which are usually practiced by the female gender. On the question of the division of the students according to their social-professional group, the former can be biased by the fact that there is a larger number of students that belong to certain groups compared to the others. However, it seems that this was not relevant to structure the students habits or personal tastes.

School sports emerges, according to the teachers representations, as an offer directed to the young students with the purpose of their successful development as well as creating future habits. Working as a complement to the subject of Physical Education, having a more specific nature on the modalities being taught.

Keywords: Youth, Socializing, Identity, Físic-Sportif Activity, Scholar Sport

Índice de tabelas

Tabela 1 - Codificação das Modalidades Desportivas praticadas pelos alunos.....	52
Tabela 2 - Grande Grupo das Profissões consoante a Classificação Portuguesa das Profissões.....	53
Tabela 3 - Tipologia Grande Grupo Profissões	54
Tabela 4 – Identificação de siglas referentes aos grupos sócio-profissionais	54
Tabela 5 - Sexo dos Inquiridos	57
Tabela 6 - Ano de Escolaridade dos Inquiridos	57
Tabela 7 - Idade dos Inquiridos	58
Tabela 8 - Local de Residência dos Inquiridos.....	58
Tabela 9 – Divisão da amostra consoante o grupo sócio-profissional.....	59
Tabela 10 - Passado Desportivo dos Inquiridos	59
Tabela 11 - Idade de Início de Prática Desportiva dos Inquiridos.....	60
Tabela 12 - Nr de vezes de prática desportiva, por semana.....	62
Tabela 13 - Média de horas de prática desportiva, por semana	63
Tabela 14 - Nr de meses que os alunos praticam atividade físico-desportiva	64
Tabela 15 - Imagem Corporal como objetivo face à prática desportiva	65
Tabela 16 - Melhoria da Condição Física como objetivo face à prática desportiva	66
Tabela 17 - Melhoria das Condições de Saúde como objetivo face à prática desportiva.....	66
Tabela 18 - Convívio e Amizades como objetivo face à prática desportiva	67
Tabela 19 - Lazer e Divertimento como objetivo face à prática desportiva	67
Tabela 20 - Competição como objetivo face à prática desportiva	68
Tabela 21 - Modalidades praticadas pelos alunos - Resposta-Múltipla*	69
Tabela 22 - Razões face à escolha das modalidades físico-desportivas escolhidas - Resposta Múltipla*	71
Tabela 23 - Motivos à não prática de atividade físico-desportiva – Resposta múltipla ..	72
Tabela 24 - Satisfação dos alunos face à proximidade relativamente à prática desportiva	74
Tabela 25 - Satisfação dos alunos face aos horários relativamente à prática desportiva ..	74
Tabela 26 - Satisfação dos alunos face à qualidade do equipamento relativamente à prática desportiva	75
Tabela 27 - Satisfação dos alunos face às infra-estruturas relativamente à prática desportiva.....	75

Tabela 28 - Satisfação dos alunos face aos custos relativamente à prática desportiva...	76
Tabela 29 - Satisfação dos alunos face às modalidades oferecidas relativamente à prática desportiva.....	76
Tabela 30 - Satisfação dos alunos face à publicidade relativamente à prática desportiva	76
Tabela 31 - Modalidades Desportivas que os alunos tencionam iniciar a sua prática....	77
Tabela 32 - Objetivos face à prática desportiva, consoante o género.....	91
Tabela 33 - Passado Desportivo dos Inquiridos, consoante o grupo sócio-profissional	98
Tabela 34 - Alunos que atualmente praticam desporto, consoante grupo grupo sócio-profissional	99
Tabela 35 - Modalidades praticadas pelos Inquiridos, consoante o grupo sócio-profissional	99
Tabela 36 - Âmbito de prática desportiva por parte dos Inquiridos, consoante o grupo sócio-profissional.....	100
Tabela 37 – Hábitos desportivos atuais do Agregado Familiar dos inquiridos	108
Tabela 38 - Hábitos desportivos dos agregados familiares dos Inquiridos	108

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Atualmente Praticam Algum Desporto ou Atividade Físico-desportiva.....	61
Gráfico 2 - Tenciona iniciar a prática de Algum Desporto ou Atividade Físico-desportiva durante o presente ano.....	62
Gráfico 3 - Tenciona iniciar a prática de alguma modalidade desportiva além das praticadas atualmente.....	64
Gráfico 4 - Tipo de Modalidade Desportiva praticada pelos alunos.....	70
Gráfico 5 - Âmbito de Prática Desportiva por parte dos alunos.....	73
Gráfico 6 - Enquadramento de Prática Desportiva por parte dos alunos.....	73
Gráfico 7 - Âmbito em que os alunos tencionam iniciar a prática desportiva.....	78
Gráfico 8 - Oferta disponível perto do local de residência dos alunos que tencionam iniciar a prática desportiva.....	78
Gráfico 9 - Assistir a Espetáculos Musicais enquanto prática cultural de lazer.....	80
Gráfico 10 - Aprender Música enquanto prática cultural de lazer.....	80
Gráfico 11 - Frequentar o Teatro enquanto prática cultural de lazer.....	81
Gráfico 12 - Frequentar o Cinema enquanto prática cultural de lazer.....	81
Gráfico 13 - Frequentar Bibliotecas enquanto prática cultural de lazer.....	82
Gráfico 14 - Leitura Livre enquanto prática cultural de lazer.....	82
Gráfico 15 - Frequentar Espaços Desportivos enquanto prática cultural de lazer.....	83
Gráfico 16 - Conviver com Amigos enquanto prática cultural de lazer.....	83
Gráfico 17 - Frequentar Espaços Noturnos enquanto prática cultural de lazer.....	84
Gráfico 18 - Namorar enquanto prática cultural de lazer.....	84
Gráfico 19 - Passear com a família enquanto prática cultural de lazer.....	85
Gráfico 20 - Atividade Religiosa enquanto prática cultural de lazer.....	85
Gráfico 21 - Ver Televisão enquanto prática cultural de lazer.....	86
Gráfico 22 - Jogar Computador/Consola enquanto prática cultural de lazer.....	86
Gráfico 23 - Navegar na Internet enquanto prática cultural de lazer.....	87
Gráfico 24 - Passado Desportivo dos alunos, consoante o género.....	88
Gráfico 25 - Alunos que atualmente praticam desporto ou atividade físico-desportiva, consoante o género.....	89
Gráfico 26 - Modalidades praticadas pelos alunos, consoante o género.....	90
Gráfico 27 - Âmbito de prática desportiva dos alunos, consoante o género.....	90

Introdução

A presente dissertação de mestrado procura explorar o conceito de atividade físico-desportiva inserido em culturas mais jovens, nomeadamente, alunos do ensino secundário. Para tal, recorreremos ao Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto como amostra do nosso estudo, de forma a perceber possíveis impactos da atividade físico-desportiva no rendimento dos jovens a nível das sociabilidades.

Para uma melhor compreensão da nossa dissertação de mestrado, revelamos que a mesma se encontra organizada em três capítulos.

Neste sentido, iniciámos o capítulo I com uma exposição de base teórica, recorrendo a abordagens já realizadas por outros autores, sendo nestas que se encontram as bases de construção do nosso modelo de análise teórico. Destacamos conceitos para nós fundamentais, tais como: juventude, socialização, identidade, atividade físico-desportiva, entre outros. A exposição de base teórica da nossa dissertação de mestrado encontra-se estruturada em três subcapítulos.

O primeiro subcapítulo intitulado de *Juventude* encontra-se subdividido em quatro pontos, sendo que estes abordam uma conceptualização do termo juventude, passando por uma exposição do termo socialização bem como do termo identidade, terminando com um ponto dedicado às identidades construídas na escola. Esta questão assume grande importância no nosso estudo dado que a escola tornou-se uma componente chave na formação contemporânea da condição social da juventude.

Relativamente ao segundo subcapítulo do capítulo I do nosso estudo, este foca-se no conceito de atividade físico-desportiva. Também subdividido em quatro pontos, este subcapítulo incorre numa conceptualização dos termos lazer, atividade físico-desportiva e desporto. Os restantes pontos deste subcapítulo fazem referência a questões ligadas à saúde bem como benefícios advindos da atividade físico-desportiva, aludindo ainda à prática da mesma em contexto escolar.

Por fim, o terceiro subcapítulo faz referência ao modelo de análise do nosso estudo, com uma demonstração do mesmo, incluindo alguns parágrafos de explicitação do modelo em si, de forma a explicar como guiará o nosso estudo.

O capítulo II, voltado para a metodologia utilizada ao longo da dissertação de mestrado. Com base no descrito, na busca por uma resposta à nossa questão de partida, ***qual o impacto da atividade físico-desportiva em contexto de ensino secundário?***, e ir ao encontro dos objetivos e hipóteses teóricas enunciadas. Com base nesta, optámos por

uma abordagem metodológica mista, recorrendo a técnicas quer qualitativas, quer quantitativas. Explicámos detalhadamente todos os procedimentos de pesquisa, bem como foi sendo realizado todo o trabalho de contacto com o terreno, expondo quais os obstáculos com os quais nos deparámos e como os ultrapassámos.

Por fim, no capítulo III, centrado na exposição dos resultados empíricos a que fomos chegando, num ir e voltar entre teoria e empiria, vamos entendendo qual o impacto que a atividade física desportiva pode ter no estilo de vida dos alunos componentes da amostra. Neste prisma, o capítulo III encontra-se dividido em seis subcapítulos, consoante os temas tratados na análise. O primeiro subcapítulo incide numa caracterização da amostra, fazendo referência à divisão da amostra consoante o género, ano de escolaridade, idade, local de residência e grupo social de origem dos alunos inquiridos. Os restantes subcapítulos incidem na exposição dos dados obtidos referentes aos gostos/hábitos dos inquiridos, modalidades e razões de prática e não prática desportiva, consumos culturais, clivagens existentes segundo género e grupo social e, por fim, sobre a atividade físico-desportiva em contexto escolar, mais precisamente, no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto.

Nas considerações finais, estão expostas as limitações do estudo, os contributos para o conhecimento originados pelo trabalho através das conclusões propriamente ditas bem como um confrontar das hipóteses formuladas.

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

1.1. A Juventude

1.1.1. Conceptualização de Juventude

Pierre Bourdieu (1983), com a exposição de um artigo titulado de *A juventude é apenas uma palavra*, incorre no sentido de se aproximar ao tema juventude, dando início a um posicionamento teórico algo polémico. Este posicionamento debruça-se num excerto do artigo do autor, onde este cita que *a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos* (Bourdieu, 1983, p. 113). Estamos perante um posicionamento objetivo por parte do autor, assumindo que quer a juventude quer a velhice são ambas construídas socialmente, ainda que de forma atribulada. Ainda Bourdieu (1983), levanta uma discussão sobre a disputa de poder ocorrida entre as idades e também na posse de poder. Como se pode ver nas palavras do autor, *os jovens possuem tanto mais dos atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo de poder* (Bourdieu, 1983, p. 113). Neste sentido, segundo Bourdieu a idade não passa de um *dado biológico socialmente manipulado e manipulável* (Bourdieu, 1983, p. 113).

Margulis juntamente com Urresti (1996), motivados pela importância atribuída aos escritos de Bourdieu, manifestaram os seus pareceres definindo a juventude como um período com associa o amadurecimento biológico com a imaturidade da sociedade. Em virtude do referido, a juventude pode ser entendida a partir de uma noção puramente biológica, acarretando com as transformações inerentes ao corpo e idade. A juventude pode também ser entendida com base numa noção voltada para a sociologia. Esta última discute o tema de uma forma mais ampla, não excluindo os fatores biológicos mas atribuí um enfoque mais aprofundado em fatores culturais e sociais.

Entretantes, de modo a que haja compreensão sobre os principais caminhos trilhados pela sociologia sobre a juventude, esta só se tornará um objeto de pesquisa sociológica caso seja problematizada, isto é, se assumir uma forma teórica e crítica. Nesta lógica, Machado Pais (2003) faz referência à possibilidade de questionar o modo como a juventude é entendida. O autor acredita que esta não deverá ser entendida somente como um “problema” mas sim, discutida a nível dos problemas sociais intrínsecos aos jovens de modo a que estes sejam questionados e discutidos pela sociologia. (Pais, 2003)

Melucci (Souza, 2004), aborda a temática da juventude classificando a mesma como uma categoria arquitetada pelos indivíduos, nomeadamente os adultos. Segundo o autor mencionado, as identidades juvenis são marcadas pela experiência social com o puro objetivo da convivência grupal, isto é, com a finalidade de estabelecer relações com o próximo. Estas identidades assumem-se como mutáveis dando resposta a uma sociedade contemporânea que exige flexibilidade de opiniões e gostos.

A sociedade contemporânea, em caso de conceber discussões complexas e amplas, corre o risco de não apresentar os jovens com os meios necessários à sua inserção na sociedade em si. Os jovens fazem uso das práticas culturais como formas de se exprimirem. Esta expressão por parte dos jovens pode assumir um caráter de convivência mas também um caráter de revolta.

A cada dia que passa, as redes interativas mantidas entre os jovens vão sendo mais diversificadas, originando uma dispersão das suas identidades. Este acontecimento provoca grandes lacunas nos estudos realizados tendo como enfoque a temática juventude, gerando uma série de dúvidas no entendimento da condição juvenil na sociedade contemporânea.

Diferentes áreas, como sociologia, psicologia ou antropologia, usaram a juventude como objeto de estudo. Focam-se nas mudanças não só comportamentais mas também físicas e psicológicas que ocorrem nesta fase da vida dos indivíduos. A sociologia, em muitos dos seus estudos e dissertações aborda a temática juventude em problemas comuns desta fase da vida. Problemas na ordem do consumo de drogas ou álcool, gravidez precoce, delinquência, vida escolar atribulada, entre outros, originam uma noção de crise e irresponsabilidade associadas à juventude. No entanto, estes problemas subsistem e continuam carentes de políticas públicas. Em suma, elaborar uma abordagem sobre a juventude assume-se uma tarefa importante caso se queira delinear uma reflexão sobre a sociedade contemporânea.

A idade é outro dos aspetos a considerar quando nos focamos na temática juventude, mais precisamente, a ideia de ter ou pertencer a uma idade. Lloret (Souza, 2004) considera ser a idade que faz dos indivíduos crianças, jovens, adultos ou velhos. Para o autor, estar inserido num grupo de idade provoca ao indivíduo ter que se adaptar com um conjunto de hábitos que pode, ou não, perpetuar. Para Lloret (Souza, 2004) a vida passa a ser escalada segundo a idade, ou seja, os indivíduos passam pela idade escolar, idade do trabalho, idade da rebeldia, entre outras.

No seguimento, Lloret (Souza, 2004) considera que a noção de idade é mais ampla que um mero conjunto de anos agregados decorrentes num processo linear. Segundo o autor, a idade determina quer comportamentos, quer expectativas o que, porventura, poderá identificar o tempo como inimigo. Com o avançar dos anos, o indivíduo sente que o tempo para concretizar determinadas expectativas vai reduzindo. Seguindo o pensamento deste autor, uma idade não elimina outra, mas contém-na, ou seja, o indivíduo, fisicamente, deixa de ser criança e passa a jovem, no entanto, vai sempre ter um pouco de criança dentro de si, e assim sucessivamente.

O termo juventude foi surgindo ao longo da história, no entanto, a sua conceptualização granjeou diversos sentidos e noções. Nas palavras de Levi e Schmitt:

de um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes: da cidade ou do campo, do castelo feudal ou da fábrica do século XIX... Tampouco se pode imaginar que a condição juvenil permaneça a mesma em sociedades caracterizadas por modelos demográficos totalmente diferentes (Levi & Shmitt, 1996, p. 20).

Os jovens estão classificados pelas Nações Unidas como indivíduos com idades compreendidas entre 15 e 24 anos. No entanto, visto que a categoria jovem arcou com noções tão diversas e diferentes, o critério idade é escasso na discussão da categoria referida. Verdadeiramente, os indivíduos agrupados enquanto jovens apenas têm o fator idade em comum, sendo impossível ser discutido como um grupo social homogéneo. É muito importante distinguir juventude e jovens. Enquanto o primeiro designa a fase da vida do indivíduo, o segundo refere-se aos indivíduos que se enquadram na fase mencionada.

A conceptualização da fase juventude, segundo Sposito (1997) encerra uma das várias questões sociológicas possíveis de investigação. O mesmo autor aponta às diferentes abordagens focadas na temática juventude no que concerne às suas características, duração e passagem, ou seja, da heteronomia em criança até à autonomia vivida na fase adulta. De realçar que, esta estratificação em idade difere, em grande escala, de uma sociedade para outra.

Neste sentido, a adolescência como hoje é conhecida e entendida, não existia na sociedade pré-industrial. Ariès (1981) fala que, no período referido, a infância não estava separada da fase adulta. A adesão ao sistema escolar era muito reduzida em comparação à sociedade atual, não existindo uma homogeneização institucional a nível das classes de idade.

Em virtude dos argumentos discutidos, somos levados a aceitar que a percepção da juventude como uma fase da vida do indivíduo que assinala a saída da infância e o começo da fase adulta, vivido homogeneamente, é esquecer as condições histórico-culturais dos jovens.

Segundo Machado Pais (2003), a divisão feita com base em fases da vida do indivíduo é não mais que produto de um processo algo complexo de construção social, isto é, *uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, uma categoria sujeita a modificar-se ao longo do tempo* (Pais, 2003, p. 37). Logo, a juventude assume-se como uma categoria socialmente construída, portanto, perceptível de mudança com o avançar dos anos.

Levando em consideração os aspetos referidos, a temática juventude tem sido abordada por diversos autores que por sua vez, dirigem os estudos sobre a juventude num novo sentido, onde o jovem assume o papel de protagonista. Estes rompem com a ideia de um grupo homogêneo ajustado a características comuns a uma determinada idade. Procuram, no entanto, construir uma definição de juventude debruçada na diversidade de identidades existentes nos indivíduos, deixando o trabalho ou o lugar de definir a identidade destes mesmos indivíduos.

Em suma, somos levados a refletir na possibilidade de compreender a juventude em torno de dois eixos semânticos. Machado Pais (1993), exalta a hipótese mencionada referindo que a juventude deve ser encarada como unidade, aquando referida à fase da vida do indivíduo, e como diversidade, na sua presença em sociedade.

Nesse sentido, podemos concluir a não existência de um único conceito capaz de estruturar a juventude nem na sua aparente unidade, bem como na sua diversidade. O indivíduo está perante diferentes juventudes e também diferentes modos de consagrá-las, a par das teorias distintas agrupadas em duas primordiais correntes, ou tendências, de acordo com o discutido anteriormente, na tentativa de encontrar uma explicação de modo a entender a juventude e as correntes advindas dela. Estamos então perante uma corrente geracional e uma corrente classista, suportando campos distintos de percepção da juventude, isto é, a unidade e a diversidade, respetivamente.

A abordagem sobre o a temática em torno do conceito juventude incide, não só, por um gosto pessoal pela composição do ajuntamento etário em si como também, com base na preponderância que a mesma assume na construção de uma sociedade. O influente laço vinculativo das práticas de construção identitária associadas às representações visuais da sociedade (Campos, 2010) levam-nos a atribuir às culturais juvenis uma importância muito própria enquanto objeto de estudo científico.

1.1.2. Socialização

O processo de socialização caracteriza-se pela interiorização de normas, regras de conduta e valores socialmente determinados, que condicionam a pertença social e a visão do mundo dos indivíduos. (Berger & Luckmann, 1976)

Tendo em conta a sua natureza social, só através da socialização é que o ser humano pode sobreviver, desenvolver-se e tornar-se pessoa. Tal acontece porque o ser humano é dos seres-vivos que se encontra pior preparados para uma vida independente, e por isso depende dos outros durante mais tempo e de forma mais intensa. Contudo, é um equívoco conceber a socialização como imposição da sociedade sobre o indivíduo, no sentido de este assumir determinados valores, normas e conhecimentos. (Costa P. d., 2005) Como tal, *o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade* (Berger & Luckmann, 1976, p. 173).

O termo socialização tem surgido, nos últimos anos, como justificação bem como esclarecimento de vários fenómenos, e em alguns casos surge mesmo como objeto de estudo, em áreas ligadas à infância, educação, família, entre outros. (Abrantes, 2011)

Souza (2004), exalta Durkheim como pioneiro da clássica definição de socialização como meio de integração, isto é, defende que as regras e valores sociais são passados às novas gerações, fundamentalmente, pelo processo educativo. Segundo o mesmo, o indivíduo aquando o seu nascimento encontra a sociedade já constituída bem como as suas leis e, é aqui que entra o processo educativo, considerando este processo um meio à qual a sociedade recorre como forma de formar as condições de vida aos indivíduos. É o conjunto de indivíduos que forma a sociedade, manifestando-se de acordo com um objetivo, determinando a vida dos próprios indivíduos.

Atualmente cada vez se enfatiza mais que se trata de um processo em que os indivíduos adotam um papel ativo desde a infância, no duplo sentido de interpretação das mensagens e ação sobre o mundo.

De igual modo é necessário realçar que a socialização, ao ocorrer sempre num tempo histórico e contexto sociocultural específico, induzindo a um certo fechamento, no sentido em que o desenvolvimento de certas disposições, competências e valores inibe a aquisição de outros. Além disso, enquanto alguns contextos impõem maiores níveis de conformidade, punindo a diferença, outros recompensam a criatividade e a originalidade. (Berger & Luckmann, 1976)

Contudo, a socialização não é independente dos processos de legitimação/deslegitimação cultural, produtos de (e produtor de) ideologia, valores, etc. Este controlo consciente e simbólico permite aperfeiçoar e complexificar algumas práticas, enquanto outros são desvalorizados e até estigmatizados. Portanto, temos de constatar que a socialização ocorre sempre num contexto relacionado com o poder.

Também o tempo constitui uma condição fundamental dos processos de socialização. Por muito intensa que seja e mantendo sempre algum potencial socializador, é difícil que uma interação esporádica, mesmo que seja um acontecimento único, possa transformar os quadros mentais ou corporais do indivíduo. (Berger & Luckmann, 1976)

Neste sentido, a família, a escola, a comunicação social (mass-media), o grupo de amigos, destacam-se como principais agentes de socialização sendo que, todos eles dispõem de diferentes hipóteses e/ou possibilidades na qual reforçam a identidade do indivíduo. (Costa P. d., 2005)

Berger e Luckmann (1976), abordam as limitações da sociologia clássica de modo a compreender os processos de socialização existentes na sociedade contemporânea. Segundo os mesmos, a ação do indivíduo, caso a socialização seja explicada através da reprodução, fica limitada bem como predeterminada.

Berger (1999), trata a socialização como um processo de transmissão, isto é, uma transmissão feita por parte da criança numa primeira fase – socialização primária – e, posteriormente, por parte do adulto – socialização secundária –, sempre que este se insere num novo contexto social.

Tendo em conta o mencionado anteriormente, Berger e Luckman (1976) consolidam a distinção entre socialização primária e secundária. A *socialização primária* constitui a introdução do indivíduo no mundo social, mediado por valores e normas impostos, geralmente pela família. A família surge como primeira instância da socialização, detendo o monopólio de formação precoce de disposições mentais e comportamentos do indivíduo, sendo o primeiro espaço que tende a estabelecer objetivamente os limites do possível e do desejável.

Ambos os autores destacam a importância desta fase da vida do indivíduo, tendo em conta que é aqui que são desenvolvidas as estruturas cognitivas e emocionais dos indivíduos, que irão condicionar a permeabilidade a processos de socialização posteriores, isto é, aquilo que é captado no processo de socialização primário será interiorizado de um modo muito mais firme que o captado mais tardiamente, num processo de socialização secundário.

No entanto, este processo de socialização também se afigura moldável, ou seja, não é estanque, sendo que por isso não pode ser considerado mais importante que o processo de socialização secundária. (Berger & Luckmann, 1976)

No que à *socialização secundária* diz respeito, seguindo a proposta teórica de Berger e Luckmann (1976), este afigura-se um processo mais racional, que incorpora o indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo da sociedade, sobretudo no âmbito da divisão social do trabalho. Este processo de socialização nas sociedades modernas tende a ocorrer em instituições socializadoras, como as escolas e as organizações profissionais. Neste sentido, *a socialização secundária torna-se necessária* (Berger & Luckmann, 1976, p. 184).

Portanto, a sociedade é vista não só como um meio controlador da movimentação feita pelo indivíduo no seu percurso mas também como meio formador de emoções e identidades. No seguimento, Berger e Luckmann proferem que *a socialização nunca é totalnem está jamais acabada* (Berger & Luckmann, 1976, p. 184), ou seja, a socialização é produto de uma construção social, quer seja em família, em trabalho, na escola, o que implica que o indivíduo será sempre alvo de socialização, independentemente da idade que tenha.

Assim, a socialização é identificada como um processo permanente e nunca concluído, implicando esforços contínuos de atualização. O surgimento das interações carregadas de emoção e constitutivas de novos valores ou conhecimentos dá aso a processos de *ressocialização*, onde se inverte aquilo que já se tinha aprendido. Também a mudança social, apressada em certos períodos implica processos de *ressocialização* mais ou menos abruptos, ao transformar e fazer uma rutura com políticas, linguagens e estruturas sociais. (Berger & Luckmann, 1976)

Portanto, o princípio funcionalista de que a socialização corresponde à transmissão de partes de comportamentos e valores das gerações mais velhas às mais novas corresponde a uma situação típica de sociedades tradicionais, em que a idade é por si uma fonte de poder. Hoje em dia tal não se aplica, já que as relações, consequência de

todas as mudanças, a modos mais complexos, existindo mesmo processos de socialização invertida, quando indivíduos mais jovens ensinam ou transmitem algo a indivíduos mais velhos. Há assim uma recondução das formas de agir em sociedade em que os mais novos transmitem padrões de mudança aos mais velhos. (Abrantes, 2011)

De igual modo, nas sociedades contemporâneas as fontes de poder diversificam-se. Este reconhecimento de múltiplos poderes de socialização legítimos tem conduzido os principais agentes de socialização a uma mudança a nível de estratégias, no sentido de negociação das normas e sanções, assim como a aceitação do papel dos mais novos na sua própria socialização.

Lahire (Abrantes, 2011) fortaleceu o conceito de disposição anteriormente levantado por Bourdieu, enquanto produtor de ações e resultado de sucessivas experiências. Atualmente, estas experiências ocorrem em contextos e tempos diferenciados, levando a variadíssimas disposições por parte do indivíduo consoante o contexto em que se encontra, podendo este ser considerado um *ator plural*. Neste sentido, enquanto Bourdieu se debruçava sobre o desenvolvimento do termo disposição ligado à trajetória que o indivíduo assume na sociedade, Lahire conferia à sua noção do termo disposição uma mutação consoante o espaço individual de cada ação. Deste modo, Lahire, por Abrantes (2011) distingue três processos de socialização: Treino ou prática direta; Organização social das situações; e inculcação ideológico-simbólica de crenças. Nem sempre ligados entre si, estes processos desenrolam-se face a ao perigo de gerar tensões entre disposições, identidades e crenças.

Por Abrantes (2011), na tentativa de explorar ligações e regularidades presentes entre contextos vividos e as fases da vida do indivíduo, Magnani (Abrantes, 2011) desenvolve o conceito de “circuitos juvenis” com o intuito de

mostrar como os jovens movendo-se entre diferentes instituições, agentes e espaços da cidade, não o fazem de forma aleatória ou fragmentada, mas em grupos de sociabilidade que se orientam por (e assim reproduzem) padrões geracionais, de classe e de orientação cultural-ideológica

(Abrantes, 2011, p. 131).

Os processos de socialização não se restringem aos mencionados anteriormente. É de realçar a existência de processos de *socialização antecipatória*, ou seja, processos onde o indivíduo interioriza valores de um grupo ao qual deseja fazer parte. (Dubar, 1991)

De igual modo, pode não ser uma escolha perspectivada pelo sujeito mas sim algo imposto pela família, como é o caso das rainhas, que são desde tenra idade levadas a conhecer o ofício. É uma socialização simultaneamente voltada para o presente e para o futuro.

Salienta-se ainda a existência de uma *primarização da socialização secundária*, que se reflete em contexto institucional extra familiar que socializa em termos secundários com injeção de afeto, tendo como exemplo instituições como infantários ou creches onde se assiste a uma de mistura racionalidade com afetividade. Igualmente, assiste-se também a processos de *secundarização da socialização primária*, onde as famílias racionalizam em demasiado os seus afetos. (Tedesco, 2000)

Note-se, assim, que de todas as instituições que educam, a família e a escola assumem-se como os principais agentes de socialização. Posto este cenário, a família é responsável pela socialização primária, encarregando-se de instruir a criança de modo a reagir a estímulos exteriores em função de determinadas formas de pensar e agir. Por outro lado, a escola atua na socialização secundária, sendo, na maioria das vezes, a continuação dos padrões apreendidos no seio familiar. Esta continuação surge porque, tendencialmente, as crianças tendem a ser colocadas em escolas locais, com padrões sociais próximos da família, mas mais tarde podem-se deparar com uma ressocialização, em que a criança vê-se confrontada com outros padrões, dando asas a uma reaprendizagem social. (Costa P. d., 2005)

Levando os aspetos mencionados em consideração, os filhos constituem-se o primeiro reflexo da família, pois ao chegar à escola primária levam em termos simbólicos a família para a escola e, mais tarde, levam simbolicamente a escola para a família.

É ainda importante referir que a criança tende a agir em função de automatismos, não distinguindo o contexto da escola e da família. Por isso, ao chegar à escola, a criança age do mesmo modo que agiria em casa e só com o tempo começa a transformar a sua forma de estar consoante os contextos. Tal acontece, então, através da ressocialização. (Costa P. d., 2005)

O processo de socialização, é encarado pela juventude contemporânea como um conjunto numeroso de interações, traçando caminho com variadíssimas opções de rumos e destinos. O indivíduo jovem, garante o acesso a múltiplas referências culturais e, em prol disso, cria sentidos face às experiências vivenciadas, constituindo-se sujeitos com base nesses processos. Em suma, importa superar a noção de socialização numa lógica determinista, reduzida somente à interiorização de valores e normas. (Souza, 2004)

Freire (Souza, 2004) enaltece que a vida do indivíduo não é perpetuável em isolamento, isenta de qualquer tipo de influência, e que o próprio indivíduo é um ser inacabado, isto é, pode sempre aprender mais. Posto isto, a vida em grupo, de modo a que seja possível o indivíduo instruir-se na convivência com o outro, é visto como um grande desafio para todos.

A noção de *sociabilidade*, é vista por Durand (Souza, 2004) como parte do processo de socialização vivido pelos indivíduos mais jovens em seus grupos. Este processo era encarado como um espaço de construção de identidade, incluindo solidariedade, autonomia, objetivos, entre outros.

No seguimento, Simmel (1983) discute a *sociabilidade* como forma de junção ou associação, tendo como objetivo a relação estabelecida, isto é, existe uma razão explicativa da relação, inserida nela própria, estabelecida entre os indivíduos.

Nos dias que correm, estamos perante, cada vez mais, a uma constante redefinição de formatos de sociabilidade, diferentes de formatos mais tradicionais que, no entanto, se assumiam maior estabilidade. Atualmente assiste-se a uma grande adesão por parte dos indivíduos a variadíssimas experiências aleatórias, levando a que o indivíduo possa, simultaneamente, pertencer a diversos grupos, caso assim o deseje.

Segundo Simmel (1983), essa adesão foca-se na relação estabelecida, como mencionado anteriormente. O indivíduo privilegia o campo da sociabilidade, a companhia adquirida. No entanto, o autor confirma que, não existindo outro qualquer interesse que a própria relação, para que ela perpetue e dure, é necessário reunir as condições necessárias para o estabelecimento de confiança mútua. Em suma, a sociabilidade é encarada pela autor como uma forma de o indivíduo conviver com outro, livre de obrigações e seriedade, na qual defende que as redes de sociabilidade deverão responder às necessidades afetivas bem como de liberdade dos jovens.

Tendo em conta os aspetos mencionados, parte da socialização ocorre em variados espaços e tempos, permitindo uma multiplicidade de referências a nível cultural. Neste sentido, abordar os grupos de sociabilidade como elo de ligação entre sentidos adquiridos e vivências, podendo ter como consequência uma reconstrução das identidades juvenis.

Em suma, todo o conjunto temático que envolve o termo socialização, incluindo seus contíguos, é fundamental em jeito de perceção ao já abordado conceito da juventude. Equitativamente, a socialização dos indivíduos é aqui encarada em jeito introdutório da próxima abordagem considerada no decorrente estudo, as identidades. Como referido anteriormente, as variadíssimas referências culturais presentes na sociedade atual são

definidoras das identidades assumidas pelos indivíduos, podendo estes ser alvo de uma reconstrução identitária consoante a alteração da referência cultural presente no mesmo espaço.

1.1.3. Identidades

A passagem do século XX para o século XXI é marcada pela mudança. Prospera-se no futuro um romper com as tradicionais formas de ver o mundo com o mote dado ao alargar de outras formas de pensamento.

Relativamente ao conceito identidade, para Erikson (1972), a construção da mesma está baseada em três aspetos: Definir quem o indivíduo é; que valores tem; por fim, quais os rumos desejados para o futuro. Erikson (1972) defende ainda que a formação identitária é fruto da influência de três fatores. Primeiro, fatores intrapessoais, que se destinam àquilo que é inato ao indivíduo; a fatores interpessoais, associados à identificação por parte de outros, isto é, em grupo; por fim, a fatores culturais, associados aos valores sociais a que o indivíduo se expõe.

Pais (2001) faz referência às variadíssimas possibilidades de escolhas por parte dos indivíduos, principalmente numa fase mais jovem da sua vida. Segundo o mesmo, *os jovens desdobram-se em personagens possíveis de vários guiões de futuro, mas o futuro imaginado por eles assemelha-se a jardins labirínticos de sendas que se bifurcam* (Pais, 2001, p. 8).

Eminentemente relacional e interativa, perante a crescente complexidade das sociedades, a identidade moderna mostra-se contingente e remete-nos para uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva que é progressiva e continuamente (re)construída pelos sujeitos (Fortuna, 1997, p. 128).

A vida do indivíduo constrói-se com base numa série de relações mantidas com outros indivíduos, portanto, é impensável abordar a definição de identidade a partir de conceitos como isolamento ou fixação. (Souza, 2004)

Melucci (Souza, 2004) alerta ao facto da identidade, nos dias de hoje, ser reconhecida como uma capacidade de reflexão que o indivíduo faz dele próprio. Ou seja, segundo o mesmo autor, existe um reconhecimento mútuo entre o próprio indivíduo e entre quem o rodeia, o que poderá resultar em conflitos na medida em que é viável o surgimento de uma oposição, ou choque, entre ambos.

Em virtude dos factos mencionados, por Melucci (Souza, 2004), os atritos referidos relativamente ao auto-reconhecimento e o ser reconhecido, ocorrem fundamentalmente na fase jovem da vida do indivíduo, quando este procura assumir uma

identidade adulta. O mesmo autor exalta ainda a necessidade por parte do jovem em se afirmar, quer como indivíduo, quer em grupo. Em virtude disto, Melucci, em prol da discussão do tema, faz o levantamento de quatro formas de identidade: a forma como o indivíduo se identifica a ele próprio – auto-reconhecimento; a forma como o indivíduo é identificado pelos outros; as diferenças identificadas pelo próprio indivíduo; por fim, as diferenças identificadas no indivíduo pelos outros.

Por Vargas (2004), em continuidade ao referido anteriormente, o indivíduo não constrói a sua identidade, sem qualquer tipo de participação de outrem. O indivíduo é alvo de um processo educacional constante, desde a tradição à inovação, estabelecendo relações entre ambos que poderão distinguir ou unir os indivíduos.

A proliferação e ambientes propícios às trocas culturais, privilegiam o processo de socialização entre os jovens, que usufruem de novos estilos vinculativos aos ambientes, bem como de resolução de problemas. Posto isto, as possibilidades de reconhecimento por parte dos outros cada vez se assume mais ampla.

Em prol do referido, Melucci (Souza, 2004) refere-se aos vários espaços ocupados pelos indivíduos como estruturadores da identidade de cada um, quer individual quer coletiva, a passo que a identidade é construída baseada em experiências comuns.

Ainda Melucci (Souza, 2004), refere-se à identidade individual como fulcral à compreensão do indivíduo bem como às suas mudanças e alterações numa sociedade complexa como a contemporânea, isto é, em primeiro plano, é feita uma análise às alterações provocadas pelas relações sociais no indivíduos e o modo como estas comprometem ou redefinem os objetivos destes. Em segundo, as experiências dos indivíduos nestas relações sociais fazem parte do processo em si e modificam, também, o indivíduo. Contudo, o autor mencionado faz também referência ao facto de que o tempo disponível é demasiado escasso face às variadíssimas opções de escolha e possibilidades à disposição dos indivíduos, o que pode causar um estado de frustração aos mesmos.

Sobre o tema em foco, Giddens (2002) considera que o indivíduo cada vez mais tem a necessidade de se acautelar e de proteger-se face à diversidade de escolhas ao seu dispor. Segundo o mesmo, *o individuo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que nao podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos* (Giddens, 2002, p. 72). Em suma, quer a forma de agir quer a maneira de ser do jovem é influenciada pelas escolhas do mesmo face à multiplicidade crescente de estilos de vida que ele pode seguir e/ou adotar no futuro.

Sposito (1997) fala da fase da juventude no indivíduo como um momento marcado pelas variadas manifestações de sociabilidade. Pelo autor, aquando em grupo, os indivíduos afirmam-se através do reconhecimento do outro, pelo que se torna importante e objeto de estudo a percepção de como os espaços são ocupados pelos jovens e como a identidade destes é redefinida pelos mesmos.

Em suma, Melucci (Souza, 2004) visa o termo identidade como produto da proliferação dos variadíssimos estilos de vida conhecidos pelos jovens. Deixou-se de pensar a identidade associada ao passado, como em épocas transatas, onde a tradição era dona de grande prestígio, para abordar a mesma de acordo com a sociedade e os movimentos dos indivíduos.

Com base nas experiências vividas, os jovens amadurecem e modelam progressivamente a sua identidade. Nesse processo, aproximam-se cada vez mais das responsabilidades e cobranças do mundo adulto e passam a ser avaliados muitas vezes, em relação a essa fase da vida.

De acordo com a abordagem feita no subcapítulo anterior, onde o foco recaí sobre a socialização dos indivíduos e servindo como mote à temática das identidades, a construção identitária assume, para o estudo realizado, uma grande importância. Esta importância reflete-se na questão de que os indivíduos assumem uma identidade de acordo com o meio envolvente, sendo esta construção identitária dependente face às predisposições próprias de cada indivíduo. O subcapítulo com término agora, expandir-se-á com as identidades criadas na escola, abordagem feita no subcapítulo seguinte.

1.1.4. Identidades Juvenis na Escola

Assumindo a família como o pilar fundamental na vida dos indivíduos, o segundo pilar assente na vida dos mesmos é, precisamente, a instituição escola. Neste sentido, a escola assume-se como um mundo comum entre os jovens, capaz de originar um reconhecimento bem como catalogação dos mesmos com base em sistemas simbólicos (Pais, 1993).

A escola é uma agência de socialização específica: visa intencionalmente a socialização, até nos momentos menos formais; forma uma organização complexa e vasta e dotada de fins, meios e estruturas próprios; é servida por profissionais especializados; une professores e alunos por uma relação

peculiar, a chamada relação pedagógica; está investida de várias funções, designadamente instruir, socializar, desenvolver e preparar uma profissão
(Costa P. d., 2005, p. 49).

Segundo Pedro Abrantes (2003b), deve ser feita *uma reflexão de todos os que participam no sistema educativo* (Abrantes, 2003b, p. 122), dada a existência de vários protagonistas na escola que vão enquadrar várias vivências, desde professores, alunos, funcionários e pais. Segundo o autor, a rede de relações criada entre professores, alunos e funcionários é fortalecida graças ao envolvimento em atividades e novos espaços escolares, originando fortes redes de sociabilidades constituindo um importante fator nas vivências escolares quer dos alunos, quer dos professores e funcionários (Abrantes, 2003b) Neste sentido, *os profissionais de ensino têm obviamente uma palavra a dizer no processo de formação de identidades juvenis* (Abrantes, 2003b, p. 120).

A escola entra no universo juvenil pelo facto de os jovens passarem grande parte do seu tempo, talvez a maior parte dele, na escola e com os protagonistas da escola. Então, é a escola que vai estruturar o seu quotidiano.

Perceber o papel da escola na vida das crianças e dos jovens é essencial neste projeto, por duas razões. Primeiro, as instituições têm a preocupação de garantir a escolarização dos seus beneficiários e, por outro lado, a sua escolarização é essencial para que no futuro consigam ser inseridos socio e profissionalmente.

Na vida dos indivíduos, a escola assume-se como um agente de socialização secundária, onde os jovens e crianças apreendem uma série de comportamentos, valores, normas da sociedade onde estão inseridos. É também o lugar onde o indivíduo constrói a sua identidade, o que leva a que, nas palavras de Pedro Abrantes, *as identidades juvenis e as dinâmicas de escolaridade desenvolvem-se em profunda articulação nas sociedades contemporâneas* (Abrantes, 2003b, p. 93). O mesmo considera a escola essencial na medida em que *os jovens estruturam as suas práticas e discursos, os seus trajetos e projetos, as suas identidades e culturas* (Abrantes, 2003b, p. 93), ou seja, existe uma estrutura entre a escola e as culturas juvenis, que podem desenvolver-se em contexto escolar. A escola é produtora de diferentes vivências juvenis, sendo por esta razão que os jovens têm diferentes maneiras de ver a escola, nomeadamente o lado positivo e o lado negativo.

Por Abrantes (2003b), Dubet e Martucelli, face a uma massificação do ensino secundário, constroem uma tipologia referente aos perfis dos alunos presentes na escola, no sentido de *articular estratégias de adaptação, disposições culturais (juvenis) e classes sociais* (Abrantes, 2003b, p. 36). Esta tipologia, assente em quatro tipos de perfil de alunos, faz referência em primeiro plano aos verdadeiros alunos. Estes estão classificados como descendentes de classes sociais qualificadas, assumindo relações de sociabilidades algo seletivas com uma ligação afetiva com a instituição escola. Este perfil associa-se particularmente àqueles alunos que vivem apenas para os estudos e fazem questão de os continuar até ao patamar mais elevado. O segundo perfil identificado na tipologia mencionada trata-se dos bons alunos. Estes visam concluir a escolaridade obrigatória não tendo grande envolvimento com a instituição escolar em si, ou seja, o seu objetivo é terminar a escola com mérito e sair do meio escolar. Os novos alunos, consistem em alunos que provêm de famílias pouco escolarizadas, alguns mesmo provenientes de famílias analfabetas, que têm como objetivo obter o máximo de qualificações possível. Por fim, os alunos em fila de espera, cujo objetivo é terminar a escolaridade e entrar imediatamente no mercado de trabalho, isto é, este aluno projeta a escolaridade como um trajeto face à inserção no mercado de trabalho. Este perfil de aluno, geralmente está pouco ligado à escola, vivendo sob socializações paralelas à mesma. (Abrantes, 2003b)

Ainda assim, por Abrantes (2003b), Perrenoud considera que *a maior parte dos jovens aceita a escola como um “ofício”, mas vê pouco sentido no trabalho escolar* (Abrantes, 2003b, p. 123). Ou seja, os jovens sentem a importância que a escola assume em perspetivas futuras, como ingresso no mercado de trabalho, no entanto, não revelam um gosto próprio pela mesma.

Esta situação leva a várias posturas face à escola por parte dos jovens alunos. Enquanto uns se empenham *arduamente no trabalho escolar, como veículo de mobilidade social, meio de alcançar um emprego qualificado e uma vida desafogada. Outros incorporam a escola como forma de valorização ou realização pessoal* (Abrantes, 2003b, p. 124). Ainda nas palavras de Pedro Abrantes, *a escola está cada vez mais presente nos quotidianos juvenis. Todavia, os jovens não vão simplesmente à escola: apropriam-se dela, atribuem-lhe sentidos e são transformados por ela* (Abrantes, 2003b, p. 93), isto é, escola passa a ser um espaço de convívio, bastante apreciado pelos jovens e mistura-se com o social. Em suma, a escola apropria-se do social e vice-versa.

É então nesta lógica que podemos afirmar que as experiências estruturam as identidades e vice-versa. Os indivíduos inseridos distintamente na escola constroem as

diferentes identidades juvenis. Eles não são uniformes, então têm experiências diferentes na sua passagem pela escola de acordo com a identidade juvenil. Neste sentido,

as identidades juvenis e as dinâmicas de escolaridade desenvolvem-se em constante articulação, sedimentando-se e reconfigurando-se. São resultante dos mesmos processos e não criadas em esferas independentes. O percurso de escolaridade é, ele próprio, uma sucessão de interações sociais nas quais se vão construindo e sedimentando identidades

(Abrantes, 2003b, p. 122).

Isto significa que há diferenças significativas nas vivências juvenis, ou seja, o processo de escolaridade para uns vai ser vivido com uma violência simbólica e para outros é o alicerce construtor da sua vida. Em suma, *na troca de experiências e competências, favores e afectos, estruturam-se identidades e disposições face à escola* (Abrantes, 2003b, p. 127).

A escola assume-se então como uma instituição fundamental, em que os jovens trocam contextos, redes de sociabilidade e culturas juvenis. Esta instituição é então um espaço cada vez mais heterogêneo, quer ao nível dos atores, dos espaços e das dinâmicas, isto é, diferentes trajetos, projetos, identidades e culturas. Neste sentido, *a escola tem um papel estruturante nos jovens: nas disposições e identidades que adoptam, nas redes de sociabilidade que estabelecem, nos sentidos que atribuem (à escola), nos seus desempenho e resultados, nos seus trajectos e projectos* (Abrantes, 2003b, p. 129). Deste modo, podemos referir que são as redes de sociabilidade que *conferem sentido às experiências escolares dos jovens* (Abrantes, 2003b, p. 102; Costa A. F., 2008). A temática das culturas adolescentes tem assumido relevo no seio da Sociologia, dado que, segundo José Machado Pais (1993) considera que as transformações ocorridas em termos sociais, familiares e individuais na vida dos jovens são necessárias para compreensão dos seus estilos de vida.

Os jovens são essenciais para que a dinâmica social seja mantida, por isso falamos de culturas juvenis, uma vez que este grupo é pautado por uma elevada heterogeneidade e está em progressivas transformações.

No entanto, na grande parte das vezes, as sociedades ligam os jovens a um grupo problemático. Fruto desta visão negativa, o Estado tem criado uma série de medidas que

tenta atenuar o estigma social para com os jovens, como a escolaridade ser obrigatória ou a proibição do trabalho infantil. O aumento dos reformatórios, ou agora chamados de casas de correção, para onde são levados os jovens problemáticos, são também medidas levadas a cabo pela Estado.

A proliferação de notícias ligadas a crimes juvenis, vandalismo e uso de drogas feita pelos mass media, leva a que estes atos sejam ligados diretamente a jovens delinquentes. No entanto, não esquecer que estas culturas juvenis, (cultura desviante) são regidas tanto por crenças e valores quer por normas e práticas, que as fazem ser diferentes da cultura dominante (Pais, 1993).

1.2. A Atividade físico-desportiva

1.2.1. Conceptualização de Lazer, Atividade física e desporto

Diversas foram as interpretações sobre o lazer ao longo do tempo, desde a sua génese, no século XIX e no período da Revolução Industrial, até ao século XX, onde se massifica. Verdadeiramente, nunca existiu um consenso sobre o exato sentido da palavra *lazer*, o que origina obstáculos quanto à abordagem ao tema em questão.

Vários autores consideram-no como um produto prioritário da civilização contemporânea. Segundo Dumazedier (2000), o conceito de lazer compreende variadas dimensões caracterizando-se por três principais funções: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade. Segundo Dumazedier,

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver a sua informação ou formação desinteressada, a sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier I. , 2000, p. 34).

As teses de Dumazedier sobre lazer, embora as mudanças inevitáveis ocorridas com o avançar dos anos, continuam alvo de inúmeras referências nos estudos atuais debruçados no tema. Com base nestas tem-se assistido a diversas interpretações quer do conceito bem como dos valores do lazer.

Além do contexto referido sobre o termo lazer, este encontra-se também ancorado a uma sociedade global o que origina não só uma transformação, bem como adaptação do termo às aspirações e motivações da população. O termo lazer adquiriu um fôlego extra na forma como as pessoas olhavam para o seu tempo livre. Objetivamente, o tempo livre/lazer foi inicialmente definido como o tempo fora do trabalho e das obrigações/atividades que o sujeito se encontra envolvido, dando asas a tempo e espaço para o descanso e recuperação do stress ou para o seu próprio desfrute. (Esculcas, 1999)

Embora muitas vezes confundidos, lazer e tempo livre não são nem representam o mesmo sentido e/ou significado. A expressão *tempo livre* refere-se, comumente, a um tempo concebido e definido segundo uma relação com o tempo de trabalho (Dumazedier & Israel, 1974).

Segundo Sharma (1994), o tempo de lazer é considerado como um tempo próprio na vida de cada indivíduo, concedendo-lhe a capacidade quer de crescimento bem como de desenvolvimento como um todo, isto é, ele é determinado pelo tempo que cada indivíduo dispõe para si próprio após as tarefas e os compromissos.

Por sua vez, Magnan (Tojeira, 1992), menciona que o sentido do lazer prende-se às ocupações pelas quais os indivíduos se entregam de livre e espontânea vontade, qualquer que seja a finalidade, após o cumprimento das obrigações estabelecidas, profissionais, familiares e/ou sociais.

Neulinger, (Freire, 1989), assume o lazer como um estado de espírito, uma forma de o indivíduo estar em paz consigo próprio e, conseqüentemente, com o que for feito.

McDowell (Esculcas, 1999) faz referência ao facto de que as atividades de lazer proporcionam uma combinação de descanso, desafio, jogo, construção, socialização e relaxamento, entre outros, como efeito revitalizador da estima própria, compensando e/ou completando outras atividades em que o indivíduo se encontra inserido, como família e trabalho.

Nas palavras de Dumazedier (2000), o que realmente importa deve-se ao facto de que o dia deixa de ser ocupado exclusivamente pelas horas de trabalho, acrescentando também horas de lazer. Estas horas de lazer, segundo o autor, assumem-se como uma libertação própria, seja como divertimento ou descanso. A verdade, é que a gestão desse mesmo tempo não está sujeito a obrigatoriedades nem imposições por parte de outros, o que solta um livre arbítrio relativamente à responsabilidade de cada um.

Em suma, tempo livre é então caracterizado por todo o espaço de tempo em que o indivíduo pode tomar decisões, sem imposições externas, inseridas no seu contexto social,

podendo estas decisões ser momentâneas ou sistemáticas. Estas práticas poderão ainda ser sistemáticas e orientadas, quando por exemplo o indivíduo representa uma instituição ao praticar determinada modalidade.

Esta nova visão da sociedade, voltada pela busca constante de uma melhoria da qualidade de vida, decorrente do desenvolvimento económico e social, reflete um *boom* no que respeita às práticas contemporâneas de lazer, assistindo-se a uma procura bem como um alargar da tipologia das práticas de lazer. Nas palavras de Machado Pais, *numa nova ética do lazer que tome a vida como uma aventura; o lazer revela-se como uma arma de insurreição contra a quotidianidade. A vida deixa de ser meramente vivida – isto é, repetitivamente para passar a ser investida, criativamente* (Pais, 1994, p. 100). Estamos perante uma nova visão da sociedade, onde existe uma rutura com o quotidiano, com a rotina diária. O indivíduo é incessantemente tentado ao seu momento de lazer, podendo afirmar que gerações futuras, poderão ser chamadas de *Sociedades do Lazer*.

O conceito de atividade física assume, portanto, um significado bastante complexo na medida que é definido por todos os movimentos corporais usados pelo indivíduo em determinados comportamentos, diferenciados com base no contexto em que a mesma é realizada.

Seguido a lógica, Fernandes (2002) aborda o conceito de atividade física incluindo toda a atividade motora praticada pelo indivíduo no seu quotidiano. Segundo o autor, o conceito de atividade física inclui quer as atividades praticadas no lazer do indivíduo, nas atividades desportivas – organizadas ou não –, na escola, nas tarefas diárias, entre outras.

Sobre o tema em análise, Neto (1994), olhando a prática desportiva como uma atividade física e de lazer, remete ao facto de que o desporto deve incluir nos seus desígnios a promoção do princípio da solidariedade bem como a fomentação da cooperação, quer social bem como cultural, entre todos os seus participantes.

Elias e Dunning (1992) debatem o papel do desporto na formação das sociedades contemporâneas, debatendo o lazer como espaço não só interação mas também de sociabilidade. Segundo os mesmos, a prática de atividades ligadas ao desporto e ao desgaste físico, em tempos livres, facilitaria o processo de incorporação das normas sociais, funcionando como uma libertação do indivíduo, isto é, como uma fuga ao stress do quotidiano

Para a propagação das normas, os indivíduos precisam conter desejos e sonhos, com o intuito de criarem uma sociedade regida por leis e regras morais superiores. Uma sociedade onde exista o respeito ao outro, igualdade de oportunidades, democracia e

liberdade de expressão precisa que os seus integrantes contêm os atos violentos e confiem nas regras coletivas e na justiça regida pelo Estado, de modo a que haja harmonia e solidariedade. Elias e Dunning (1992) acreditam que a explicação dos motivos da existência de guerras entre clques, das picardias em jogos de modalidades diversas, da atividade sexual ou até na representação de peças de teatro, recai nos momentos de lazer. Este assume a função de libertação de atos reprimidos pelas normas dominantes por parte do Estado.

O estudo destes dois autores focou-se na análise dos jogos de futebol e das clques organizadas em Inglaterra. Estas são conhecidas pela violência excessiva e pelo vandalismo, sendo que os chamados *Hooligans* assumem-se como um problema social na Europa. No seu trabalho de investigação, em entrevistas a alguns integrantes destas clques, segundo Dunning, espetáculo desportivo é classificado como secundário, visto que a guerra com a polícia e com a clque rival é o maior evento do dia de jogo. Segundo o autor, estes atos revelam a repressão do mundo das obrigações no quotidiano dos seus integrantes, assumidos como fanáticos, apontando as lutas de rua como a exteriorização de todas as suas ações reprimidas e todo o peso do processo civilizador.

A busca da excitação é, segundo Elias e Dunning (1992), uma forma de procurar um refúgio da repressão social existente. Esta acontece no tempo livre ou no lazer, sendo que lazer, neste caso, define-se como o processo amplo de criação de laços sociais e interdependência, diferente por exemplo do mundo das obrigações sociais como escola, trabalho, família e religião onde ocorre a repressão.

Em suma, Elias e Dunning (1992) asseguram a falta de uma teoria central relativamente ao lazer, capaz de dar resposta a tudo o que este tema suscita. Procuraram criar uma tipologia capaz de compreender as atividades de tempo livre, fazendo uma distinção relativa a estas mesmas atividades, ou seja, todas as atividades de lazer são atividades de tempo livre, mas nem todas as de tempo livre são de lazer.

Neste sentido, as diferentes culturas juvenis resultam de variadas práticas sociais e culturais intrínsecas ao lazer, constituindo diversos hábitos desportivos, traduzindo-se em distintas tendências de práticas desportivas dos jovens. Estas práticas, de modo a que sejam apreendidas e compreendidas, devem ser associadas ao conceito de desporto, bem como a sua evolução ao longo dos tempos.

Por Marivoet (2002), o conceito de desporto envolve delimitar as práticas que são consideradas desportivas. Aparentemente um assunto de abordagem fácil, torna-se complexo na altura de reunir consenso relativamente ao critério em considerar algo como

desporto, face à facilidade de formação de ideais que, exercendo ou não uma maior influência, em muitos casos sob conveniências específicas, poderá surgir uma hegemonia de interesses e valores de uns sobre outros.

O chamado desporto moderno ou as novas práticas de lazer denominadas por sport, gozou os seus primórdios em Inglaterra entre meados da segunda metade do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX, proliferando-se no futuro noutros países. Os primeiros desportos identificados como tal foram as corridas de cavalos, o pugilismo, a caça à raposa, o futebol, luta, ténis, críquete e atletismo.

O termo *sport*, inglês, foi sendo adotado pelos outros países como uma tipologia geral na definição de passatempos ingleses, divulgados por muitos países. Em analogia ao termo industrialização, Elias (1992) chamou de *desportivização* às atividades ligadas ao desporto, determinadas como um padrão de movimento e de lazer à escala mundial, nomeadamente no séc. XIX e XX. O mesmo autor refere que este tipo de atividades e passatempos colmataram necessidades individuais e também coletivas de lazer, sentidas por diversos indivíduos em vários países.

Segundo Norbert Elias (1992), o estudo decorrente da origem do desporto moderno não passou de uma tentativa de resposta à questão de que aquilo que era designado por desporto moderno era algo novo ou somente o renascer de algo que já existiu anteriormente e fora esquecido pela sociedade. Neste sentido, o autor focou-se no estudo das características específicas existentes na sociedade inglesa que contribuíram significativamente face ao desenvolvimento das práticas designadas por *sport* (desporto).

Para Marivoet (2002), o desporto moderno, que despontado em finais do século XIX, viu-se alvo de transfigurações seguindo de acordo com as transformações sociais verificadas no decorrer do séc. XX, deixando claro que as formações inicialmente definidas sustentadas na Antiguidade Clássica ou na Idade Média em nada se afiguram com a realidade social do desporto na Era Moderna. A Autora refere ainda que o desporto na Era Moderna insere-se num processo de uniformização das sociedades, codificando e institucionalizando as diferentes práticas físicas, tudo sob alçada de uma regulamentação e regulação das práticas desportivas.

É neste contexto, segundo a mesma autora, que durante toda a metade do século XX, tudo aquilo que pretendia definir o conceito de desporto, defendia as práticas desportivas aquando estas envolviam institucionalização, isto é, por outras palavras, eram consideradas práticas desportivas quando existia organização e normas, bem como quando contemplam competição, ou seja, permitem comparação de performances físicas.

Norbert Elias (1992), rege uma análise referente às interações existentes entre a prática desportiva, e sua consequente transfiguração, e o desenvolvimento civilizacional das sociedades ocidentais. A finalidade da análise prende-se à discussão do papel do desporto no processo civilizacional das sociedades desde a Antiguidade Clássica até à Era da Modernidade. O autor faz referência às relações mantidas entre padrões de auto domínio quanto a impulsos ou violência com o reforço dos Estados Nações, o controlo dos meios de violência e uma evolução de acordo com uma organização social, permitindo detetar transgressões quase de um modo automático com base nestes padrões, quer as transgressões ocorram na sociedade própria ou outra.

A finalidade direciona-se à proteção do indivíduo. O exercício físico deixou de ser visto como um meio de impor ideais próprios ou conquista de algo recorrendo à violência física face a abominação ao sangue e a qualquer tipo de ataque feito ao adversário que provocasse dor ou lesões que a partir de então, era encarado com vergonha. Esta nova visão garante ao indivíduo adquirir uma maior capacidade de regulamentação bem como de reconhecimento das regras, estando o indivíduo subordinado às mesmas.

Neste sentido, Norbert Elias (1992) faz um levantamento dos diferentes valores presentes nas diferentes eras civilizacionais. Enquanto que na Antiguidade Clássica as práticas desportivas distinguiam-se pela força, beleza física, resistência e aprumo, na Era Moderna dá-se a emergência de novos valores que privilegiam a inteligência e o carácter moral – *ethos* – de quem usufruí da prática desportiva. O autor considera que na Era Moderna há um investimento a nível de regulamentação e regras com fim a restringir a força física e a violência, evitando casos mesmo de morte, como sucedia em tempos passados. Na Era Moderna a prática desportiva assume maior lealdade e espírito desportivo, privilegiando a justiça e o carácter moral – *ethos*. Estas alterações permitem um maior auto-controlo do estado emocional de cada indivíduo, a criação de uma maior consciência moral, direcionando para as apetências pelo confronto nas práticas desportivas sem risco de violência física devido às regras institucionalizadas nos desportos.

Esta necessidade de comparação de eras civilizacionais, quer para Norbert Elias (1992) quer para Marivoet (2002) surge no âmbito da adaptação do desporto à realidade social presente. A prática desportiva afigura-se como uma forma de satisfação por parte dos indivíduos que vêm necessidades sociais saciadas. As práticas desportivas passam a assumir também um papel quer educativo bem como formativo na geração da nova sociedade.

Neste sentido, de acordo com Marivoet (2002), as condições a nível social para uma forte adesão às práticas desportivas foram criadas, sustentadas por uma codificação, normalização e institucionalização, o que permite uma comparação entre identidades locais distintas não margem a que haja risco de confrontos entre essas mesmas identidades locais.

A autora em questão refere ainda o desenvolvimento de outras dinâmicas na sociedade ligadas à prática desportiva, tais como a competitividade, que em nada se ajusta com os princípios do amadorismo. É com base neste princípio que Marivoet (2002) refere que as práticas são desportivas dada a existência de institucionalização nas mesmas, isto é, terá de existir organização e fiscalização. Além deste critério, a autora refere que as práticas são consideradas desportivas quando esta reflete uma comparação de performances entre os indivíduos – competição – bem como quando assume uma dimensão lúdica e de movimento corporal.

Conforme Marivoet (2002), na busca da definição do conceito desporto, muitos autores apoiaram as suas teses na definição de *jogo* de Johan Huizinga (2003), na sua obra *Homo Ludens*, delimitando assim os seus campos de investigação e/ou intervenção.

Segundo Huizinga (2003), a definição de jogo acarreta uma ação livre que leva o indivíduo para campos além da rotina do quotidiano. O jogo é vivido com interesses materiais e de conveniência e realizado num espaço e tempo totalmente definidos, institucionalizados sob a alçada de regras e normas.

Após a definição do conceito de jogo de Huizinga, segundo Marivoet (2002), nesta estão presentes critérios de institucionalização ou competição que aliados ao movimento físico ilustram as primeiras definições daquilo que é o desporto. Contudo, passa a existir a preocupação em diferenciar jogo e desporto. Passa a esmiuçar-se a prática desportiva de acordo com o desenvolvimento social onde a finalidade desta atinge a competitividade e a comparação de performances.

As afirmações de Marivoet (2002) sobre a institucionalização do desporto estão sustentadas na definição de Jean-Marie-Brohm onde o desporto é identificado como um sistema institucionalizado de práticas competitivas, em grande maioria físicas cujo objetivo foca-se em ser o melhor desportista, ou seja, existe uma comparação de performances onde a finalidade é, através de prestações físicas, ser o melhor. Ainda no tema, aponta à existência de práticas desportivas hegemónicas ao invés de outras, o que em nada interfere com o caso de elas se expressarem bem como desenvolverem na sociedade.

Sobre o conceito de desporto conclui-se, de acordo com Marivoet (2002), olhar para o sistema desportivo e considerar que só as práticas cujos objetivos são a melhoria constante dos níveis de performance, inseridas em quadros competitivos, organizadas e enquadradas pelas organizações desportivas, torna-se redutor, tanto mais que as fronteiras entre as diferentes práticas desportivas não são imutáveis.

1.2.2. Atividade físico-desportiva e saúde

Quando se exalta o conceito de Saúde, a ideia que daí advém reflete-se na presença ou não de doença ou do bem-estar físico. No entanto, de acordo com a definição dada pela Organização Mundial de Saúde, o termo saúde é compreendido como o pleno bem-estar não só físico, mas também mental e social. (WHO, 1947) Então, a saúde não pode ser apenas caracterizada pela ausência de doença e enfermidade. (Mota, 1999)

Não existindo dados concretos relativamente à correlação proveniente do aumento da atividade física e benefícios para a saúde do indivíduo, um conjunto de fatores indica que não será errado concluir que um estilo de vida ativo, conjuntamente a outros comportamentos positivos terão um impacto benéfico na saúde dos indivíduos (Mota, 1992).

No geral, Mota (1992) alega que os benefícios da prática de atividade física incididos em determinados fatores intrínsecos à saúde do indivíduo são aceites, principalmente no que concerne à sua ação preventiva em certos problemas que surgem na vida do indivíduo, mais precisamente doenças de domínio cardiovascular e ortopédico, bem como a nível de fatores de risco como é o caso da obesidade. Segundo o mesmo, a atividade física poderá diminuir no indivíduo a sua carga de stress emocional.

Em virtude dos factos referidos, pode-se concluir que os benefícios corporais da prática de atividade física refletem-se, na sua grande maioria, numa maior capacidade cardiovascular, diminuição de peso e aumento de massa muscular no indivíduo. Simultaneamente, os benefícios a nível psicológico da prática de atividade física, o indivíduo goza de momentos de relaxamento, libertando-se de toda a carga emocional que vai adquirindo ao longo do dia. Por outras palavras, o indivíduo vê os seus índices de ansiedade reduzidos bem como os níveis de depressão.

Enquanto criança, não é certo que prática de atividade física regular garanta no futuro um adulto saudável, isento de riscos no que respeita a doenças a nível cardiovascular. No entanto, poderá induzir o indivíduo a que perpetue hábitos regulares

de prática de atividade física, aliados a uma alimentação equilibrada e saudável. (Gomes, 1993)

Atualmente, os jovens têm disponíveis inúmeras formas de superar estados mais constrangedores decorrentes da idade, como obesidade ou auto-estima baixa, através do acesso à prática de atividade física.

No encaço do mencionado anteriormente, a promoção da prática de atividade física regular desde criança assume-se como fundamental no que confere ao papel de fatores exteriores ao processo de envelhecimento natural, na medida em que estes possam desempenhar um papel positivo, ou até mesmo neutro. Ou seja, a prática de atividade física regular desde a infância concede ao indivíduo uma série de hábitos que poderão evitar consequências maliciosas no seu corpo além do envelhecimento natural. (Gomes, 1993) No seguimento, a importância da atividade física e sua prática, quer em contexto de lazer bem como em contexto escolar, nunca deverá ser ignorado, dados os benefícios que esta confere saúde do indivíduo. (Mota, 1992)

Segundo Bento (1998), a atividade física e a saúde mantêm entre si uma relação algo próxima, não apenas com base nos conceitos tradicionais de saúde e doença mas também à importância atribuída à atividade física no que concerne a promover estilos de vida saudáveis nos indivíduos. O autor referido faz também referência ao facto do indivíduo, através da atividade física, pode intervir no seu corpo recorrendo à mesma para alterar/melhorar aspetos que o satisfaçam, como por exemplo emagrecer ou tonificar os músculos do corpo.

A sociedade, alvo de constantes mutações e transformações, onde o indivíduo deixa de focar-se apenas no trabalho e tudo o que este envolve, voltando-se para o lazer e a cultura, onde a atividade física e desportiva assumem uma importância primordial.

Quer espaços urbanos e espaços não-urbanos são invadidos diariamente por variadíssimas atividades físicas e desportivas. Bach (1993) alega que a sociedade passou por uma reinterpretação das atividades físicas e desportivas informais, como deslocar-se para o trabalho de bicicleta ou praticar *jogging* no centro da cidade em horas de ponta. Estas atividades conceptualizam-se como não organizadas, ou seja, não obedecem a regras instituídas por entidades superiores como escola ou clubes federados. A participação nas mesmas tem como carácter especial a sua espontaneidade, visto que não é necessário nenhum pré-requisito à prática das atividades descritas. A atividade física e desportiva informal é feita de livre e espontânea vontade por parte do indivíduo, esclarece o autor.

1.2.3. Benefícios da atividade físico-desportiva

Ao longo da história, a vida do indivíduo bem como a sua sobrevivência era encarada como dependente da sua aptidão física. O indivíduo foi assumindo como preocupação, com o passar dos anos e a sua evolução, a redução dos riscos que poderiam trazer malefícios à sua vida.

Pelo pensamento de Duarte (1999), o indivíduo vê-se no dever de encarar a atividade física regular como aspeto fulcral ao bem-estar físico, social e emocional do mesmo. O autor defende ainda a implementação de medidas sociais e educacionais como forma de combate a um dos grandes problemas da sociedade contemporânea, o sedentarismo.

O sedentarismo arcou-se como um dos principais problemas e desafios da sociedade contemporânea, visto que o indivíduo na busca de uma melhor qualidade de vida, atingiu uma determinada comodidade, carregada de exageros.

Por sua vez, Costa (1991), deixando de parte compromissos profissionais e o princípio da competitividade, destaca como objetivos principais dos indivíduos na prática de atividades físicas e desportivas fatores físicos e de bem-estar, tais como a perda de peso, amplificação da capacidade física, ocupação de espaços de tempo livre e lazer, libertação de *stress* e também como prevenção cardiovascular. Segundo Gomes (1996) a atividade física, atualmente, assume uma importância indiscutível no que concerne à promoção de hábitos e estilos de vida saudáveis. Em suma, a prática de atividades físicas, assume-se como uma componente fundamental ao desenvolvimento dos domínios bio-psico-social no corpo do indivíduo. Não descorando, que estas práticas possam surgir no âmbito de atividades de lazer ou recreativas.

Como mencionado anteriormente, a atividade física apresenta resultados benéficos no que concerne ao equilíbrio e bem-estar emocional do indivíduo. Além do mais, parecem existir certezas de um efeito igualmente benéfico relativamente à redução dos índices de ansiedade e depressivos do indivíduo. (Esculcas, 1999)

Em seus escritos, Blair (1993) exalta a importância da atividade física praticada regularmente, em idade adulta, relativamente aos efeitos positivos relacionados com a saúde do indivíduo. A atividade física é encarada pelo autor como preponderante na redução do risco de doenças bem como o aumento da esperança de vida do indivíduo. É igualmente importante na libertação do *stress* emocional e em problemas que assolam a sociedade atual, como obesidade e sedentarismo. Relativamente aos mais novos, crianças

e jovens, alega que a importância da atividade física recai primordialmente no domínio da saúde que no domínio da aptidão física.

Em virtude do assunto discutido, a importância da atividade física na criança, é abordada por Nunes (1999) como essencial ao desenvolvimento psicomotor da mesma. Segundo o autor mencionado, o movimento pode assumir um papel de extrema influência nos primeiros pensamentos autónomos da criança, contribuindo para o desenvolvimento da sua inteligência. Contribui também para o crescimento saudável da criança, atuando como um estímulo às hormonas de crescimento do organismo da criança.

Segundo a mesma lógica, recorrendo a Marivoet (1997), damos conta de um reforço do papel educativo por parte das atividades físicas, sendo este encarado como um meio de transmissão quer de valores quer de respeito. A mesma alerta ainda para a contribuição das atividades físicas na diminuição de comportamentos violento, visto que com a prática de desporto o indivíduo depara-se com uma perna de energia que, neste caso, é positiva.

Em suma, e concluindo que a promoção da atividade física tem como grande objetivo um estilo de vida ativo e saudável adotado pelos indivíduos, a sociedade vê-se necessitada de políticas que proporcionem essa promoção de modo a que se torne aliciente aos olhos dos indivíduos. Estas políticas deverão aceder aos interesses de diversos grupos alvos, que podem até ser identificados consoante o escalão etário, consoante os objetivos dos mesmos, com diferentes necessidades, possibilidades e até mesmo preferências.

Segundo Bento (1998), em seus estudos, este levanta a problemática de que parte das gerações mais novas são já portadores de fatores de risco como por exemplo doenças cardiovasculares. O mesmo autor alega que parte destes problemas surgem devido à falta de prática de atividade física por parte de crianças e jovens, ou seja, devido à inatividade física. Esta questão carrega necessidades quanto à identificação dos fatores que geram esta inatividade física o que leva ao progresso e desenvolvimento no que concerne a medidas governamentais com o objetivo principal de acautelar doenças crónicas aquando a idade adulta.

No seguimento, Neto (1994) concorda com a propagação de programas desportivos e recreativos, alegando que estes seriam encarados como resposta e combate ao sedentarismo bem como às doenças típicas da sociedade contemporânea. O autor mencionado refere ainda que a prática de atividade física e desportiva de modo regularizado, presenteia a qualidade de vida dos indivíduos assumindo benefícios na ordem do alargamento das capacidades físico-motoras, da criação de relações de

sociabilidade bem como uma valorização da autoestima. Neste sentido, e tendo em conta a sedentarização visível na sociedade contemporânea, a prática de atividade física e desportiva assume uma atitude preventiva no que respeita à saúde dos indivíduos.

Levando em consideração os aspetos mencionados, a atividade física e desportiva logrará uma determinada influência positiva no desenvolvimento e bem-estar quer a nível motor quer a nível psicossocial dos indivíduos, desde a idade de infância até à idade adulta. (Bento, Garcia, & Graça, 1999)

Neto (1994) realça ainda a questão de que a atividade física e desportiva pode e deve ser propagada a todos os indivíduos, independentemente das idades, desde que esta atividade seja ajustada consoante as dificuldades de cada um, às suas motivações e suas expectativas.

1.2.4. A Escola e a prática de atividade físico-desportiva

Estando o foco da nossa análise centrada nos hábitos e gostos pela prática de atividade físico-desportiva de jovens alunos, é de pertinência total dedicarmos uma parte da mesma à instituição supramencionada.

A escola é vista como a instituição que acarreta maiores responsabilidades no que concerne à promoção de hábitos regulares de atividade física e desportiva nas gerações mais novas, isto presumindo que quase a totalidade de crianças e jovens frequentam a escola. Neste sentido, Mota (1992) refere-se à instituição escola como única hipótese de muitas crianças e jovens terem acesso à prática de desporto na sua vida.

Na ótica do autor referido, a disciplina de Educação Física confere uma importância acrescida no que alude à prática de atividade física e desportiva por parte das crianças e jovens, tornando-se um impulso favorável à aquisição de hábitos que privilegiem um estilo de vida saudável, valorizando a relação entre atividade física e a saúde.

Neste sentido, a aula de Educação Física é encarada como fundamental ao aumento da prática de atividade física pois, como já referido, poderá ser a única possibilidade de muitas crianças e jovens praticarem desporto e usufruir dos benefícios advindos deste. (Mota, 1992)

Desde que o indivíduo é vinculado à escola, é alvo de um acompanhamento educativo, cabendo à disciplina de Educação Física o papel de dar educação motora e do próprio corpo. Neste sentido, é conferida à disciplina de Educação física um papel fundamental no que assenta na promoção de hábitos saudáveis. (Nunes, 1999)

Mota e Sallis (2002) abordam esta problemática debruçada numa abordagem à instituição escolar, olhando esta como um meio influenciador de atividade física. Posto isto, dividem a abordagem feita em duas vertentes de análise. Primeiro, uma abordagem que engloba os níveis de atividade promovidos pela escola e, em segundo, uma abordagem refletida na transmissão de hábitos de prática de atividade física que poderão ser preservados e mantidos ao longo da vida do indivíduo.

Nas palavras de Bento, *o ensino é um acto social ou, se se preferir, uma forma de actuação ou interacção social* (Bento, 1995, p. 175), isto é, a escola atua como meio influenciador dos indivíduos num período encarado como decisivo ao desenvolvimento da sua personalidade e projeção do seu futuro, incluindo as dimensões sócio-afetiva, moral, física bem como cognitiva. O mesmo autor considera ainda que *no ensino da educação física e desporto estamos perante uma forma de interação social por excelência* (Bento, 1995, p. 175).

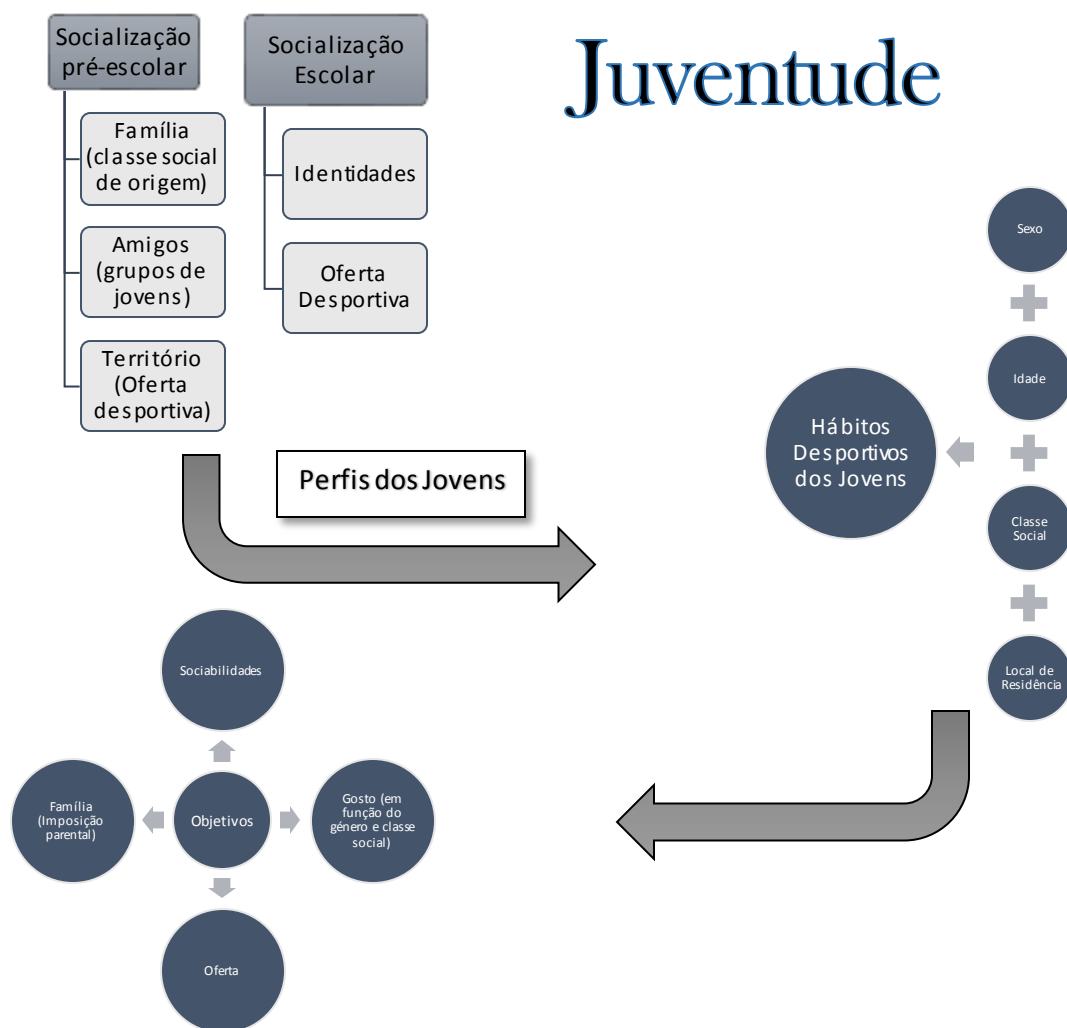
Sobre o tema, Marivoet (2002) considera a instituição escolar como o meio onde a socialização a nível desportivo melhor se exprime, considerando que é neste espaço onde a prática desportiva engloba maior volume de participantes, através da disciplina de Educação Física, superiorizando-se a outras instituições.

Em análise aos factos discutidos, segundo Mota e Sallis (2002), ao papel da instituição escola, incumbe-se a obrigação desta em influenciar e persuadir os mais novos – adolescentes – a assumirem estilos e hábitos de viver saudáveis e que estes se perpetuem ao longo da sua vida, como é o caso da prática regular de atividades físicas e desportivas. Os autores mencionados, analisam ainda o papel influenciador por parte do docente destacado a lecionar a disciplina de Educação Física, atribuindo-lhes uma importância extra no que concerne à sua influência nos adolescentes que poderá funcionar como motivação aos mesmo face a praticarem atividade física e desportiva no futuro.

Bento (1995) demonstra grande preocupação associada ao facto de se registar um desinvestimento relativamente às ofertas governamentais fomentadas em prol da atividade física e desportiva por parte de variadíssimos países. Este desinvestimento pode ser encarado como uma regressão aos escritos sobre o peso da atividade física e desportiva nas gerações mais novas, resultando, por ventura, numa redução da importância da disciplina de educação física e, conseqüentemente, uma diminuição do número de horas curriculares da disciplina em si. O mesmo autor considera que esta ocorrência age em concordância com a indesejável tendência registada, onde os níveis de atividade física e desportiva nas crianças e nos jovens são bastante baixos e alarmantes.

Em suma, e reforçando o papel da escola no processo de formação do indivíduo e de construção identitária do mesmo, Pires (2002) faz referência ao papel assumido por parte da instituição escola no que assiste à preparação do futuro do indivíduo. Pelo autor, a escola não deve somente preparar o indivíduo face às especificações do mercado de trabalho como também, igualmente, preparar o mesmo face ao denominado mundo do lazer, isto é, educar o indivíduo com vista à satisfação em termos de bem-estar e lazer do mesmo.

1.3. Modelo de Análise



O modelo de análise ilustrado baseia-se na problemática destacada e consequente nomeação do objeto de estudo. Neste sentido, o modelo em questão finda a operacionalização da questão de partida bem como as várias hipóteses de análise para o presente estudo.

Inicialmente apresentando uma justificação teórica debruçada no termo juventude, com a exploração de conceitos ligados à socialização e formação identitária, recorremos a uma análise na busca pelos perfis dos jovens constituintes da amostra e, assim, explorar os hábitos desportivos dos mesmos. Com os perfis dos jovens e os hábitos desportivos dos mesmos detetados, partiremos em direção aos objetivos definidos para a presente dissertação. Neste sentido, incorreremos nas conclusões extraídas da análise feita bem como na aceitação ou negação das hipóteses formuladas.

Capítulo 2 – Metodologia

2.1. Questão de Partida, Objeto e Objetivos

Portugal, nos últimos anos, tem sido alvo de mudanças rápidas no que concerne à qualidade de vida dos indivíduos bem como nos fatores influenciadores da saúde dos mesmos, apresentando importantes melhorias nos indicadores de saúde, tanto materna como infantil, bem como relativamente a algumas doenças crónicas e degenerativas, quando medidas em potenciais anos de vida perdidos. No entanto, as doenças cardiovasculares continuam a ser a principal causa de morte no nosso país, sendo que, anualmente, 7000 portugueses são vítimas destas doenças relacionadas com o seu estilo de vida. (Estatística, 1999)

No respeito ao desenvolvimento prematuro de doenças cardíacas, estacam-se dois tipos de fatores de risco: aqueles que o indivíduo não controla como o sexo, a idade, a raça e a hereditariedade e aqueles que podem ser alterados através de mudanças do estilo de vida. (Esculcas, 1999)

Neste sentido, a atividade física assume-se como um comportamento sobre o qual o indivíduo detém uma grande margem de controlo voluntário e, embora não subsistam evidências definitivas, existem informações suficientemente importantes que nos levam a admitir que estilos de vida ativos, em conjugação com outros comportamentos positivos, podem ser benéficos para a saúde dos indivíduos. Deste modo, a atividade física e o desporto deverão ser vistos como parte de um estilo de vida. (Esculcas, 1999)

Assumindo-se o impacto da atividade física sobre a saúde na idade adulta como positivo, pretende-se então que a transmissão de estilos de vida ativos na juventude haja como meio de prevenção, podendo reduzir os fatores de risco nas crianças e adolescentes da mesma forma que nos adultos. (Esculcas, 1999)

É importante referir que as atividades realizadas pelos indivíduos durante o tempo de lazer afetam o estado de saúde das pessoas. Neste sentido, não se deve descurar a influência nem o poder desta transformação dos modos de vida que o tempo livre e, particularmente o lazer, oferecem aos indivíduos e à sociedade no que espeta a uma melhoria na qualidade de vida dos mesmos. (Esculcas, 1999)

O lazer por parte da criança, incluindo a prática de atividades desportivas e atividades ligadas às mesmas, é um direito da criança, onde esta tem oportunidade de exprimir as suas motivações bem como promover o seu desenvolvimento físico e social.

No entanto, dadas as alterações ocorridas na estrutura social e económica das sociedades, têm ocorrido transformações relativamente aos hábitos quotidianos e valores dos indivíduos, originando implicações na ocupação do tempo livre e conseqüentemente nas oportunidades lúdicas oferecidas à criança. O tempo livre da criança passou a ser encarado como uma questão problemática de organização e gestão dificultada, determinado pelos muitos constrangimentos da sociedade atual.

Assim as práticas desportivas e as atividades físicas como atividades de ocupação de tempos livres e de lazer, têm uma relevância de destaque quando falamos de crianças.

A importância da atividade física e desportiva para um desenvolvimento e crescimento equilibrado é, por norma, ignorada, bem como o seu importante contributo no que diz respeito à aquisição de um estilo de vida saudável, valorizando-se a sua forte relação com a saúde.

Segundo o estudo de Amaral (2006), com base nas práticas de lazer dos jovens, poderemos retirar indicações sobre a forma de como estar podem ter influências nos seus estilos de vida bem como se conduzem a diferentes formas e conceitos de vida.

Partindo sempre das atividades desportivas no âmbito escolar, formulamos as seguintes questões iniciais: **Qual o impacto que a atividade desportiva assume na construção identitária dos jovens? Quais as influências dessas identidades para a prática e não prática de atividade desportiva escolar dos jovens?**

Neste sentido, serão objetivos deste estudo: identificar o tipo de atividade desportiva realizada nas práticas desportivas escolares, se existe diversidade das práticas ou concentração em número reduzido; saber se a atividade praticada é a preferida, se existem diferenças entre sexos, identificando as influências e os impedimentos que condicionam a prática desportiva, estudando a influência dos pais no envolvimento desportivo por parte dos alunos, além de estudar as práticas desportivas no contexto das atividades culturais e de lazer mais vastas.

Depois de identificados os objetivos do presente estudo bem como as perguntas de partida intrínsecas no mesmo, formularemos um conjunto de hipóteses teóricas que serão testadas e/ou verificadas no decorrer do estudo em si. As hipóteses formuladas são as seguintes:

H1 – A prática desportiva por parte dos jovens influencia as suas relações a nível das sociabilidades;

H2 – É estatisticamente significativo o gosto pelo desporto em função do género;

H3 - As práticas culturais de lazer diferenciam-se em função do género;

H4 – Há uma preferência por modalidades desportivas coletivas em detrimento das individuais;

H5 – É estatisticamente significativo o gosto pelo desporto em função do grupo social.

2.2. Metodologia de Investigação

No que respeita à metodologia utilizada no presente estudo utilizaremos uma abordagem mista quantitativo-qualitativa, sendo com base nos dados provenientes destes que iremos testar as hipóteses teóricas e, conseqüentemente, alcançar conclusões resultantes das hipóteses mencionadas anteriormente.

Entende-se por métodos de investigação, estratégias adaptadas de pesquisa, pois possuem fases e tarefas que exigem o uso de competências articuladas entre si, arriscando ter maior ou menor flexibilidade, ou seja, o circuito de retroação epistemológica. Por sua vez, as técnicas são instrumentos que o investigador utiliza ao longo da sua pesquisa. Os métodos de investigação são cruciais na obtenção de informação para a nossa investigação. É preciso definir métodos para partir para o terreno na sequência de um confronto com as hipóteses teóricas implícitas no estudo. Após esta definição é possível prosseguir para o terreno com o intuito de recolha e análise dos dados. Numa outra etapa estes dados analisados traduzir-se-ão em resultados.

Estes dados assumem um importante papel na investigação sociológica, isto porque deles resulta uma corroboração ou refutação das hipóteses teóricas levantadas. Deste processo derivam as conclusões da investigação empírica.

Na continuidade da realização da presente investigação utilizou-se uma estratégia hipotético-dedutiva, isto é, um método de análise extensiva, ainda que não o seja na sua versão mais pura e original. Este método permite confrontar as teorias já existentes com os dados empíricos e deduzir, possivelmente, uma nova teoria. Esta estratégia caracteriza-se particularmente por se seguir, principalmente, por raciocínios dedutivos que servem como ponto de partida da teoria para a empiria. É importante notar que, mesmo seguindo uma linha de raciocínios dedutivos, os raciocínios indutivos não deixam de estar presentes e representados na estratégia utilizada dado que, depois de se estar no campo, volta-se às hipóteses teóricas com o objetivo de as reformular, confirmar ou rejeitar. Em suma, assume-se como um processo de vaivém entre a teoria e a empiria.

De acordo com os factos mencionados anteriormente, este método pressupõe a existência de uma pesquisa teórica na parte inicial do trabalho de investigação. São construídas hipóteses teóricas operacionais através da formulação da questão de partida e dos objetivos. Estas proposições são operacionais, na medida em que determinam a produção dos dados podendo ser confrontadas com a empiria. Depois de testadas são validadas, ou não, levando à compreensão do fenómeno social em estudo.

2.2.1. Caracterização da Amostra

A população-alvo incide sobre os estudantes do ensino secundário. Relembrando Churchill,

a população é definida como a totalidade de elementos que estão em conformidade com as especificidades estabelecidas. As especificações definem os elementos que pertencem ao grupo alvo e aqueles que não pertencem (...) A definição da população deve geralmente ser feita geograficamente, temporalmente ou com critérios demográficos

(Vicente, Reis, & Ferrão, 1996, p. 39).

É-nos impossível trabalhar com a população existente, tendo que seleccionar uma amostra dessa mesma, ou seja, constrói-se uma amostra que seja representativa dessa população.

Para elaborar esta amostra podemos utilizar técnicas de amostragem como a amostragem probabilística e a amostragem não probabilística. Hansen diz-nos que,

uma amostra é considerada aleatória ou probabilística, se for recolhida por um processo tal que assegure que todo e qualquer elemento (ou grupo de elementos) da população tem probabilidade, calculável e diferente de zero, de ser escolhido para integrar a amostra

(Vicente, Reis, & Ferrão, 1996, p. 44).

Uma amostra é tida como não aleatória quando um critério subjetivo é aplicado na seleção propriamente dita das unidades da amostra. Esta subjetividade impossibilita a determinação da

probabilidade de certo elemento ser escolhido, o que torna igualmente impossível avaliar objetivamente a qualidade da amostra em termos de representatividade e a credibilidade contida nos resultados

(Vicente, Reis, & Ferrão, 1996, p. 46).

Em suma, independentemente da técnica escolhida o objetivo de qualquer processo de amostragem é a obtenção de uma amostra representativa da população.

No seguimento do mencionado até então, a amostra do nosso estudo consiste em 45 alunos inscritos no ensino secundário na instituição Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto e também em três professores. Neste sentido, e partindo da certeza que ao longo do nosso estudo irá ser usada uma metodologia mista, ou seja, quantitativa e qualitativa, a amostra variará consoante as mesmas. Assim sendo, no que toca à abordagem qualitativa, o instrumento de recolha de dados utilizado no presente estudo é a entrevista. Para a mesma, relativamente à seleção da amostra, esta incide em três professores que lecionam no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto, nomeadamente nas turmas inquiridas na abordagem quantitativa.

2.2.2. Inquérito por Questionário

O inquérito por questionário é uma técnica de recolha de dados usada ao longo do presente estudo. Assume-se como uma das técnicas mais utilizadas em contexto de sondagens e de opinião. Referindo as palavras de Quivy e Campenhoudt, um inquérito

consiste em colocar um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores

(Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 188).

O inquérito por questionário corresponde então a uma técnica de recolha, tratamento e análise de informação, situada nas metodologias quantitativas.

Segundo Grawitz (1993), o inquérito por questionário é uma técnica não documental de observação não participante. Esta técnica parte de perguntas pensadas com determinado conteúdo e ordem de forma a suscitar no inquirido um determinado conjunto de discursos individuais. Sendo que cabe ao investigador analisá-los a nível estatístico para possibilitar a capacidade de generalizar os resultados da amostra para a população.

O principal objetivo desta técnica é testar hipóteses para conhecer melhor uma realidade, ou seja, confirmar, refutar ou reformular hipóteses, pretendendo estudar regularidades e estabelecer relações prováveis entre variáveis, sendo, por isso, uma técnica extensiva que assenta na standardização. É, também, um instrumento cuja diretividade é maior, sendo que o nível de liberdade é mais condicionado uma vez que as respostas são pensadas e escolhidas pelo próprio investigador.

O inquérito por questionário está dividido por diversos momentos. Inicialmente definem-se os temas que estão na base da inquirição. De seguida procede-se à determinação da amostra a inquirir. Após essa determinação, constrói-se o questionário e planeia-se a forma de o tratar. Aplica-se, então, o pré-teste para depois se reeditar o questionário. Após estas fases administra-se o inquérito por questionário e por fim faz-se uma análise univariada, multivariada e de análise de conteúdo e apresentam-se os resultados.

Para a aplicação do nosso questionário, foi necessário, primeiro que tudo, selecionar uma amostra representativa da população, de forma a colocar em prática o nosso estudo. A população alvo é constituída unicamente por estudantes do ensino secundário do Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto cumprindo o ano letivo de 2014/2015.

Os elementos da amostra são do género feminino e masculino, sem qualquer restrição de idade e do espaço geográfico, apesar da aplicação dos questionários ter sempre decorrido na área geográfica do Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto.

O questionário foi aplicado por administração direta após a obtenção de um parecer positivo por parte do professor orientador do presente estudo aos alunos inseridos em três turmas do ensino secundário do estabelecimento referido, mais precisamente, uma turma de 10º, 11º e 12º ano de escolaridade.

Foram explicados os propósitos do questionário, bem como a informação obtida pelos mesmos. Foram deste modo adotadas algumas estratégias que nos permitissem ter

sucesso na aplicação do questionário, operacionalizadas através dos seguintes procedimentos:

- a) O questionário era confidencial, sendo preenchido em regime de anonimato.
- b) Era solicitado que as respostas correspondessem às opiniões reais dos inquiridos.
- c) Aos professores envolvidos na distribuição dos questionários foi-lhes explicado o âmbito e carácter deste estudo.

2.2.3. Entrevista

A entrevista é outra das técnicas de recolha de informação utilizadas na nossa investigação. Entendemos que uma entrevista consiste num *contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele* (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 1991).

A entrevista corresponde a uma técnica, utilizada na Sociologia, que permite focar dimensões mais profundas que o inquérito por questionário não atinge. É aplicada através de uma inter-relação entre dois atores sociais com papéis distintos da qual se forma conhecimento através de diferentes pontos de vista e, por isso, pode-se classificar como de carácter qualitativo. Por outras palavras, é uma conversa com entrevistado que tem por base objetivos estabelecidos e precisos, controlados por parte do entrevistador. Nesta lógica, é necessário, por parte do entrevistador, um maior controlo e neutralidade que não seriam precisos aquando da aplicação do inquérito.

A entrevista permite, então, a co-presença física de entrevistador e entrevistado que gera uma interação numa situação social definida que condiciona a qualidade e quantidade da informação.

Com a entrevista, o contato entrevistador – entrevistado é mais direto e mais próximo. Se com o inquérito por questionário, as respostas são de carácter direcionado, simples e objetivos, na entrevista pressupõem as perceções, os pontos de vista, as experiências, as interpretações e as reações do entrevistado. São respostas mais subjetivas e do foro pessoal que demonstram autenticidade e intensidade. Contudo, cabe ao entrevistador intervir de modo a assegurar que a entrevista siga os moldes previstos.

As respostas da entrevista não são passíveis de análise quantitativa mas sim de uma análise de conteúdo com categorização da mesma, através da qual se testam as hipóteses de trabalho definidas a priori.

No presente estudo, consideramos pertinente o uso de entrevistas semi-estruturadas. Este tipo de entrevista assume um guião estipulado como orientador da

entrevista em si, no entanto, não se prende estritamente às questões estipuladas, existindo uma adaptação ao entrevistado, bem como uma reordenação das questões efetuadas. Não é caracterizada por um carácter rígido como as entrevistas estruturadas. Desta forma, o entrevistador vê-se numa melhor posição para uma boa gestão do tempo da entrevista, com maior liberdade na exploração de questões bem como aprofundar temáticas.

2.2.4. Procedimentos de Análise e Tratamento dos Dados

Para todos os dados recolhidos nesta investigação, foi criada uma base de dados na versão 21 do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) para o Windows, versão copyright © SPSS, Inc., para introduzir os dados segundo o sistema de codificação pré-estabelecido, de forma a identificar cada variável.

Como auxílio no que concerne aos procedimentos de análise e tratamento dos dados adquiridos, decidimos criar uma tipologia de atividades/modalidades físico-desportivas escolhidas pelos inquiridos.

Tabela 1 - Codificação das Modalidades Desportivas praticadas pelos alunos

Código da Modalidade	Modalidade Desportiva
1	Futsal
2	Futebol
3	Ginásio
4	Natação
5	Basquetebol
6	Ginástica
7	Kick Boxing
8	Patinagem artística
9	Muay Thai
10	Boxe

Como se pode ver na tabela, foi feita uma tabela de acordo com as modalidades físico-desportivas praticadas pelos inquiridos, sendo atribuído a cada uma delas uma codificação visando, posteriormente, um melhor tratamento dos dados obtidos.

Relativamente ao tratamento dos dados relativos às questões ligadas às profissões, a sua análise decorreu igualmente no formato da análise das modalidades desportivas praticadas pelos inquiridos. Neste sentido, tivemos também a necessidade da criação de

uma tipologia das profissões. Para a criação dessa, recorreremos à Classificação Portuguesa das Profissões¹, baseando-nos na estrutura consoante o grande grupo das mesmas.

Tabela 2 - Grande Grupo das Profissões consoante a Classificação Portuguesa das Profissões

Grande Grupo Profissões
Profissão das forças armadas
Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos
Especialistas das Atividades intelectuais e científicas
Técnicos e profissões de nível intermédio
Pessoal administrativo
Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores
Agricultores e trabalhadores qualificados da Agricultura, da Pesca e da floresta
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem
Trabalhadores não-qualificados

Seguindo o enquadramento, e com base na tabela acima, efetuámos, em semelhança ao efetuado à análise das modalidades desportivas, uma codificação das mesmas. Neste processo, sentimos a necessidade de descartar os grupos estatisticamente insignificantes, ou seja, irrelevantes para o nosso estudo.

¹ A Classificação Portuguesa das Profissões de 2010, abreviadamente designada por CPP/2010, elaborada a partir da Classificação Internacional Tipo de Profissões de 2008 (CITP/2008) pelo Instituto Nacional de Estatística, I.P. (INE, I.P.), com a colaboração das entidades em anexo, destina-se a substituir a Classificação Nacional de Profissões de 1994 (CNP/94) do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) harmonizada com a CITP/1988.

A CPP/2010, cuja Estrutura foi aprovada pela 14ª Deliberação do Conselho Superior de Estatística (CSE), de 5 de Maio de 2010, posteriormente publicada na II Série do Diário da República nº 106, de 01 de Junho de 2010, estabelece o novo quadro das profissões, tarefas e funções mais relevantes integrado na CITP/2008, classificação recomendada aos Estados-Membros para produzir e divulgar estatísticas por profissões a nível da União Europeia (UE), pela Recomendação da Comissão de 29 de Outubro de 2008.

Tabela 3 - Tipologia Grande Grupo Profissões

Código	Grande Grupo Profissões
1	Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, Dirigentes, Diretores e Gestores Executivos
2	Especialistas das Atividades intelectuais e científicas
3	Técnicos e profissões de nível intermédio
4	Pessoal administrativo
5	Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores
6	Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices
7	Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem
8	Trabalhadores não-qualificados

Identificados os grandes tipos das profissões, bem como a sua categorização, consideramos pertinente a criação de grupos relativos à origem social de modo a ser possível identificar a amostra consoante grupos sócio-profissionais.

Tabela 4 – Identificação de siglas referentes aos grupos sócio-profissionais

EDL	Empresários, dirigentes e profissionais liberais
PTE	Profissionais técnicos e de enquadramento
TI	Trabalhadores independentes
EE	Empregados executantes
TICs	Trabalhadores da indústria e comércio
Desempregados	Desempregados

Esta é uma classificação própria baseada na Sociedade de Bairro de Firmino da Costa (2008) bem como no Grupo do Observatório das Atividades Culturais.

2.2.5. Análise de Conteúdo

A utilização das técnicas anteriormente mencionadas, implica o uso de uma análise de conteúdo.

Enquanto no inquérito por questionário se procede à construção de uma base de dados (SPSS) com categorias pré-codificadas para as questões fechadas, na entrevista é necessário criar categorias de análise dos dados, dado que os dados obtidos não são numéricos. A análise de conteúdo serve, acima de tudo, para análises qualitativas.

Focando este tipo de análise na entrevista, existem diversas formas de classificar a informação para esta ser passível de ser analisada.

No âmbito deste processo de investigação, procedeu-se à construção de grelhas de categorização e análise das entrevistas, como forma de sintetizar o conteúdo presente na mesma².

A análise do conteúdo da entrevista inicia-se por uma análise vertical e exaustiva de cada entrevista, procedendo a uma categorização de cada uma delas. Posteriormente, realiza-se uma análise horizontal, comparando as diversas entrevistas realizadas. Depois destas grelhas construídas é possível organizar o texto em função das categorias, recorrendo-se aos excertos das entrevistas na prova das análises produzidas. O uso da identidade dos entrevistados é sempre anónimo.

Deste modo a análise dos dados recolhidos obedece a pelo menos três etapas de acordo com Quivy e Campenhoudt, como *a descrição e a preparação (agregada ou não) dos dados necessários para testar as hipóteses, (...) a análise das relações entre as variáveis e a comparação dos resultados observados com os resultados esperados a partir da hipótese* (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 216).

Então, a análise de conteúdo define-se como o estudo da informação qualitativa no qual se compreende os significados manifestos latentes e se classifica os conteúdos principais que vão de encontro aos pressupostos base da investigação. É considerada uma técnica de tratamento da informação destinada à descrição objetiva e sistemática do conteúdo das comunicações, tendo como finalidade a sua interpretação. Por outras palavras, podemos dizer que a finalidade da análise de conteúdo, baseados numa lógica explícita, será efetuar inferências sobre as mensagens cujas características foram modeladas de forma sistemática. (Quivy & Campenhoudt, 1992)

Os objetivos da análise de conteúdo têm por base ultrapassar a incerteza do que realmente está presente na mensagem, descobrir conteúdos e estruturas que confirmem/infirmem o que se pretende demonstrar a propósito das mensagens e esclarecer os elementos de significação que conduzem a uma descrição de mecanismos de que não tínhamos conhecimento *a priori*. Assim, a análise de conteúdo pode ser uma análise avaliativa, de ocorrências ou estrutural.

Independentemente da orientação da pesquisa, a análise de conteúdo tem três etapas fulcrais: pré-análise (decidir quais as fontes primárias e as secundárias a utilizar),

² Ver Anexos 6, 7, 8 e 9

exploração do material (corte do texto em unidade homogêneas e comparáveis) e tratamento, inferência e interpretação. Em suma os procedimentos básicos da análise de conteúdo prendem-se à delimitação de objetivos visando a criação de um quadro de referência teórico capaz de orientar a pesquisa bem como a constituição de um corpus. Neste sentido, a exploração do material adquirido assume-se como uma fase fulcral da análise de conteúdo. O texto é decomposto em unidades de registo e em unidades de contexto, isto é, são criadas categorias de análise de forma a facilitar a mesma. (Quivy & Campenhoudt, 1992)

Capítulo 3 – Análise dos dados

3.1. Sociografia da Amostra

Fazendo referência agora à abordagem quantitativa, esta procedeu-se assumindo o formato de inquérito por questionário, contabilizando um total de 45 inquiridos.

Tabela 5 - Sexo dos Inquiridos

Sexo	Alunos	Percentagem %
Masculino	16	35,6%
Feminino	29	64,4%
Total	45	100%

Relativamente à divisão da amostra, usada na abordagem quantitativa, consoante o sexo dos inquiridos, podemos observar que a mesma é maioritariamente composta por alunos do sexo feminino, isto é, dos 45 inquéritos aplicados, 29 foram aplicados a indivíduos do sexo feminino o que corresponde a 64,4% da amostra. Os restantes 16 inquéritos, aplicados a indivíduos do sexo masculino, correspondem a 35,6% da amostra e completam a mesma.

Tabela 6 - Ano de Escolaridade dos Inquiridos

Ano escolaridade	Alunos	Percentagem %
10º	15	33,3%
11º	11	24,4%
12º	19	42,2%
Total	100	100%

Dado o facto de que a amostra representativa do presente estudo se encontra focada no ensino secundário, consideramos pertinente uma diferenciação dos anos de escolaridade dos inquiridos. Com base na tabela, observamos que a amostra é constituída em 33,3% (n=15) por indivíduos a frequentar o 10º ano de escolaridade. Relativamente ao 11º ano de escolaridade, este conta com um peso de 24,4% (n=11) na amostra, enquanto os alunos referentes ao 12º ano de escolaridade contam 42,2% (n=19), sendo, porventura, o ano de escolaridade mais representado na presente amostra.

Tabela 7 - Idade dos Inquiridos

Idade	Alunos	Percentagem %
15-16	19	42,2%
17-18	18	40%
19-20	8	17,8%
Total	45	100%

Dirigindo agora o nosso foco de análise à caracterização da amostra em termos da idade dos inquiridos, observamos, com base na tabela, que a amostra compreende alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos, sendo que para fins estatísticos optamos por agrupar as idades. Neste sentido, verificamos que do total da amostra (n=45), 42,2% (n=19) têm idades compreendidas entre 15 e 16 anos de idade. Seguidamente, 40% (n=18) têm idades compreendidas entre 17 e 18 anos enquanto os 17,8% (n=8) restantes pertencem a uma idade mais avançada, ou seja, compreendida entre 19 a 20 anos de idade.

Passando agora à caracterização da amostra consoante o local de residência/habitat, decidimos codificar o mesmo consoante o concelho em que os alunos inquiridos habitam.

Tabela 8 - Local de Residência dos Inquiridos

Concelho	Alunos	Percentagem %
Porto	26	57,8%
Gondomar	8	17,8%
Valongo	3	6,7%
Matosinhos	1	2,2%
Vila Nova de Gaia	2	4,4%
Paredes	1	2,2%
Total	41	91,1%
NR	4	8,9%
Total	45	100%

Neste sentido, foram identificados seis concelhos, sendo o concelho Porto, obviamente por razões de proximidade, o conselho mais representado na amostra do estudo feito, contabilizando 26 alunos correspondentes a 57,8%, isto é, mais de metade da amostra. O concelho de Gondomar está representado na amostra com 17,8% (n=8) enquanto o concelho de Valongo têm um peso de 6,7% (n=3) na amostra. Geograficamente mais improvável, os concelhos de Vila Nova de Gaia, Matosinhos e Paredes também presentes na amostra, fazendo-se representar por 4,4% (n=2), 2,2%

(n=1) e 2,2% (n=1) na amostra, respetivamente. De realçar, no total dos 45 inquiridos na amostra, a presença de quatro não-respostas, que representam 8,9% da amostra.

Por fim, caracterizando a amostra consoante o grupo sócio-profissional, podemos identificar a mesma consoante seis grupos.

Tabela 9 – Divisão da amostra consoante o grupo sócio-profissional

	Nr Alunos	Percentagem (%)
EDL	5	11,9%
PTE	4	9,5%
TI	4	9,5%
EE	10	23,8%
TICS	8	19%
Desempregados	11	26,2%
Total	42*	100%

*A totalidade da amostra retiram-se três respostas consideradas inválidas

Neste sentido, podemos identificar na amostra que 11,9% (n=5) pertencem ao grupo social EDL, enquanto aos grupos PTE e TI lhes é conferido um peso de 9,5% (n=4) cada na amostra. Os grupos mais representados são os Desempregados, com um peso de 26,2% (n=11), EE com 23,8% (n=10) e por fim 19% (n=8) relativos aos TICs.

3.2. Caracterização dos gostos/hábitos dos alunos inseridos na amostra

Antes de iniciar uma exploração sobre os gostos e hábitos dos alunos constituintes da amostra escolhida para o nosso estudo, decidimos encaixar na nossa análise um reconhecimento focado no passado desportivo dos jovens.

Tabela 10 - Passado Desportivo dos Inquiridos

Passado Desportivo	Nr de indivíduos	Percentagem (%)
Nunca praticou desporto	10	22,2%
Apenas praticou enquanto criança	7	15,6%
Desde criança com interrupções	7	15,6%
Desde jovem com interrupções	12	26,7%
Sempre praticou desporto	9	20%
Total	45	100%

Como podemos verificar na tabela acima, contabilizando um total de 45 alunos, verifica-se após a aplicação e consequente análise das respostas dadas, que 10 alunos, referentes a 22,2% da nossa amostra, nunca praticou em desporto em qualquer fase da sua vida. Neste sentido, é coerente afirmar que a restante amostra, ou seja, 87,8%, praticou atividade físico-desportiva pelo menos uma vez na sua vida. Assim, verificamos que 15,6% (n=7), apenas praticaram desporto enquanto crianças, sensivelmente até aos 12 anos de idade. Em igual número, 15,6% (n=7) da nossa amostra assume que pratica desporto desde criança salvaguardando interrupções ao longo do tempo, ou seja, não praticam desporto regularmente. Assumindo-se como a categoria mais acentuada na presente variável, os alunos que “praticam desporto desde jovem com interrupções”, ou seja, que começaram a sua prática a partir dos 12 anos sendo que de lá até agora, apresentam algumas interrupções relativamente à sua atividade, contam com um peso de 26,7% (n=12) na amostra.

Por fim, os 20% (n=9) sobrantes da nossa amostra referem-se aos alunos que sempre praticaram desporto em toda a sua vida. Saliente-se que a categoria mais respondida por parte dos inquiridos prende-se à prática de atividade físico-desportiva “desde jovem com interrupções”.

Após uma explanação sobre o passado desportivo dos jovens constituintes da amostra, releva-se agora uma descrição que incide sobre a idade de início de prática de atividade físico-desportiva por parte dos alunos que assumem a prática desportiva como regular ou que já o tenha sido no passado. Para este efeito, é de realçar que a amostra para efeitos estatísticos desta questão contém somente 34 respostas válidas, visto que 10 dos mesmos inseridos na totalidade da amostra assumem nunca ter praticado desporto ao longo de toda a sua vida, a juntar a um elemento que proferiu uma resposta inválida.

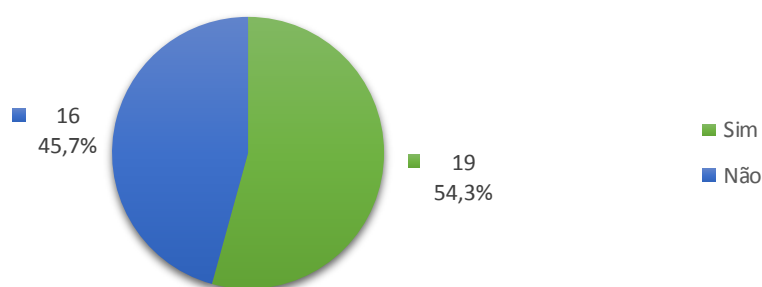
Tabela 11 - Idade de Início de Prática Desportiva dos Inquiridos

Idade de Início de prática desportiva (anos de idade)	Nr de Alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
3-5	5	14,7	14,7
6-8	13	38,2	52,9
9-11	10	29,4	82,4
12-14	6	17,6	100
Total	34*	100	

Seguindo esta linha de pensamento, e como podemos verificar na tabela acima exposta, 14,7% dos alunos (n=5) iniciaram a sua prática de atividade físico-desporto entre os 3 e os 5 anos de idade. De seguida, constatamos que 38,2% (n=13) iniciaram a prática de atividades ligadas ao desporto entre os 6 e 8 anos de idade, sendo a categoria mais representada, ao passo que, entre os 9 e os 11 anos de idade, iniciaram-se no mundo do desporto 29,4% (n=10) desta análise. Por fim, 17,6% dos mesmos (n=6) começaram a praticar atividades físicas entre os 12 e os 14 anos de idade.

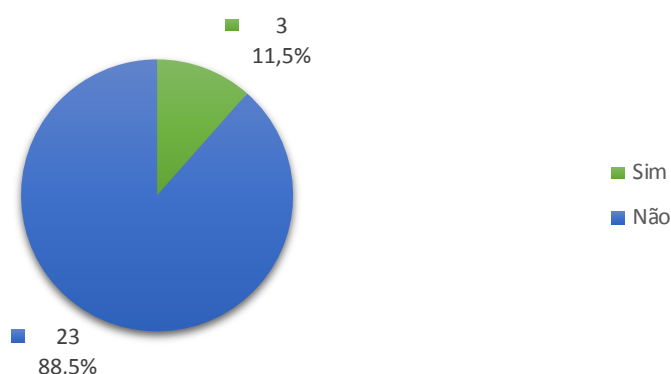
Ora, incidindo o presente estudo nos gostos e/ou hábitos dos alunos constituintes da amostra, iniciamos a nossa análise com uma contagem incidente nos alunos que atualmente praticam algum desporto ou atividade físico-desportiva. Neste sentido, identificamos 35 alunos estatisticamente significantes, visto que dos 45 da totalidade da amostra, 10 assumem nunca ter praticado desporto no passado, estando por isso excluídos do total disposto para a análise.

Gráfico 1 - Atualmente Praticam Algum Desporto ou Atividade Físico-desportiva



Como é possível verificar no gráfico acima, dos 35 alunos possíveis de resposta, 54,3% (n=19) dos inquiridos, revelam que atualmente praticam uma atividade físico-desportiva, enquanto os restantes 45,7% (n=16) revelam que atualmente não praticam nenhuma atividade físico-desportiva.

Gráfico 2 - Tenciona iniciar a prática de Algum Desporto ou Atividade Físico-desportiva durante o presente ano



Relativamente à intenção de iniciar a prática de uma atividade físico-desportiva no decorrer do presente ano, os alunos que não praticam atividade física-desportiva atualmente nem nunca praticaram ao longo da sua vida, dos 26 alunos estatisticamente significantes à análise – 10 nunca praticaram desporto ao longo da sua vida enquanto 16 não praticam atualmente –, somente três dos mesmos assumem a intenção de iniciar uma modalidade desportiva no prazo estipulado, referentes a 11,5% da totalidade referida para a presente análise. No sentido inverso, 23 alunos que nunca praticaram e não praticam desporto atualmente, mantêm a sua intenção e não tencionam iniciar a prática da mesma no ano decorrente.

Voltados agora somente aos alunos constituintes da amostra que praticam desporto ou atividade físico-desportiva, retirando os 26 indivíduos à qual esta questão não é aplicável, verificamos, através da análise feita, que todos os inquiridos aplicáveis à mesma (n=19), praticam atividade físico-desportiva todas as semanas³.

Deste modo, importa explorar o número de vezes que os alunos aplicáveis à análise pratica desporto e/ou atividade físico-desportiva por semana.

Tabela 12 - Nr de vezes de prática desportiva, por semana

Nr de vezes de prática desportiva por semana	Nr de inquiridos	Percentagem (%)
1-3	9	47,4%
4-6	9	47,4%
7-9	1	5,3%
Total*	19	100%

*Do total da amostra, 45 inquiridos, 26 dos são insignificantes estatisticamente para a presente questão.

³ Ver Anexo 10

Relativamente ao número de vezes que os alunos praticam atividade físico-desportiva semanalmente, atentamos que 47,4% (n=9) da amostra, praticam atividade físico-desportiva entre 1 a 3 vezes por semana. Com o mesmo peso na amostra, 47,4% (n=9) assume praticar desporto entre 4 a 6 vezes por semana, enquanto os 5,3% (n=1) restantes revela praticar desporto entre 7 a 9 vezes por semana.

Identificado o número de vezes que os alunos praticam atividade físico-desportiva por semana, passamos agora à identificação da média de horas que os alunos dedicam por semana à prática de atividade físico-desportiva.

Tabela 13 - Média de horas de prática desportiva, por semana

Média de horas de prática desportiva por semana	Nr inquiridos	Percentagem %
2-5	7	36,8%
6-9	6	31,6%
10-13	6	31,6%
Total*	19	100%

*Ressalva-se que da amostra de 45 inquiridos, apenas 19 são estatisticamente significantes.

Nunca esquecendo que dos 45 indivíduos constituintes da totalidade da amostra somente 19 se apresentam significantes estatisticamente, sete inquiridos assumem dedicar entre 2 a 5 horas semanais à prática desportiva, contando com um peso de 36,8% dos indivíduos em análise. No seguimento, com uma média de horas dedicadas à prática desportiva entre 6 a 9 horas temos presentes seis indivíduos, representados por 31,6% da análise. Por fim, seis indivíduos afirmam dedicar entre 10 a 13 horas em média por semana, com um peso igualmente de 31,6% dos indivíduos em análise. Neste sentido, podemos destacar que, apesar da maioria dos indivíduos dedicar entre 2 a 5 horas semanais à prática desportiva, é de ressaltar que existe uma grande dispersão dos mesmos e que as diferenças estatísticas entre as categorias apresentadas são mínimas.

Sinalizados quer o número de vezes por semana que os alunos dedicam à prática de atividade físico-desportiva, quer a média de horas dedicadas à causa, voltamo-nos à identificação do número de meses que os alunos praticam atividade físico-desportiva por ano.

Tabela 14 - Nr de meses que os alunos praticam atividade físico-desportiva

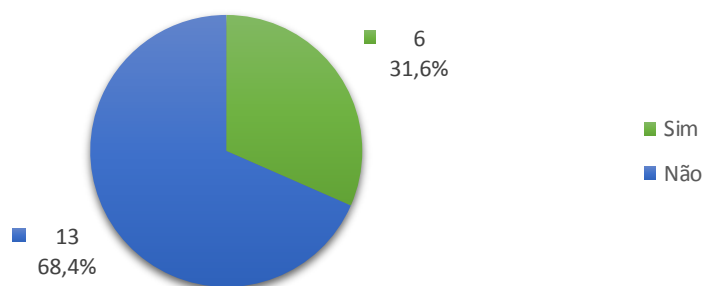
Nr de meses que os alunos praticam atividade físico-desportiva	Nr de indivíduos	Percentagem (%)
7-8	3	15,8%
9-10	4	21,1%
11-12	12	63,2%
Total*	19	100%

*Ressalva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

Deste modo, salvaguardando que somente 19 inquiridos se assumem estatisticamente significantes para a análise, verificamos que apenas três indivíduos dedicam entre 7 e 8 meses à atividade física, correspondentes a 15,8% da amostra desta análise. No seguimento, quatro indivíduos afirmam que dedicam 9 a 10 meses, contando com um peso de 21,1% na análise. Por fim, e em maior número, são 12 os indivíduos que revelam dedicam entre 11 a 12 meses por ano à prática de atividade físico-desportiva, com um peso na amostra desta análise de 63,2%, ou seja, maioria absoluta entre os indivíduos que atualmente praticam alguma(s) modalidade(s) físico-desportiva(s).

Tendo ainda os 19 alunos que assumem a prática desportiva como um hábito regular do quotidiano como alvo da nossa análise, incorremos no sentido de explorar se estes alunos fazem tenção de iniciar uma outra modalidade desportiva além das praticadas atualmente.

Gráfico 3 - Tenciona iniciar a prática de alguma modalidade desportiva além das praticadas atualmente



Como se verifica no gráfico, a maioria dos alunos classificados para a análise, afirmam não ter a pretensão de iniciar a prática de outra modalidade desportiva além das já praticadas, contanto com um peso de 68,4% dos mesmos (n=13). Os restantes seis, com

um peso de 31,6% dos alunos em análise, confirmam ter pretensão de iniciar durante o presente, a prática de uma nova modalidade desportiva.

Seguidamente, e agora contabilizando o total da amostra (n=45) no presente estudo, iremos explorar a importância dada pelos alunos relativamente a vários objetivos intrínsecos à prática de atividade físico-desportiva. Deste modo os alunos são confrontados com o grau de importância atribuído à prática desportiva, estando este distinguido em quatro categorias – muito importante; importante; pouco importante; e nada importante.

O primeiro objetivo sujeito a avaliação pelos alunos prende-se com a imagem corporal do indivíduo, isto é, uma questão de estética, originada pela prática de atividade físico-desportiva.

Tabela 15 - Imagem Corporal como objetivo face à prática desportiva

Imagem Corporal	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem Acumulada (%)
Muito importante	17	38,6%	38,6%
Importante	23	52,3%	90,9%
Pouco importante	3	6,8%	97,7%
Nada importante	1	2,3%	100%
Total*	44	100%	

*Ao total de 45 alunos constituintes da amostra exclui-se um dada a sua não-resposta, originando um total de 44 estatisticamente significante

Em análise à tabela descrita, 17 alunos, com um peso de 38,6% referem-se à imagem corporal como muito importante, ao passo que 52,3% (n=23) referem-se a esta razão como importante. Em sentido inverso, 6,8% dos alunos olham a imagem corporal como pouco importante (n=3) enquanto o restante aluno, com um peso de 2,3% se refere à razão mencionada como nada importante. Deste modo, podemos concluir que 90,9% dos alunos estatisticamente significantes nesta análise assumem uma postura de satisfação face à imagem corporal obtida via a prática de atividade físico-desportiva.

O próximo objetivo alvo de avaliação por parte dos alunos constituintes da amostra refere-se à melhoria da condição física proveniente da prática de atividade físico-desportiva, sendo que nesta avaliação, à totalidade da amostra retiram-se dois indivíduos consequentes das suas não-respostas.

Tabela 16 - Melhoria da Condição Física como objetivo face à prática desportiva

Melhoria da condição física	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito importante	28	65,1%	65,1%
Importante	15	34,9%	100%
Total*	43	100%	

*Ao total de 45 alunos constituintes da amostra excluem-se dois dados as suas não-respostas, originando um total de 43 estatisticamente significante

Como é possível verificar na tabela acima descrita, as opiniões satisfatórias por parte dos alunos são claras, visto diferenciarem-se somente entre importante e muito importante. Neste sentido, a primeira conta com um peso de 34,9% na amostra estatisticamente significante nesta análise (n=15) enquanto a segunda, a categoria “muito importante”, está representada na mesma com 28 alunos, com um peso de 65,1% da análise.

O objetivo seguinte, muito próximo do anteriormente referido, refere-se à melhoria das condições de saúde causada pela prática de atividade físico-desportiva regular. Ressalva-se que, para a análise da questão supramencionada, é excluída a resposta de um elemento dada a não-validade da mesma.

Tabela 17 - Melhoria das Condições de Saúde como objetivo face à prática desportiva

Melhoria das condições de saúde	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito importante	30	68,2%	68,2
Importante	14	31,8%	100
Total*	44	100	

* Ao total de 45 alunos constituintes da amostra exclui-se um dado a sua não-resposta, originando um total de 44 estatisticamente significante

Olhando a tabela acima, referente à melhoria das condições de saúde, é possível verificar que todos os inquiridos estatisticamente significantes à análise em questão, conferem importância a este objetivo, sendo que a larga maioria (n=30) assume mesmo as condições de saúde como muito importante, com um peso de 68,2% na amostra. Os restantes 14 inquiridos em análise conferem as condições de saúde como importantes, com um peso de 31,8%.

Estando os três objetivos anteriormente mencionados ligados a questões físicas e de saúde, o próximo faz referência à convivência proveniente da atividade físico-desportiva, ao companheirismo adquirido bem como o desenvolvimento de amizades.

Neste sentido, resguarda-se o facto de a amostra estar reduzida a 44 dada a não-resposta por parte de um constituinte da amostra.

Tabela 18 - Convívio e Amizades como objetivo face à prática desportiva

Convívio/amizades	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito importante	12	27,3%	27,3%
Importante	26	59,1%	86,4%
Pouco importante	6	13,6%	100%
Total*	44	100%	

* Ao total de 45 alunos constituintes da amostra exclui-se um dada a sua não-resposta, originando um total de 44 estatisticamente significante

Deste modo, a maioria dos alunos estatisticamente significantes nesta análise, com um peso de 59,1% na análise, considera “importante” o convívio e amizades gerados através da prática desportiva. A importância dada ao assunto por parte dos alunos aumenta ao verificarmos que 27,3% considera a questão como “muito importante”. Em junção, são 86,4% dos alunos estatisticamente significantes que conferem importância de grau elevado às amizades e convívio, ao contrário dos restantes 13,6% que designam esta razão como “pouco importante”.

Continuamente, o próximo objetivo destacado para avaliação dos alunos segundo o grau de satisfação faz alusão à prática de atividade físico-desportiva enquanto prática de lazer, relaxamento e divertimento. Na análise da mesma, constata-se que da totalidade de 45 elementos constituintes da amostra, é retirado uma dada a sua não-validade.

Tabela 19 - Lazer e Divertimento como objetivo face à prática desportiva

Lazer/Divertimento	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito importante	16	36,4%	36,4%
Importante	27	61,4%	97,7%
Pouco importante	1	2,3%	100%
Total	44	100%	

*Ao total de 45 alunos constituintes da amostra exclui-se um dada a sua não-resposta, originando um total de 44 estatisticamente significante

Seguindo esta linha de pensamento, e voltados para a prática de atividade físico-desportiva como uma prática de lazer volteada para o relaxamento e ao divertimento,

verificamos que da totalidade destes, 97,7% dão grande importância a esta razão, dado que 61,4% dos indivíduos (n=27) consideram-na “importante” enquanto 36,4% (n=16) designam-na como “muito importante”. O indivíduo restante, com um peso de 2,3% na amostra estatisticamente significativa e julga o relaxamento e o divertimento como “pouco importante”.

O último objetivo passivo de avaliação por parte dos alunos proveniente da atividade físico-desportivo, recai na competição advinda e gerada por esta. Novamente, a totalidade da amostra é mais uma vez reduzida a 44 elementos consequente de uma resposta inválida por parte de um elemento.

Tabela 20 - Competição como objetivo face à prática desportiva

Competição	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito importante	8	18,2	18,2
Importante	17	38,6	56,8
Pouco importante	15	34,1	90,9
Nada importante	4	9,1	100,0
Total	44	100,0	

* Ao total de 45 alunos constituintes da amostra exclui-se um dada a sua não-resposta, originando um total de 44 estatisticamente significativa

Como é possível verificar no quadro referente ao grau de importância conferido à competição, mais de metade do número de alunos estatisticamente significantes para a presente análise (56,8%), atribuí importância a esta razão, sendo que 38,6% (n=17) assume-a mesmo como “importante” enquanto 18,2% (n=8) como “muito importante”. Em sentido oposto, 34,1% (n=15) considera a competição “pouco importante” e, por fim, 9,1% (n=4) considera a mesma como “nada importante”.

Em suma, e fazendo uma retrospectiva da análise até ao momento, concluímos que da totalidade da amostra (n=45), 78,8% (n=35) praticam atividade físico-desportiva alguma vez na sua vida, sendo que destes, somente 19 alunos praticam atualmente uma modalidade ou atividade físico-desportiva.

Perante estes dados, verificamos também que as idades de início de prática de atividade físico-desportiva com maior peso estatístico (38,2%) variam entre os 6 e 8 anos de idade. Estes dados podem estar relacionados com a idade de entrada no ensino primário, altura em que muitas crianças ganham uma nova oferta em termos de atividade física.

Entre aqueles que atualmente praticam uma modalidade físico-desportiva (n=19), seis ambicionam iniciar a prática de outra modalidade, além das já praticadas. Em contrapartida, dos que atualmente não praticam nenhuma modalidade desportiva (n=26), somente três fazem questão de se iniciar em práticas desportivas. Fica bem presente uma ideia do gosto pelo desporto, visto que os que atualmente já praticam algum tipo de atividade físico-desportiva estão mais dispostos a iniciar outra que aqueles que não praticam iniciar qualquer tipo de modalidade físico-desportiva.

Relativamente aos objetivos face à prática desportiva, verificamos que além do objetivo ligado à competição, a todos eles lhes é conferido uma importância elevada, nomeadamente, imagem corporal, melhoria da condição física e condições de saúde, lazer e divertimento bem como redes de sociabilidade/amizades.

3.3. Modalidades e razões da prática e não prática desportiva

Este subcapítulo tem como objetivo explorar as modalidades praticada pelos alunos constituintes da amostra, bem como a sua possível preferência por modalidades coletivas em detrimento de modalidades individuais.

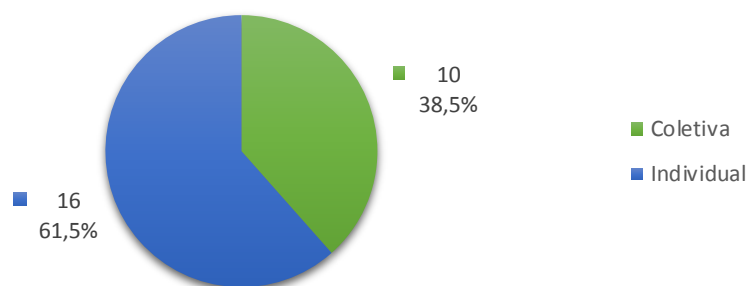
A análise efetuada recai primeiramente no tipo de modalidade praticada pelos alunos que assumem a prática de uma modalidade físico-desportiva como hábito regular (n=19). Neste sentido, é de salvaguardar que os alunos estatisticamente significantes à presente análise podem dar mais que uma resposta, ou seja, podem praticar mais que uma modalidade físico-desportiva, o que resulta numa estrutura de resposta múltipla, contabilizando um total de 26 respostas.

Tabela 21 - Modalidades praticadas pelos alunos - Resposta-Múltipla*

Modalidades Praticadas – Resposta Múltipla	Nr de respostas	Percentagem (%)
Futsal	2	7,7%
Futebol	6	23,1%
Ginásio	4	15,4%
Natação	5	19,2%
Basquetebol	2	7,7%
Ginástica	3	11,5%
Kick Boxing	1	3,8%
Patinagem artística	1	3,8%
Muay Thai	1	3,8%
Boxe	1	3,8%
Total*	26	100

Seguindo a linha de pensamento, e tendo a tabela acima retratada como referência, verificamos que a modalidade mais praticada pelos alunos inquiridos é o futebol, contando com seis praticantes correspondentes a 23,1% da amostra. A segunda modalidade mais praticada pelos inquiridos é a natação, praticada por cinco elementos da amostra contando com uma representação de 19,2% da mesma. As atividades de ginásio ocupam 15% da amostra, com quatro representantes. No seguimento, a amostra continua com os alunos que praticam ginástica, qualquer que seja a modalidade, com 3 representantes, conferente a 11% da amostra. As modalidades Futsal e Basquetebol assumem dois inquiridos cada, estando representados em 8% da amostra cada. Por fim, a amostra encontra-se completa após verificarmos a prática das modalidades de Kick Boxing, Patinagem artística, boxe, e muay thai com um praticante cada, assumindo cada um destes 4% da amostra.

Gráfico 4 - Tipo de Modalidade Desportiva praticada pelos alunos



Em suma, verificando o quadro referente ao tipo de modalidade, consegue-se concluir que dos 26 casos de resposta, 61,5% (n=16) dos mesmos fazem alusão a modalidades de carácter individual, enquanto os restantes 38,5% (n=10) são alusivos a modalidades coletivas.

Detetadas as modalidades escolhidas para a prática de atividade físico-desportiva pelos alunos constituintes da amostra, importa agora compreender os motivos que levam às suas escolhas. Mantendo o mesmo número de indivíduos aplicáveis à análise (n=19), ressalva-se que esta questão assumia uma estrutura de resposta múltipla, visto que cada indivíduo pode apresentar mais do que uma razão face à sua escolha de modalidade de atividade físico-desportiva.

Tabela 22 - Razões face à escolha das modalidades físico-desportivas escolhidas - Resposta Múltipla*

Razões face à escolha das modalidades físico-desportivas escolhidas	Nr Respostas	Percentagem (%)
Proximidade de Casa	1	3,4%
Proximidade da escola	2	6,9%
Permite praticar com família/amigos	5	17,2%
Vontade dos pais	2	6,9%
Instalações são as melhores	1	3,4%
Modalidade preferida	17	58,6%
Acompanhamento técnico mais qualificado/adequado	1	3,4%
Total*	29	100%

Identificadas 29 respostas por parte da totalidade da amostra aplicável a esta análise, a maioria dos alunos inquiridos (n=17), referem-se à modalidade praticada como modalidade preferida atribuindo a esta, a razão da prática em si. Estes 17 alunos contam com um peso de 58,6% na amostra. A segunda razão mais apresentada por parte dos inquiridos está ligada ao facto da prática da modalidade em si permitir passar algum tempo com família e amigos, assumindo um peso de 17,2% na amostra que representam cinco inquiridos. Razões ligadas à proximidade da escola e vontade por parte dos pais, contam com um peso de 6,9% cada na amostra, que se fazem representar por 2 inquiridos respetivamente. Por fim, razões ligadas à proximidade do meio onde a modalidade é praticada com o local de residência, à qualidade das instalações bem como a qualidade do acompanhamento técnico contam com um inquirido cada, sendo que estas representam sensivelmente 3,4% cada na amostra, com um inquirido cada.

Pendendo a análise até ao momento incidindo sobre os alunos constituintes da amostra que assumem praticar atividade física como um hábito regular (n=19), importa agora explorar os motivos que levam aqueles que nunca praticaram atividade físico-desportiva (n=10) a não assumirem este hábito como regular, sendo que para a presente análise é considerada a estrutura de resposta múltipla, ou seja, cada indivíduo pode considerar mais que uma resposta.

Tabela 23 - Motivos à não prática de atividade físico-desportiva – Resposta múltipla

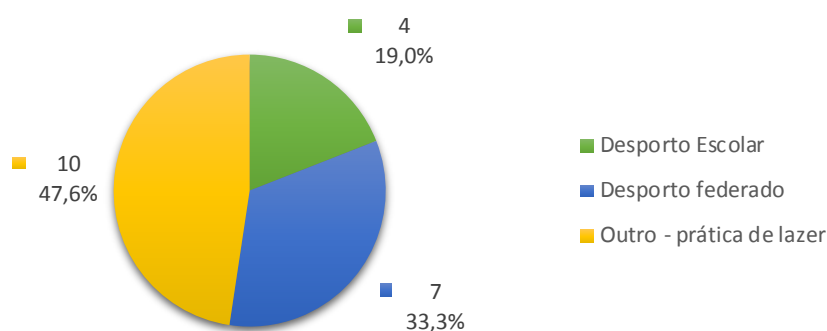
Motivos à não prática de atividade físico-desportiva – Resposta múltipla	Nr inquiridos	Percentagem (%)
Falta de tempo	4	22,2%
Não gostar	3	16,7%
Falta de companhia	3	16,7%
Falta de instalações adequadas	1	5,6%
Não há modalidade que goste	2	11,1%
Falta de jeito	3	16,7%
Problemas financeiros	2	11,1%
Total*	18	100%

*Face à amostra de 45 elementos, somente 9 se encontram estatisticamente significantes na análise da questão.

Importa realçar que dos 10 alunos aplicáveis à análise, exclui-se um dada a sua não resposta, contabilizando um total de nove alunos com resposta estatisticamente significável na análise. Neste sentido, dos motivos inumerados, a falta de tempo é identificada como motivo que mais afeta os alunos, referente à falta de tempo para a prática desportiva, confirmado por quatro dos nove inquiridos, contando com um peso de 22,2%. Escolhidos por três alunos cada, os motivos “não gostar”, “falta de companhia” e “falta de jeito” contam com um peso de 16,7% na amostra de nove alunos, respetivamente. Dos restantes motivos, o facto de não existir modalidades do seu agrado bem como problemas a nível financeiro, com dois alunos cada, e com um peso 11,1%, são também motivos à não prática de atividade físico-desportiva. Por fim, o último motivo enunciado, somente um com aluno e com um 5,6% fecha o leque de opções face aos motivos da não prática desportiva.

Depois da sondagem efetuada em torno das modalidades físico-desportiva praticadas pelos constituintes da amostra, bem como sobre as razões que os motivam às práticas das mesmas, incorremos no sentido de explorar em que âmbito os jovens alunos usufruem do exercício da atividade físico-desportiva.

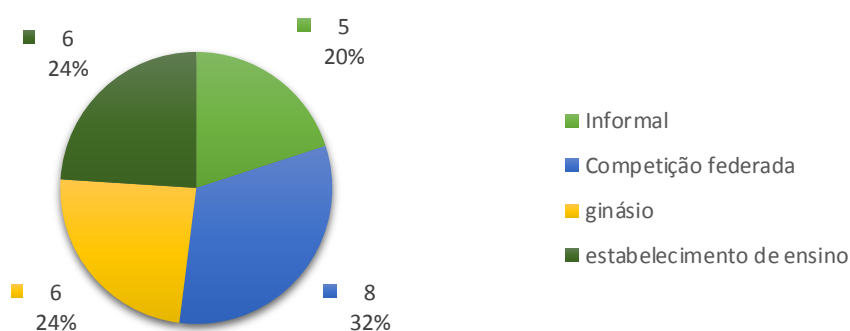
Gráfico 5 - Âmbito de Prática Desportiva por parte dos alunos



Tendo como base desta questão os alunos que responderam afirmativamente aquando questionados se atualmente praticam alguma modalidade desportiva (n=19), estes serão o número estatisticamente significativo para percebermos em que âmbito é que os jovens praticam as modalidades escolhidas. Neste sentido, 47,6% (n=10) revela-nos que pratica as modalidades desportivas como prática de lazer, sem fins competitivos. Dos restantes, são sete os alunos que assumem praticar desporto a nível federado, com competição, tendo um peso de 33% na amostra. Por fim, quatro alunos assumem que só praticam desporto através do desporto escolar, traduzindo-se este no único meio de estes praticarem algum tipo de atividade físico-desportiva, representativos de 19% da análise.

Explorando o âmbito de prática de atividade físico-desportiva, leva-nos a, seguidamente, explorar também o enquadramento de prática desportiva.

Gráfico 6 - Enquadramento de Prática Desportiva por parte dos alunos



Mantendo os 19 alunos que atualmente praticam alguma modalidade físico-desportiva como foco do nosso estudo, importa agora saber qual o enquadramento em que estes praticam a modalidade em si. Com isto, verificamos que a maioria executa a modalidade desportiva em questão enquadrada em competição federada, ou seja, 8 dos inquiridos, correspondentes a 32% da amostra, usufruí da sua modalidade desportiva

enquadrada ambientes competitivos. Tanto o estabelecimento de ensino como o ginásio, partilham o mesmo peso na percentagem da amostra, ou seja, 24% cada, representativos de 6 alunos cada. A categoria menos representada estatisticamente prende-se à prática desportiva a nível informal, contanto com cinco inquiridos que representam 20% da amostra.

Depois da exploração decorrida em volta das modalidades físico-desportivas praticadas pelos alunos representativos da amostra intrínseca ao estudo, aliadas às razões de prática das mesmas, ao seu âmbito e enquadramento, seguimos no sentido de explorar o grau de satisfação dado pelos alunos face às modalidades físico-desportivas praticadas. Deste modo, para efeitos estatísticos contam os 19 alunos que atualmente assumem praticar uma ou mais modalidades enquanto prática desportiva.

Tabela 24 - Satisfação dos alunos face à proximidade relativamente à prática desportiva

Proximidade	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito satisfeito	10	52,6	52,6
Satisfeito	8	42,1	94,7
Pouco Satisfeito	1	5,3	100,0
Total	19*	100,0	

*Reserva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

Sendo a proximidade o primeiro fator de satisfação alvo de avaliação por parte dos alunos, o nível de satisfação é geral, visto que 10 inquiridos assumiram-se muito satisfeitos e oito satisfeitos. Estes contabilizam 94,7% da amostra de 19 alunos. Os restantes 5,3%, representativos de um aluno (n=1), que se assume pouco satisfeito.

Tabela 25 - Satisfação dos alunos face aos horários relativamente à prática desportiva

Horários	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito satisfeito	9	47,4	47,4
Satisfeito	9	47,4	94,7
Pouco Satisfeito	1	5,3	100,0
Total	19*	100,0	

*Reserva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

Debruçados agora na satisfação dos indivíduos relativamente aos horários de prática da sua modalidade físico-desportiva, dos 19 aplicáveis a responder à questão referente, somente um se assumiu como pouco satisfeito, contando com um peso de 5,3% na análise. Os 18 restantes, assumem uma posição de satisfação, sendo que nove revelam-se satisfeitos e os outros nove muito satisfeitos. Estes contam com aproximadamente 47,4% de peso, cada, na análise feita.

Tabela 26 - Satisfação dos alunos face à qualidade do equipamento relativamente à prática desportiva

Qualidade do Equipamento	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito satisfeito	12	63,2	63,2
Satisfeito	6	31,6	94,7
Pouco Satisfeito	1	5,3	100,0
Total	19*	100,0	

*Ressalva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

Atendendo agora à qualidade do equipamento disponível na prática da modalidade físico-desportiva, e mantendo os mesmos 19 inquiridos, mais uma vez, somente um se revela pouco satisfeito (5,3%%). De opinião contrária, 31,6% dos indivíduos (n=6) assumem-se satisfeitos enquanto os 63,2% (n=12) restantes mostram uma posição de grande satisfação assumindo-se como muitos satisfeitos.

Tabela 27 - Satisfação dos alunos face às infra-estruturas relativamente à prática desportiva

Infra-Estruturas	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito satisfeito	10	52,6%	52,6%
Satisfeito	8	42,1%	94,7%
Pouco Satisfeito	1	5,3%	100%
Total	19*	100%	

*Ressalva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

No que concerne às infraestruturas das modalidades físico-desportivas praticadas pelos 19 inquiridos presentes na análise, mais uma vez, só um indivíduo se mostra pouco satisfeito com as mesmas (5,3%). Dos restantes, 42,1% dos indivíduos (n=8) revela-se satisfeitos enquanto os 52,6% restantes (n=10) se revelam muito satisfeitos.

Tabela 28 - Satisfação dos alunos face aos custos relativamente à prática desportiva

Custos	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito satisfeito	11	57,9%	57,9%
Satisfeito	7	36,8%	94,7%
Pouco Satisfeito	1	5,3%	100%
Total	19*	100%	

*Ressalva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

Sobre os custos das modalidades físico-desportivas praticadas pelos inquiridos, 57,9% (n=11) mostram-se muito satisfeitos com os mesmos, enquanto 36,8% (n=7) se revelam satisfeitos. Mais uma vez, somente um individuo mostra-se pouco satisfeito com a situação, tendo um peso de 5,3% na amostra.

Tabela 29 - Satisfação dos alunos face às modalidades oferecidas relativamente à prática desportiva

Modalidades Oferecidas	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito satisfeito	10	52,6%	52,6%
Satisfeito	9	47,4%	100%
Total	19*	100%	

*Ressalva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

Apontando agora às modalidades oferecidas, todos os indivíduos inquiridos que atualmente praticam uma modalidade físico-desportiva (n=19) assumem satisfação, sendo que nove se revela satisfeito enquanto os 10 restantes se mostram muito satisfeitos.

Tabela 30 - Satisfação dos alunos face à publicidade relativamente à prática desportiva

Publicidade	Nr alunos	Percentagem (%)	Percentagem acumulada (%)
Muito satisfeito	3	15,8%	15,8%
Satisfeito	13	68,4%	84,2%
Pouco Satisfeito	3	15,8%	100%
Total	19*	100%	

*Ressalva-se que da totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 19 se apresentam estatisticamente significantes

Encerrando o ponto de exploração focado na satisfação por parte inquiridos face a alguns aspetos inseridos nas modalidades praticadas, com uma indagação na publicidade criada pela modalidade em si. Neste sentido, 68,4% da amostra (n=13)

revelam-se satisfeitos sendo que 15,8% (n=3) se mostram muito satisfeitos. Contrariamente, são 3 os indivíduos a assumirem-se pouco satisfeitos com a publicidade gerada em volta da modalidade.

Após detetadas algumas regularidades praticadas pelos alunos constituintes da amostra, focamo-nos nos seis indivíduos que assumiram ter intenção de iniciar a prática de uma ou mais modalidade físico-desportiva ao longo do presente ano. Importa então perceber a modalidade que esta minoria (n=6), bem como o seu âmbito de prática e a oferta disponível à prática da modalidade em si.

Tabela 31 - Modalidades Desportivas que os alunos tencionam iniciar a sua prática

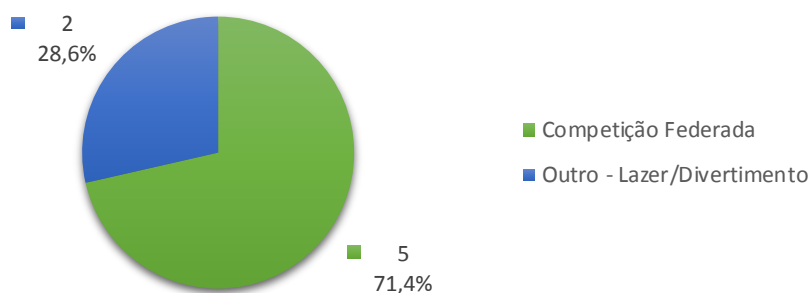
Modalidade	Nr alunos	Percentagem (%)
Futsal	1	16,7%
Futebol	2	33,3%
Natação	1	16,7%
Basquetebol	1	16,7%
Boxe	1	16,7%
Total*	6	100%

*Este total excluí os 36 alunos que nunca praticaram desporto ao longo da sua vida, a juntar a três alunos que não responderam à questão, num total de 39 não-respostas

Referente aos alunos que tencionam iniciar a prática de uma modalidade desportiva no ano decorrente, face ao tipo de modalidade pretendida, o futebol assume-se a modalidade com mais adeptos, com dois pretendentes, com um peso de 33,3% da amostra da análise mencionada. As modalidade futsal, natação, basquetebol e boxe, com um pretendente cada, são as restantes modalidades pretendidas pelos alunos que tencionam iniciar a prática de uma modalidade desportiva, contanto com um peso de 16,7% cada entre os indivíduos estatisticamente significantes nesta análise.

Seguimos o nosso estudo, debruçando-nos agora no âmbito em que estes alunos pretendem iniciar a prática de uma modalidade físico-desportiva, ressaltamos que a mesma questão é analisada consoante uma estrutura de resposta múltipla.

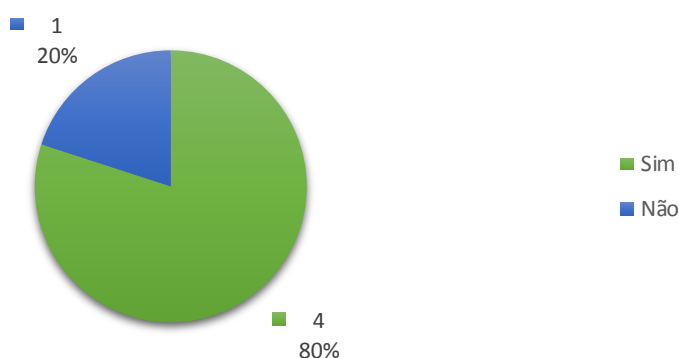
Gráfico 7 - Âmbito em que os alunos tencionam iniciar a prática desportiva



Neste sentido, como podemos verificar na tabela acima descrita, da totalidade de sete respostas, 71,4% (n=5) responderam que têm a intenção de iniciar a prática de uma modalidade desportiva no âmbito de competição federada. Os restantes 2 alunos, afirmam que tencionam iniciar a prática dessas mesmas modalidades mas num âmbito mais focalizado no lazer e divertimento e divertimento próprio, com um peso de 28,6%.

Ainda relativamente aos alunos que tencionam iniciar a prática de uma ou mais modalidades físico-desportiva no decorrer do presente ano, consideramos pertinente uma indagação sobre a oferta disponível perto do local de residência dos alunos para a prática das modalidades físico-desportivas.

Gráfico 8 - Oferta disponível perto do local de residência dos alunos que tencionam iniciar a prática desportiva



Deste modo, concluímos que 80% (n=4) confirmam a existência de oferta face à prática da modalidade físico-desportiva pretendida perto do local de residência. O aluno restante, afirma não ter essa mesma oferta, com um peso de 20% na presente análise.

Terminando o presente subcapítulo com um levantamento das questões mais pertinentes, segundo a análise feita, entre as modalidades praticadas, o futebol assume-se como a preferida entre os alunos (n=6). O futebol é também a modalidade representada em maior número entre aqueles que tencionam iniciar a prática de uma outra modalidade físico-desportiva. Ainda sobre as modalidades praticadas pelos alunos, destacamos que a predominância recai nas modalidades de carácter individual (61,5%). Verifica-se ainda que o âmbito em que os alunos praticam desporto é maioritariamente inserido em práticas de lazer.

Sobre as razões de escolha das modalidades físico-desportivas, o motivo em maior destaque prende-se ao facto da modalidade praticada ser a modalidade preferida dos alunos. Em sentido oposto, a falta de tempo é considerada como o maior motivo de não prática desportiva por parte dos alunos que atualmente não praticam qualquer tipo de atividade físico-desportivo.

Por fim, sobre o grau de satisfação atribuído pelos alunos face a diversos componentes de logística inerentes às modalidades praticadas tais como proximidade face ao local, horário, qualidade do equipamento e infraestruturas, os custos despendidos com a modalidade, publicidade inerente bem como a oferta por parte da modalidade são encaradas por todos os alunos atualmente ativos (n=19) com elevados índices de satisfação.

3.4. Consumos culturais por parte da amostra

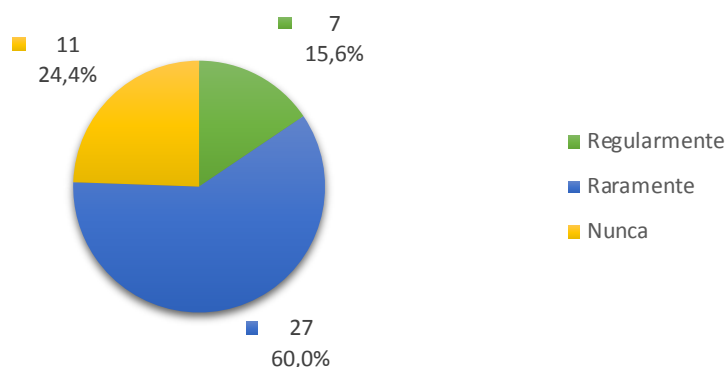
O próximo passo do nosso estudo incide na produção de uma análise relativamente à frequência com que os jovens inquiridos exercem determinadas práticas culturais de lazer e divertimento pessoal. Frisamos que nas análises que se seguem a nossa amostra é constituída por um total de 45 alunos, incluindo quem tenha a prática de atividade físico-desportiva como um hábito regular bem como quem não o faça.

Iniciamos a nossa análise olhando para práticas culturais de lazer ligadas à arte, nomeadamente música.

Neste sentido, como é possível verificar em anexo⁴, e ressalvando que da totalidade da amostra, é retirada uma devido à sua invalidez, a sua generalidade assume que ouvir música é uma prática cultural de lazer regular no seu quotidiano.

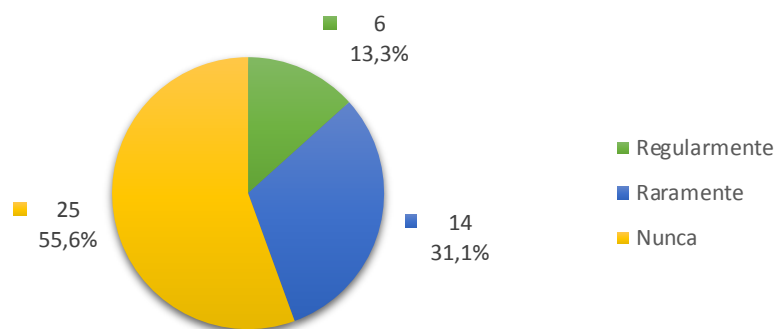
⁴ Ver anexo 11

Gráfico 9 - Assistir a Espetáculos Musicais enquanto prática cultural de lazer



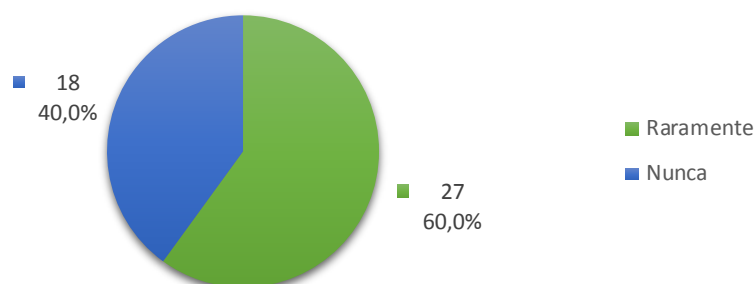
Relativamente à frequência em assistir a espetáculos/concertos/festivais musicais enquanto prática de lazer, larga maioria, 74,4% (n=38), não se assume fã desta. Estes dividem-se em 60% (n=27) que assumem esta prática de lazer como “raramente” e em 24,4% (n=11) que afirmam “nunca” frequentar este género de práticas culturais. Os restantes 15,6% (n=7) reconhecem este ato de lazer como um exercício regular.

Gráfico 10 - Aprender Música enquanto prática cultural de lazer



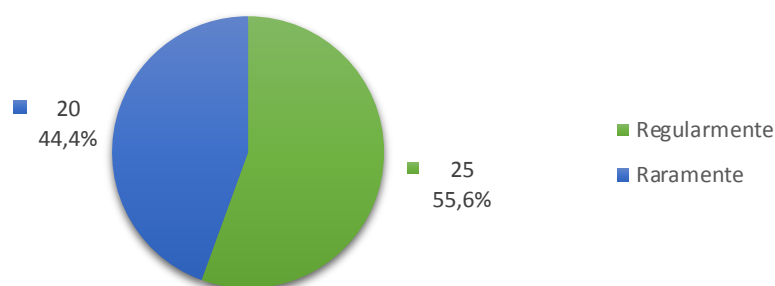
Ainda sobre o assunto música, abordamos agora o interesse dos jovens alunos em aprender música enquanto prática de lazer. Conferindo a análise desta questão à totalidade da amostra, 45 inquiridos, somente 13,3% (n=6) assumem aprender música ou algo relacionado com o tema como um exercício regular das suas vivências. Relativamente à restante parte da amostra, 31,1% (n=14) afirmam esta prática como um exercício raro do seu quotidiano, enquanto os restantes 55,6% (n=25), confirmam que nunca despendem importância ao assunto.

Gráfico 11 - Frequentar o Teatro enquanto prática cultural de lazer



Prosseguindo com uma análise pendente sobre a frequência com que os alunos se dedicam a práticas culturais ligadas à arte, a análise ao gráfico vem confirmar a ideia de que ir ao teatro caiu em desuso enquanto hábito dos mais novos. Contudo com o total da amostra representativa deste estudo, 45 elementos, 60% (n=27) desta assume que vai a espetáculos de teatro “raramente”, enquanto os restantes 40% (n=18) confirma “nunca” frequentar espetáculos de teatro.

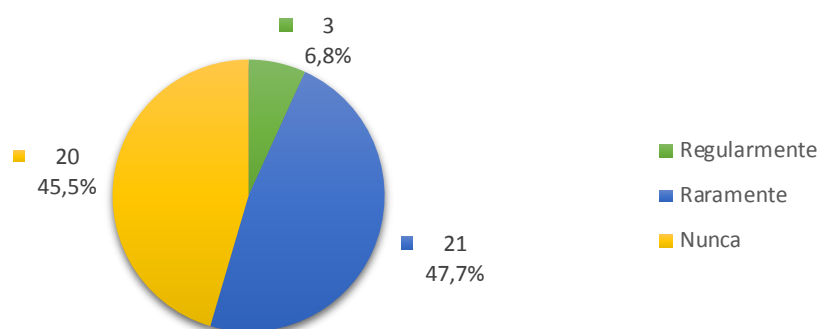
Gráfico 12 - Frequentar o Cinema enquanto prática cultural de lazer



Ainda debruçados em práticas culturais ligadas à arte, o exercício de frequentar Cinemas adquire, por parte da amostra representativa da presente análise, uma posição bivariada. Enquanto 55,6% (n=25) revela uma ida ao cinema como prática regular do seu quotidiano, os restantes 44% (n=20) assumem esta prática como um procedimento raro.

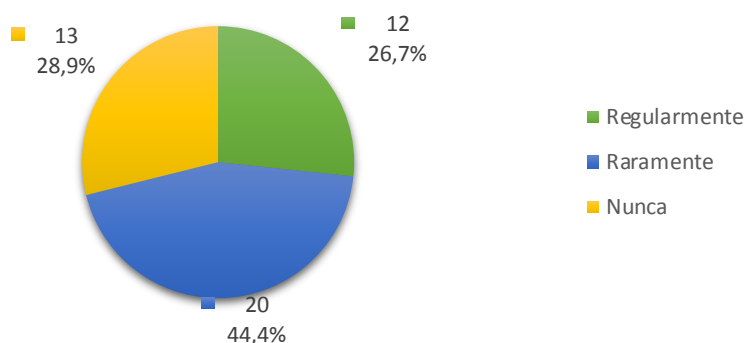
Seguidamente, focamos a nossa análise em práticas culturais ligadas à literatura.

Gráfico 13 - Frequentar Bibliotecas enquanto prática cultural de lazer



Perante o gráfico, e alertando à não-resposta por parte de um constituinte da amostra, é possível verificar que frequentar bibliotecas não é uma prática de lazer muito acarinhada pelos alunos, sendo que somente 6,8% (n=3) considera esta como uma prática regular. Dos restantes constituintes da amostra, 47,7% (n=21) assumem esta prática como rara enquanto os restantes 45,5% (20) consideram nunca frequentar bibliotecas.

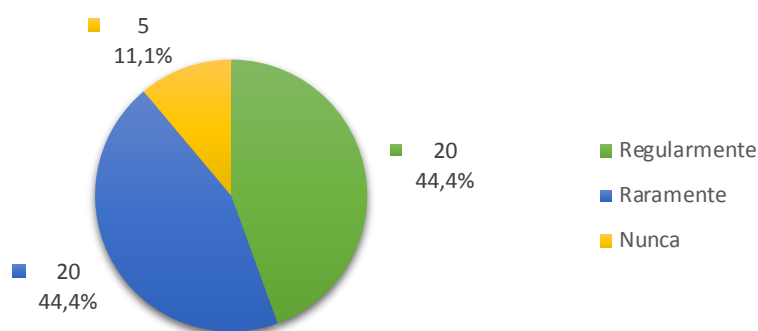
Gráfico 14 - Leitura Livre enquanto prática cultural de lazer



A leitura livre, como se deteta no gráfico, é também uma prática de lazer pouco assistida por parte dos alunos constituintes desta amostra, sendo que somente 26,7% (n=12) confirmam esta como um exercício regular. Dos restantes, 44% (n=20) assume a leitura livre como um exercício raro do seu dia-a-dia, enquanto 28,9% (n=13) confirmam nunca recorrer à leitura a como prática de lazer.

Abordadas as práticas culturais de relaxamento e realização pessoal ligadas às artes e à literatura, focamos agora a nossa análise na frequência com que os alunos constituintes da amostra dedicam em assistir a espetáculos desportivos.

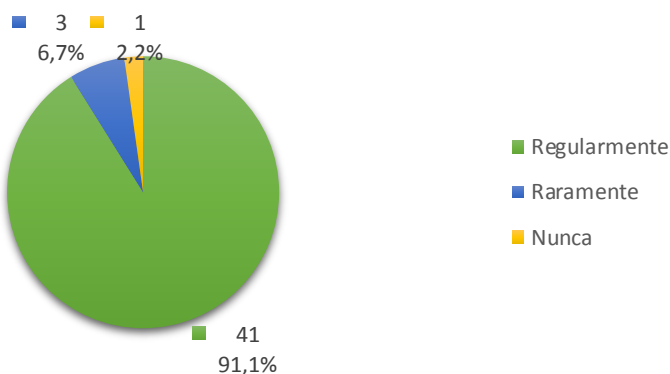
Gráfico 15 - Frequentar Espaços Desportivos enquanto prática cultural de lazer



Neste sentido, da totalidade da amostra, 44,4% (n=20) assumiu esta prática como um exercício regular do seu quotidiano. Com um peso igualmente de 44,% (n=20) consideram a sua frequência em espaços desportivos um hábito raro, enquanto os restantes 11,1% (n=5) confirmam nunca ter este costume.

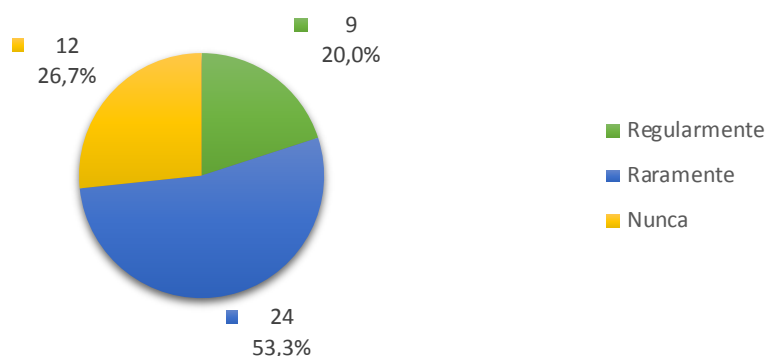
Em seguida, abordaremos práticas culturais de divertimento e lazer na área do convívio social. Deste modo, contando com a totalidade da amostra, importa explorar a frequência com que os jovens alunos se dedicam aos amigos e a estar com eles.

Gráfico 16 - Conviver com Amigos enquanto prática cultural de lazer



Assim, olhando o gráfico, a convivência com amigos enquanto prática de lazer é vista, na sua larga maioria, como um exercício regular, com um peso de 91,1% (n=41) na totalidade da amostra. Assumindo números mais bem mais baixos, 6,7% (n=3) da amostra revela conviver com os amigos raramente, enquanto o elemento restante assume que esta prática de lazer não é um hábito para si.

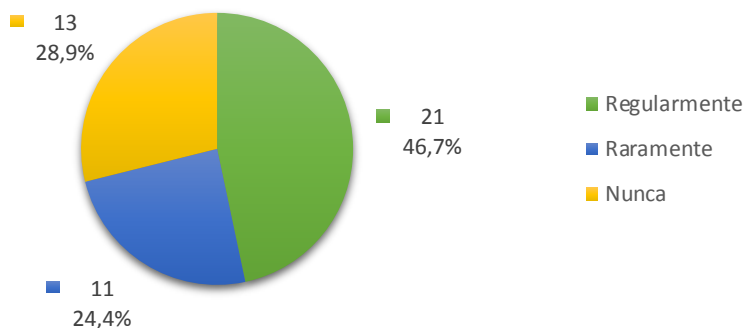
Gráfico 17 - Frequentar Espaços Noturnos enquanto prática cultural de lazer



Relativamente ao frequentar bares e discotecas enquanto atividade de lazer, somente uma minoria confirma esta prática como regular, com um peso de 20% (n=9). Os restantes, enquanto 53,3% (n=24) consideram esta como um exercício raro, cerca de 26,7% (n=12) assumem nunca ter frequentado bares ou discotecas. Estes índices baixos podem ser atenuados e explicados devido às idades dos jovens inquiridos.

Ainda dentro do assunto, consideramos pertinente o tempo dedicado pelos jovens à prática de namorar.

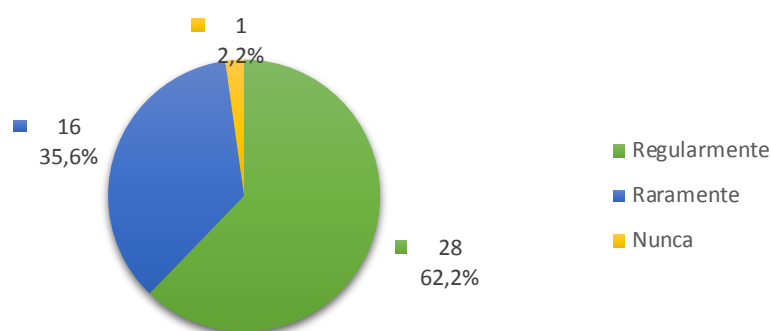
Gráfico 18 - Namorar enquanto prática cultural de lazer



Após uma análise do gráfico acima, o namoro visto enquanto atividade de lazer é vista pelos alunos constituintes da amostra de forma diversificada e variada. Da totalidade da amostra, 46,7% (n=21) afirma ter o hábito de namorar como regular, enquanto 24,4% (n=11) assume a prática de namorar como “rara” no seu quotidiano. Os 28,9% (n=13) restantes assumem não namorar. Contudo, é pertinente ressaltar que esta variável está dependente de vários fatores extrínsecos à nossa análise.

Ainda que num contexto mais doméstico, importa-nos explorar com que frequência os jovens pertencentes à amostra dedicam a passeios de âmbito familiar.

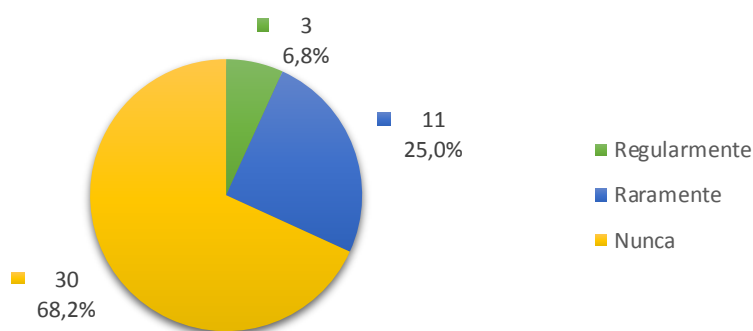
Gráfico 19 - Passear com a família enquanto prática cultural de lazer



Tendo como base a análise feita ao gráfico acima, a maioria da amostra, com um peso de 62,2% (n=28), este hábito como regular. Já menos de metade, 35,6% (n=16), confirma esta prática como um exercício raro enquanto os restantes 2,2% (n=1), representam um indivíduo que afirma não ter este hábito.

Esmiuçadas já algumas práticas culturais de lazer, importa-nos agora compreender a atividade religiosa enquanto hábito dos alunos. Para a seguinte análise, resguarda-se que um elemento da amostra apresentou uma resposta inválida logo o total da análise cinge-se a 44 alunos.

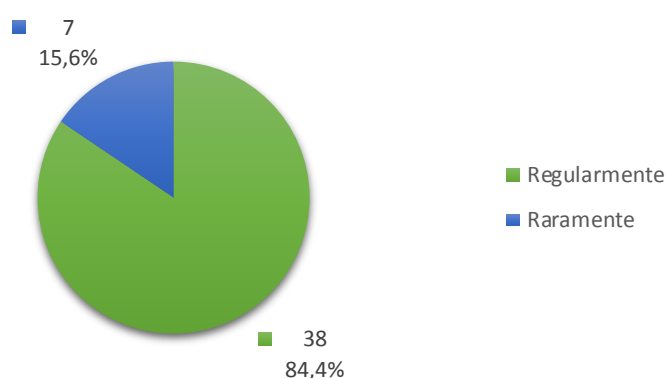
Gráfico 20 - Atividade Religiosa enquanto prática cultural de lazer



Neste sentido, sobre a atividade religiosa, a grande maioria, 68,2% (30), revelam não ter este hábito. O gosto pela religião para os alunos revela-se fraco, dado que 25% (n=11) considera este procedimento raro, deixando apenas 6,8% (n=3) da amostra que assume esta prática como regular.

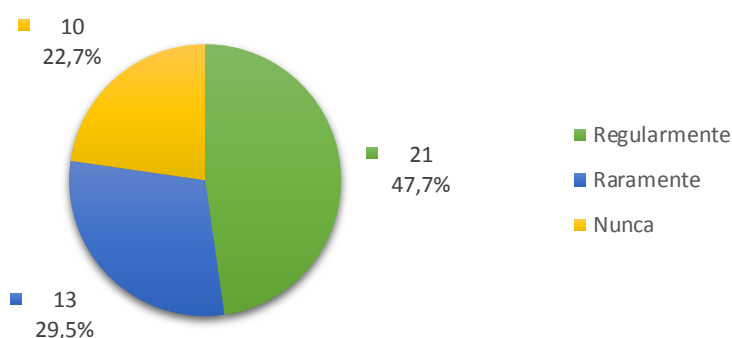
Passando agora a uma abordagem debruçada em práticas culturais de lazer e divertimento ligadas às tecnologias, importa-nos compreender com que frequência os alunos constituintes da amostra usufruem de hábitos ligados à televisão, computador/consola e internet.

Gráfico 21 - Ver Televisão enquanto prática cultural de lazer



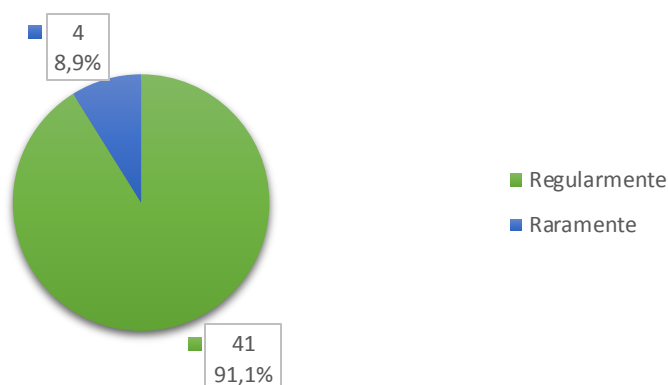
Primeiramente, e tendo o quadro relativo ao visionamento de televisão enquanto prática de lazer, todos os alunos constituintes da amostra não põem este hábito de parte. A grande maioria, 84% (n=38) considera esta prática como regular do seu cotidiano enquanto os restantes 15,6% (7) assumem não conferir grande importância a esta prática.

Gráfico 22 - Jogar Computador/Consola enquanto prática cultural de lazer



Focados no exercício de jogar computador e/ou consola enquanto prática de lazer, e contando somente com 44 inquiridos dada a resposta inválida de um constituinte da mesma, este hábito é visto por grande parte da amostra como um hábito regular, com um peso de 47,7% (n=21). Opostamente, 29,5% (n=13) da amostra revela que este tipo de atividades não têm grande interesse para si e que é um exercício raro do seu cotidiano. Por fim, os 22,7% (n=10) restantes correspondem a alunos que não têm o hábito de jogar computador e/ou consola.

Gráfico 23 - Navegar na Internet enquanto prática cultural de lazer



Por fim, abordando a prática de lazer “navegar na internet”, uma esmagadora maioria assume esta como uma prática regular do seu quotidiano, com um peso de 91,1% (n=41), ao invés de um pequeno grupo, 8,9% (n=4), que considera o hábito de navegar na internet como raro.

Após a análise sobre regularidade com que os alunos participam em determinadas práticas culturais de lazer, podemos distinguir entre as referidas, práticas ligadas à música, à rede de sociabilidades como estar com amigos bem como passear em família e, práticas ligadas às tecnologias como as “preferidas” por parte dos alunos, ou pelo menos aquelas em que se verifica uma maior regularidade de ação da parte dos mesmos.

Neste sentido, a música assume-se como uma prática cultural de lazer comum entre a totalidade da amostra. Estes dados vão ao encontro das palavras de Machado Pais ao considerar que a música *poderia ser considerada um signo juvenil geracional* (Pais, 1993, p. 104). No entanto, a participação por parte dos alunos em espetáculos/festivais musicais é reduzida, bem como a intenção em aprender música e práticas dedicadas a esse objetivo. Práticas de lazer ligadas às redes de sociabilidade, como convivência entre amigos e passeios familiares são também foco de adesão regular por parte dos mesmos, assim como práticas associadas às tecnologias como ver televisão, jogar computador ou consola e navegar na internet. Estas práticas aparentemente consistem em *hábitos comuns à generalidade dos grupos juvenis* (Pais, 1993, p. 107).

Com índices baixos em termos de adesão por parte da amostra, a prática de frequentar ou assistir a teatro revela-se sem adesão por parte dos alunos, ao contrário de frequentar cinemas onde a posição por parte dos alunos é repartida entre a regularidade e a pouca regularidade. Outra prática com baixos índices de participação prende-se ao frequentar bibliotecas sendo que, relativamente à leitura livre enquanto prática os números de regularidade aumentam. O frequentar espaços desportivos assume-se uma

dispersão de regularidade, tal como o namorar. Relativamente ao frequentar espaços noturnos, os índices participativos são também baixos, no entanto, não deixa de ser pertinente referir que estamos a analisar uma amostra com idades compreendidas entre os 15 e os 20, com maior peso entre os 15 e os 18. A prática cultural de lazer ligada à atividade religiosa revela também baixíssimos índices de participação e regularidade, mostrando que, atualmente, os jovens não conferem grande importância à mesma.

3.5. Clivagens presentes na amostra segundo género e grupo social

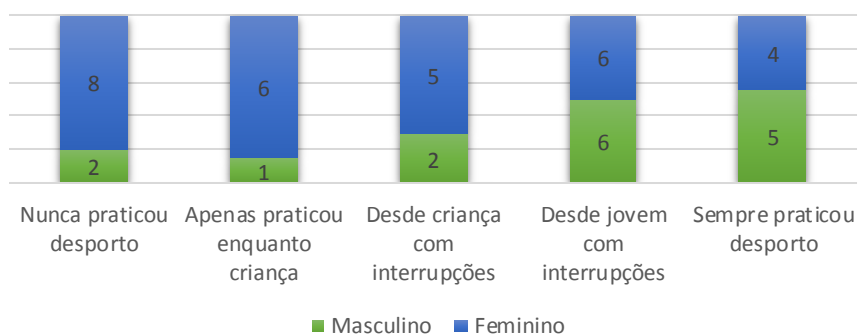
Feita uma exploração que incide sobre as regularidades dos alunos constituintes da amostra no que concerne à prática de atividade físico-desportiva, consideramos agora pertinente uma análise sobre as clivagens existentes consoante o género e classe social da amostra.

3.5.1. Género

Como identificado anteriormente, a nossa amostra é constituída por 45 alunos inscritos no ensino secundário, no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto. Efetuada uma divisão consoante o género dos inquiridos, verificamos que, da totalidade da amostra, 64,4% (n=29) assume o género feminino, enquanto s restantes inquiridos, 35,6% (n=16) revela ser do género masculino. As diferenças a nível de género assumem grande pertinência dado que tem sido considerado como uma variável sociológica que tem um impacto equivalente ao impacto de classe social.

Neste sentido, importa-nos explorar determinadas clivagens existentes entre o género dos jovens alunos, relativamente às suas regularidades no âmbito da prática de atividade físico-desportiva.

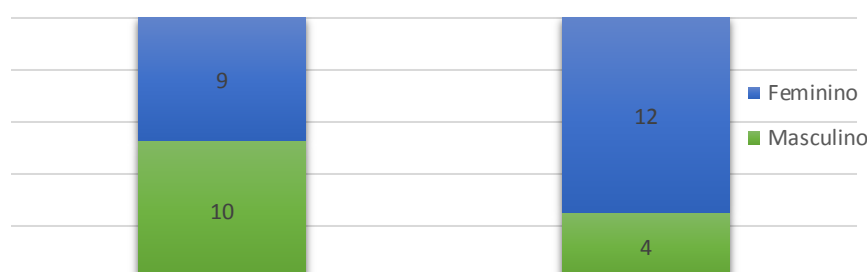
Gráfico 24 - Passado Desportivo dos alunos, consoante o género



Tendo como base as respostas da totalidade da amostra, relativamente ao passado desportivo por parte dos jovens alunos, é possível verificar que dos 10 alunos que responderam nunca ter praticado desporto ao longo da sua vida, 8 são raparigas e os restantes rapazes. Seguidamente, 6 raparigas assumem ter praticado desporto enquanto criança, enquanto do sexo masculino somente um individuo tem o mesmo passado desportivo. Novamente em maior número, 5 raparigas praticam atividade físico-desportiva desde criança assumindo interrupções pelo meio, enquanto existem somente 2 rapazes na mesma situação. Com o mesmo peso em termos estatísticos, 6 rapazes e 6 raparigas partilham o mesmo passado a nível desportivo, confirmando que iniciaram a prática desportiva já em idade jovem, com algumas interrupções. Relativamente aos 9 alunos que sempre praticaram desporto ao longo da sua vida, 5 dos quais identificam-se como sexo masculino enquanto os restantes 4 do sexo feminino. Ressalva-se como nota final da análise da variável em questão, que enquanto o número de raparigas que nunca praticaram desporto ao longo da sua vida é maior que aqueles que sempre praticaram algum tipo de atividade físico-desportiva, nos rapazes acontece o oposto.

Conhecedores das diferenças a nível de género no que releva ao passado desportivo dos jovens inquiridos, importa agora explorar o presente desportivo da amostra, sendo por isso pertinente considerar se atualmente praticam ou não algum tipo de atividade físico-desportiva, ressaltando que para fins estatísticos não interessam os alunos que nunca praticaram desporto em qualquer altura da sua vida.

Gráfico 25 - Alunos que atualmente praticam desporto ou atividade físico-desportiva, consoante o género

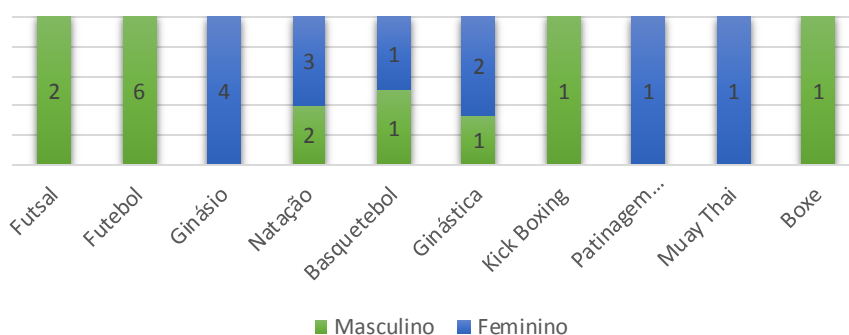


Neste sentido, olhando o gráfico referente, verifica-se que dos 19 inquiridos que assume praticar atividade físico-desportiva atualmente, 10 identificam-se como sexo masculino, enquanto os 9 restantes são do sexo feminino. Relativamente àqueles que

atualmente não têm hábitos de prática desportiva (n=16), 12 são raparigas e os 4 restantes rapazes.

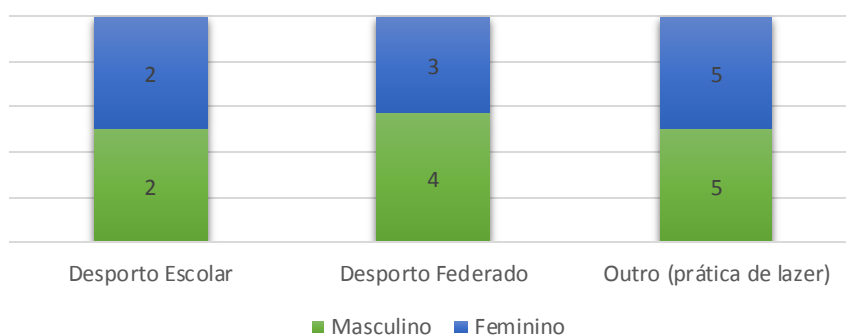
Após verificar que o sexo masculino está em maior número entre aqueles que revelam hábitos desportivos regulares (n=19), mesmo que em menor número na constituição da amostra, importa-nos agora explorar que tipos de modalidades rapazes e raparigas praticam.

Gráfico 26 - Modalidades praticadas pelos alunos, consoante o género



Tanto o futsal, como o futebol, o kick boxing e o boxe são somente praticadas por rapazes, enquanto atividades de ginásio, patinagem artística e muay thai são somente praticadas por raparigas. Basquetebol é a modalidade que reúne o mesmo de praticantes de ambos os sexos (n=1). Natação conta com 3 praticantes do sexo feminino e dois do sexo masculino, enquanto ginástica é representada por 2 raparigas e 1 rapaz. É então possível verificar as modalidades coletivas contam maioritariamente com praticantes do sexo masculino ao invés das individuais, que com a exceção do boxe e kick boxing, contam em maior número com praticantes do sexo feminino.

Gráfico 27 - Âmbito de prática desportiva dos alunos, consoante o género



Relativamente ao âmbito de prática desportiva, não existem grandes clivagens a nível de género, dado que dos três âmbitos referidos na tabela, à exceção do desporto federado que conta com mais praticantes do sexo masculino que do feminino, contam com o mesmo número de praticantes de ambos os sexos.

Explorados os hábitos da amostra segundo o género, incorreremos agora numa tentativa de esmiuçar os objetivos face à prática de atividade físico-desportiva consoante a diferenciação segundo o género.

Tabela 32 - Objetivos face à prática desportiva, consoante o género

	M.I.		I.		P.I.		N.I.		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Imagem Corporal	5 31,3%	12 42,9%	9 56,3%	14 50%	1 6,3%	2 7,1%	1 6,3%	0	16 100%	28 ** 100%
Melhoria Condição Física	12 75%	16 59,3%	4 25%	11 40,7%	0	0	0	0	16 100%	27*** 100%
Melhoria condições de saúde	11 68,8%	19 67,9%	5 31,2%	9 32,1%	0	0	0	0	16 100%	28 ** 100%
Convívio/ Amizades	6 37,5%	6 21,4%	8 50%	18 64,3%	2 12,5%	4 14,3%	0	0	16 100%	28 ** 100%
Lazer	8 50%	8 28,6%	7 43,8%	20 71,4%	1 6,3%	0	0	0	16 100%	28 ** 100%
Competição	7 43,8%	1 3,6%	6 37,5%	11 39,3%	3 18,8%	12 42,9%	0	4 14,3%	16 100%	28 ** 100%

*M.I. – Muito Importante; I. – Importante; P.I. – Pouco Importante; N.I. – Nada Importante; M – Masculino;

F – Feminino **1 Resposta inválida *** 2 Respostas inválidas

Tendo como base a tabela 32, onde estão retratados os graus de importância atribuído pelos alunos sobre os objetivos face à prática de atividade físico-desportiva, incorreremos numa análise sobre a mesma.

Começando pelo primeiro objetivo referido, imagem corporal e beleza física, quer o género masculino quer o género feminino atribuem ao mesmo grande importância. Esmiuçando, 31,3% (n=5) dos alunos referentes ao género masculino consideram a imagem corporal muito importante, enquanto 56,3% (n=9) julgam este objetivo como importante. Somente um rapaz (6,3%) considera a imagem corporal pouco importante e, com o mesmo peso na amostra, 1 rapaz olha este objetivo como nada importante. Relativamente ao género feminino, 42,9% (n=12) consideram o objetivo mencionado como muito importante, enquanto 50% (n=14) consideram como importante. Atribuindo

um menor grau de importância menor – pouco importante – destacam-se 7,1% (n=2) dos alunos do género feminino.

Sobre a melhoria da condição física e melhoria das condições de saúde, o grau de importância atribuído pelos alunos parece não depender de questões de género, visto que quer o género masculino e feminino apresentam dados relativamente parecidos estatisticamente. Sobre a melhoria da condição física, 75% (n=12) dos rapazes consideram-na como muito importante, ao passo que os restantes 25% (n=4) do mesmo género olham o objetivo como importante. Para as raparigas, 59,3% (n=16) destas consideram os benefícios na atividade física como muito importante enquanto as 40,7% (n=11) restantes como importante. Perante a melhoria das condições de saúde, os resultados não diferem muito da satisfação sobre o objetivo anterior, sendo que 68,8% (n=11) dos rapazes olham-na como muito importante ao passo que os restantes 31,2% (n=5) como importante. No género feminino, 67,9% (n=19) destas consideram este objetivo muito importante enquanto as raparigas restantes, 32,1% (n=9) como importante.

O próximo objetivo foco de análise para o presente estudo, prende-se ao convívio advindo da atividade físico-desportiva, bem como a criação de uma rede de amizades e sociabilidades. Neste sentido, 37,5% (n=6) dos rapazes consideram este objetivo muito importante, enquanto 50% (n=8) como importante. Os restantes alunos do género masculino, 12,5% (n=2) consideram o objetivo mencionado como pouco importante. Para as raparigas, 21,4% (n=6) destas olham o convívio e rede de amizades criadas como muito importante, 64,3% (n=18) consideram importante e os 14,3% (n=4) restantes consideram pouco importante.

Abordando agora o lazer advindo da prática de atividade físico-desportiva, sobre o assunto, o grau de satisfação por parte da amostra masculina resulta em 50% (n=8) destes a considerarem este objetivo como muito importante, 43,8% (n=7) como importante e os 6,3% (n=1) restantes como pouco importante. Da amostra feminina, 28,6% (n=8) consideram o objetivo lazer como muito importante enquanto os 71,4% (n=20) sobrantes consideram-no como importante.

Por fim, o último objetivo abordado prende-se à competição resultante da prática desportiva. Neste prisma, verifica-se que 43,8% (n=7) dos rapazes consideram a competição como muito importante, enquanto 37,5% (n=6) como importante. Os 18,8% (n=3) sobrantes olham a competição como pouco importante. No caso das meninas, somente 3,6% (n=1) consideram a competição como muito importante, sendo que 39,3% (n=11) consideram-na importante. Atribuindo menor importância verificamos a

existência de 42,9% (n=12) da amostra feminina enquanto 14,3% (n=4) destas olha a competição como nada importante.

O próximo foco do nosso estudo encontra-se debruçado na regularidade com que os alunos constituintes da nossa amostra praticam determinadas áreas de lazer bem como realização pessoal⁵. Neste sentido, será feita novamente uma diferenciação de gênero relativamente à questão mencionada.

Iniciando a nossa exploração sobre os gostos dos alunos pela música enquanto prática de lazer, verificamos que na sua generalidade, quer rapazes quer raparigas, têm o ouvir música como um hábito regular. No entanto, no que toca ao assistir e frequentar concertos musicais, do género masculino, somente 12,5% (n=5) assumem esta prática regular enquanto 43,8% (n=7) assume a mesma como um hábito raro. Os inquiridos que sobram do género masculino, 43,8% (n=7) confirmam não ter este hábito nunca. Respeitante ao género feminino, 17,2% (n=7) considera o assistir a concertos musicais um hábito regular, enquanto 69% (n=20) um hábito raro. Os restantes 13,8% afirmam nunca assistir a concertos musicais. Continuando na música enquanto prática de lazer, quer rapazes quer raparigas parecem não estar muito dispostos a aprender música, já que somente uma minoria considerou esta prática como um hábito regular. Neste sentido, 12,5% (n=2) dos rapazes e 13,8% (n=4) das raparigas consideraram o aprender música um hábito regular. Em contrapartida, 25% (n=4) do género masculino e 34,5% (n=10) consideram esta prática como um hábito raro. Os restantes inquiridos, 62,5% (n=10) dos rapazes e 51,7% (n=15) confirmam que esta prática não é, efetivamente, um hábito.

Fazendo agora referência ao frequentar teatros enquanto prática de lazer, como se verifica na tabela, cada vez menos esta se assume como um hábito regular dos jovens. Neste sentido, 31,3% (n=5) dos rapazes considera esta prática como um hábito raro enquanto os restantes 68,8% confirmam não ter este hábito. Quanto às raparigas, 75,9% (n=22) consideram o ir ao teatro um hábito raro enquanto 24,1% (n=7) considera não ter este hábito.

Quanto ao ir ao cinema, esta assume-se como uma prática de lazer em que os jovens consideram como um hábito, regular ou raro. Assim, 50% (n=8) dos rapazes considera esta prática como regular enquanto a outra metade (n=8) considera um hábito raro. Quanto ao género feminino, 58,6% (n=17) assumem o ir ao cinema como regular ao invés de 41,4% que consideram este hábito raro.

⁵ Ver anexo 12

Abordando agora a literatura enquanto prática de lazer, apuramos que nenhum aluno do gênero masculino têm como hábito regular frequentar bibliotecas e que somente um assume a leitura livre como prática de lazer. Ainda sobre o frequentar bibliotecas, 37,5% (n=6) considera esta prática um hábito raro enquanto 62,5% (n=10) confirma nunca frequentar bibliotecas. Sobre a leitura livre, são 31,3% (n=5) dos rapazes considera esta como um hábito não frequente enquanto os restantes 62,5% (n=10) revelam não ter esta prática como um hábito. Quando ao gênero feminino, 10,7% (n=3) manifestam que frequentam bibliotecas regularmente, sendo que 53,6% (n=15) assumem esta prática como um hábito raro. Os restantes 35,7% (n=10) declaram não frequentar bibliotecas. Referindo-nos ao gênero feminino e a leitura livre enquanto prática de lazer, verificamos que 37,9% (n=11) têm esta como uma prática regular. Concomitantemente, 51,7% (n=15) assume esta prática como pouco frequente e os restantes 10,3% (n=3) assumem não ter este hábito.

A próxima prática de lazer alvo de análise, o frequentar espaços desportivos, 62,5% (n=10) dos rapazes assume regularidade nesta prática, contando também com 25% (n=4) que confirma esta prática como invulgar e, relativamente aos restantes 12,5% (n=2), estes assumem não frequentar este tipo de espaços. Relativamente às raparigas, 34,5% (n=10) considera esta prática regular, no entanto, 55,2% (n=16) considera a mesma um hábito raro. Os 10,3% (n=3) que sobram consideram não frequentar espaços desportivos.

Abordando agora práticas de lazer ligadas às redes de socialização, grande maioria, quer do gênero masculino quer feminino, assumem regularidade quanto à convivência com amigos. Traduzindo em números, 87,5% (n=14) dos rapazes confirma a regularidade desta prática, aliados a 6,3% (n=1) que considera esta prática invulgar/rara e a 6,3% (n=1) que manifesta não ter este hábito. Sobre o gênero feminino, 93,1% (n=27) afirma estar com os amigos regularmente enquanto os restantes 6,9% (n=2) assumem esta convivência raramente. Incidindo em locais com facilidade a desenvolverem redes de socialização, como espaços noturnos (bares e discotecas), verificamos que 25% (n=4) dos rapazes frequenta estes locais regularmente. Verificamos também que 37,5% (n=6) frequentar os espaços mencionados raramente e 37,5% (n=6) nunca frequentam espaços noturnos. Falando no gênero feminino, 17,2% (n=5) têm este hábito como regular, 62,1% (n=18) assumem que é raro o frequentarem espaços do gênero enquanto 20,7% (n=6) assumem não ter este hábito. Sobre o namorar enquanto prática de lazer dos jovens alunos, verificamos que 43,8% (n=7) dos rapazes e 48,3% (n=14) das raparigas namoram com regularidade. Concomitantemente, verificamos que 18,8% (n=3) dos rapazes e

27,6% (n=8) das raparigas namoram raramente enquanto os restantes 37,5% (n=6) e 24,1% (n=7), dos rapazes e raparigas respetivamente, não namoram.

Seguidamente, de acordo com os dados obtidos, 37,5% (n=6) dos rapazes inquiridos passeiam com a família com regularidade, ao invés de 56,3% (n=9) que o faz raramente aliados a 6,3% (n=1) que nunca o faz. Relativamente às raparigas, 75,9% (n=22) têm este hábito como regular enquanto os restantes 24,1% (n=7) passeia com a família raramente.

Passando agora por uma análise sobre a religião e atividade religiosa enquanto prática cultural de lazer, estatisticamente, quer rapazes e raparigas assemelham-se na regularidade. Neste sentido, somente 6,3% (n=1) dos rapazes e 7,1% (n=2) das raparigas confirmam a atividade religiosa como uma prática regular. Dos restantes, 25% quer dos rapazes (n=4) quer das raparigas (n=7) têm este hábito tido como invulgar enquanto os restantes 68,8% (n=11) dos rapazes e 67,9% (n=19) das raparigas nunca dispõe da religião enquanto prática de lazer.

Por fim, relativamente às tecnologias enquanto práticas culturais de lazer, 87,5% (n=14) dos rapazes confirma ver televisão regularmente, ao invés dos restantes 12,5% (n=2) que o fazem raramente. Em simultâneo, 82,8% (n=24) das raparigas revelam este hábito como regular ao contrário dos restantes 17,2% (n=5) que raramente vê televisão. Sobre o jogar computador ou consola, 87,5% (n=14) dos rapazes assume esta prática como regular, aliados a 12,5% (n=2) que revelam o usufruto desta prática raramente. Quanto às raparigas, 25% (n=7) revelam esta como uma prática regular, 39,3% (n=11) como um hábito raro enquanto os restantes 35,7% (n=10) nunca jogam computador ou consola. Por fim, no que concerne ao recorrer à internet, verificamos que 93,8% (n=15) dos rapazes é regular quanto a esta prática, tal como 89,7% (n=26) das raparigas. Em simultâneo, 6,3% (n=1) dos rapazes e 10,3% (n=3) das raparigas recorrem raramente à internet.

Após a análise debruçada nas clivagens existentes segundo o género dos alunos com base no inquérito aplicado aos mesmos, passamos agora ao levantamento das opiniões e posições por parte dos professores relativamente às diferenças a nível de género. Para este efeito foram aplicadas entrevistas a três docentes a lecionar no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto.

Neste sentido, as opiniões por parte dos três entrevistados não reúne o total consenso. Concordando que, por mais análises que sejam feitas, tudo não passará de uma generalização, verifica-se que tudo depende de orientações anteriores face à prática

desportiva, ou seja, o aluno terá já de ter alguns hábitos desportivos implícitos, caso contrário, não é no ensino secundário que os ganhará. Verifica-se também que os gostos entre ambos os géneros são diferenciados, sendo que “as meninas a partir de uma dada altura preocupam-se mais com o seu aspeto físico, o visual, com a alimentação, com o treino do seu corpo, enquanto os rapazes têm a necessidade de maior competição, portanto, de libertarem as suas energias através do vencer, do ganhar”. (Entrevistado 1) Ressalva-se que esta afirmação reflete-se nos dados conferidos pelo inquérito. Neste sentido, pode-se apontar que as preocupações do género feminino prendem-se a uma questão beleza enquanto o género masculino está preocupado gastar energias, índices competitivos.

Contudo, é de realçar que “cada vez se nota uma diferença menor. Tanto os rapazes como as raparigas gostam de praticar atividade física”. (entrevistado 3) Este último aponta à existência sempre de um aluno ou outro mais preguiçoso e menos apto à prática desportiva mas que não é “pela questão do género que haja diferença na motivação e empenho nas aulas de educação física” (idem).

Podemos então concluir que numa amostra predominantemente feminina (64,4%), olhando só aqueles que atualmente praticam algum tipo de modalidade de atividade físico-desportiva (n=19), verificamos que a situação é invertida e o género masculino assume-se maioritário (n=10). Estes dados aliam-se ao facto de se verificar que, sobre o passado desportivo, no que ao género masculino diz respeito, há uma predominância entre aqueles que sempre praticaram desporto ao invés do género feminino, que é o oposto, ou seja, a predominância reside entre aqueles que nunca praticaram algum tipo de atividade físico-desportiva. Estes dados levam-nos a uma socialização de género, iniciada aquando a socialização primário principalmente por parte dos pais ou família mais próxima. (Lopes, 1996)

Sobre as modalidades praticadas, verifica-se uma predominância do género masculino na prática de modalidades coletivas como o futebol ou o futsal, enquanto o género feminino concentra-se em modalidades de cariz individual como a natação, considerando, obviamente, exceções. Sobre o âmbito de prática não existem diferenças entre ambos os géneros.

No que concerne aos objetivos perante a prática de atividade físico-desportiva, verifica-se uma predominância do género feminino em termos de satisfação na imagem corporal e beleza do corpo. Relativamente aos restantes objetivos alvos de avaliação, à exceção da melhoria das condições de saúde onde ambos os géneros apresentam o mesmo

grau de satisfação, melhoria da condição física, criação de redes de sociabilidades, lazer e divertimento bem como competição, contam com uma satisfação maior por parte do género masculino. Em suma, tal como é citado nas entrevistas, o género feminino a partir de determinada altura dedica-se à beleza do corpo e a prática de atividade física incorre nesse objetivo. Contudo, o género masculino atribui à prática desportiva um outro sentido, um sentido mais ligado à competição, às redes de sociabilidade bem como melhoria da própria condição física, possivelmente para permitir aumentar os índices desportivos.

No que reflete as práticas culturais de lazer, em termos de diferenciação consoante o género dos inquiridos, verifica-se uma predominância em termos de regularidade por parte do género masculino em práticas ligadas ao frequentar espaços desportivos bem como frequentar espaços noturnos, aliados ao exercício de jogar computador ou consola. Quanto ao género feminino, estas assumem predominância em termos de regularidade relativamente a práticas ligadas a concertos musicais, cinema, frequentar bibliotecas e leitura livre, bem como passeios familiares. Junta-se ainda a prática de frequentar teatros que, apesar da pouca regularidade, assume um público superior do género feminino. Práticas de lazer como ouvir e aprender música, convivência com amigos, namorar, atividade religiosa bem como ver televisão e navegar na internet, não revelam clivagens relativamente à diferenciação segundo género.

3.5.2. Grupo sócio-profissional

Exploradas as clivagens existentes consoante o género dos alunos inquiridos, seguimos a nossa análise agora voltada às clivagens existentes segundo o grupo sócio-profissional da amostra.

Tal como na análise debruçada nas clivagens segundo género, iniciaremos novamente esta distinção, agora segundo grupo sócio-profissional, por uma exploração sobre o passado desportivo dos alunos constituintes da amostra.

Tabela 33 - Passado Desportivo dos Inquiridos, consoante o grupo sócio-profissional

Grupo Sócio-profissional	EDL	PTE	TI	EE	TICs	D	Total
Nunca praticou desporto	1 11,1%	0	2 22,2%	1 11,1%	1 11,1%	4 44,4%	9 100%
Apenas praticou enquanto criança	1 14,3%	0	0	3 42,9%	2 28,6%	1 14,3%	7 100%
Desde criança com interrupções	0	1 14,3%	1 14,3%	1 14,3%	3 42,9%	1 14,3%	7 100%
Desde jovem com interrupções	2 18,2%	2 18,2%	0	4 36,4%	0	3 27,3%	11 100%
Sempre praticou desporto	1 12,5%	1 12,5%	1 12,5%	1 12,5%	2 25%	2 25%	8 100%

Com base na tabela, verificamos que dos 9 inquiridos que nunca praticaram desporto, 11,1% (n=1) pertencem ao grupo sócio-profissional referente a EDL, 22,2% (n=2) ao grupo PTE, 11,1% (n=1) a EE, 11,1% (n=1) a TIC's enquanto os restantes, categorizados como pertencentes ao grupo denominado por Desempregados, assumindo-se o grupo mais representado com 44,4% (n=4) dos que nunca praticaram desporto ao longo da vida. Sobre os que apenas praticaram desporto enquanto criança (n=7), mais ou menos até aos 12 anos de idade, 14,3% (n=1) pertencem a EDL, 42,9% (n=3) a EE, 28,6% (n=2) a TICs enquanto os restantes 14,3% ao grupo Desempregados. Incidindo agora a análise sobre os que praticam atividade físico-desportiva desde criança, no entanto, com interrupções a nível de tempo (n=7), 42,9% (n=3) pertencem ao grupo TICs, enquanto os restantes pertencem a PTE, TI, EE e Desempregados, com um peso de 14,3% (n=1) cada. Por sua vez, dos 11 inquiridos que praticam desporto desde jovem e com interrupções pelo meio, quer o grupo EDL quer PTE, estão representados por 18,2% (n=2) cada, enquanto 36,4% (n=4) pertencem a EE. Relativamente aos restantes 27,3% (n=3), estes assumem o grupo Desempregados. Por fim, abordando aqueles que sempre tiveram a prática de atividade físico-desportiva como um hábito regular (n=8), existe uma grande dispersão quando categorizados segundo grupo social. Neste sentido, EDL, PTE, TI e EE estão representados com 12,5% (n=1) cada enquanto TICs e Desempregados contam com um peso de 25% (n=2) cada.

Tabela 34 - Alunos que atualmente praticam desporto, consoante grupo sócio-profissional

	EDL	PTE	TI	EE	TICs	D	T
Sim	2 11,8%	3 17,6%	1 5,9%	3 17,6%	3 17,6%	5 29,4%	17 100,0%
Não	2 12,5%	1 6,3%	1 6,3%	6 37,5%	4 25,0%	2 12,5%	16 100,0%

Sobre os hábitos atuais por parte dos inquiridos da amostra, dos que atualmente praticam alguma modalidade ou atividade físico-desportiva (n=17), 11,8% (n=2) pertencem ao grupo EDL. Os grupos sócio-profissionais PTE, EE e TICs contam com um peso de 17,6% (n=3) cada e 5,9% (n=1) ao grupo associado aos trabalhadores independentes. O grupo mais exibido é o ligado ao Desemprego, com um peso de 29,4% (n=5) entre os que atualmente praticam desporto. Sobre os que não praticam qualquer tipo de atividade física de momento, a classe mais representada prende-se aos EE, com 37,5% (n=6), enquanto logo a seguir surge o grupo TICs com 25% (n=4). Os grupos EDL e Desempregados representam-se com 12,5% (n=2) cada e, por fim, os grupos PTE e TI com 6,3% (n=1) cada.

Tabela 35 - Modalidades praticadas pelos Inquiridos, consoante o grupo sócio-profissional

Modalidades	EDL	PTE	TI	EE	TICs	D	T
Futsal	0	0	0	0	0	2 100%	2 100%
Futebol	1 20%	0	1 20%	1 20%	1 20%	1 20,0%	5 100%
Ginásio	1 25%	2 50%	0	0	0	1 25%	4 100%
Natação	1 20%	0	1 20%	1 20%	1 20%	1 20%	5 100%
Basquetebol	0	1 50%	0	0	1 50%	0	2 100%
Ginástica	0	0	0	0	1 50%	1 50%	2 100%
Kick Boxing	0	0	0	0	0	1 100,0%	1
Patinagem artística	0	1 100,0%	0	0	0	0	1
Muay Thai	0	0	0	1 100,0%	0	0	1

Seguindo a análise, os dois alunos que praticam a modalidade futsal inserem-se no grupo social categorizado como desempregados. Já os alunos que praticam a modalidade futebol apresentam uma diversificação de grupos sociais, isto é, da totalidade dos praticantes desta modalidade (n=5), os grupos EDL, TI, EE, TICs e Desempregados estão representados com 20% (n=1) cada. Relativamente à modalidade natação, além de se assemelhar à modalidade futebol em termos de número de praticantes (n=5), assemelha-se também no que consiste em diferenciação por grupos sócio-profissionais por parte dos praticantes da modalidade (EDL, TI, EE, TICs e Desempregados: 20% (n=1) cada). Sobre os adeptos de ginásio (n=4), 50% (n=2) inserem-se na classe PTE a par de EDL e Desempregados representados com 25% (n=1) cada. A modalidade basquetebol conta com dois praticantes da modalidade inseridos categoricamente nos grupos sócio-profissionais PTE e TICs, com um peso de 50% (n=1) respetivamente. Quanto à ginástica enquanto modalidade de atividade físico-desportiva, também com dois praticantes da mesma, enquadrados nos grupos TICs e Desempregados, cada um valedor de 50% (n=1). Relativamente às três restantes modalidades com praticantes inseridos na amostra, têm em comum ter apenas um praticante cada, sendo que o aluno praticante de Kick Boxing enquadra-se no grupo Desempregados, o referente à Patinagem artística insere-se em PTE enquanto o praticante de Muay Thai enquadra-se em EE.

Tabela 36 - Âmbito de prática desportiva por parte dos Inquiridos, consoante o grupo sócio-profissional

Âmbito	EDL	PTE	TI	EE	TICs	D	T
Desporto Escolar	0	0	0	0	2 66,7%	1 33,3%	3 100%
Desporto Federado	2 28,6%	2 28,6%	1 14,3%	1 14,3%	0	1 14,3%	7 100%
Outro (lazer)	0	1 11,1%	1 11,1%	2 22,2%	1 11,1%	4 44,4%	9 100%

Interessados agora em explorar o âmbito de prática das modalidades referidas, verificamos que dos alunos que praticam uma modalidade desportiva em âmbito de desporto (n=3), 66,7% (n=2) são TICs enquanto os sobrantes 33,3% (n=1) refere-se ao grupo sócio-profissional Desempregados. Sobre os praticantes de âmbito federado, da sua totalidade (n=7), 28,6% (n=2) são EDL assim como PTE, que também 28,6% (n=2) da totalidade. Os grupos TI, EE e Desempregados, assumem 14,3% (n=1) cada. Relativamente àquele que praticam modalidades físico-desportivas em âmbito de lazer,

do total (n=9), 44,4% (n=4) pertencem a Desempregados, enquanto 22,2% (n=2) a EE. Dos restantes, PTE, TI e TICs assumem 11,1% (n=1) respetivamente.

Após uma análise voltada aos gostos e hábitos por parte dos alunos, diferenciados segundo grupos sócio-profissionais, interessa-nos agora um reconhecimento dos objetivos assumidos pelos alunos e verificar se existem diferenças consoante o grupo sócio-profissional em que estes se inserem⁶.

No que concerne à imagem corporal como objetivo face à prática de atividade físico-desportiva, verificamos que da totalidade dos alunos que lhe confere um grande grau de importância (n=38), 10,5% (n=5) inserem-se no grupo social EDL, a par de outros 10,5% (n=4) que se inserem em PTE. Como categoria menos representada entre os que consideram a imagem corporal importante, 5,3% (n=2) pertencem ao grupo dos trabalhadores independentes. Seguidamente, os empregados executantes assumindo um peso de 23,7% (n=9) enquanto 21% (n=8) inserem-se nos TICs. Como categoria mais representada, 29% (n=11), referentes aos alunos com agregado familiar inserido no grupo Desempregados. Sobre os que consideram a imagem corporal pouco ou nada importante, da sua totalidade (n=4), 50% (n=2) classificam-se como pertencentes aos trabalhadores independentes, enquanto os restantes dividem-se entre EDL e EE, com 25% (n=1) cada.

Sobre a melhoria da condição física bem como melhoria das condições de saúde como objetivo face à prática desportiva, em ambos a totalidade dos indivíduos revela conferir grande importância aos mesmos. Neste sentido, sobre o primeiro, o grupo social EE bem como Desempregados contam com um peso de 25% (n=10) cada, enquanto o grupo TICs dispõe de um peso de 20% (n=8). Os grupos EDL, PTE e TI estão representados com 10% (n=4) cada. Relativamente à melhoria das condições de saúde, da totalidade de resposta válidas (n=41), verificamos que a distribuição segundo os grupos sociais se assemelha ao objetivo anterior, com a única exceção que neste, está validade uma resposta a mais, sendo essa resposta referente a um aluno inserido no grupo social Desempregados.

Tendo agora as relações de sociabilidades como convívio e amizades como objeto, referentes aos objetivos advindos da prática desportiva, dos alunos que conferem importância a este (n=36), o grupo Desempregados destaca-se como o mais representado assumindo um peso de 30,6% (n=11). Os grupos EE e TICs assumem um peso de 22,2% (n=8) cada, enquanto os grupos EDL, PTE e trabalhadores independentes contam com

⁶ Ver anexo 13

um peso de 8,3% (n=1) cada. Sobre aqueles que não conferem importância à rede de amizades criadas em torno da prática desportiva (n=5), 40% (n=2) insere-se no grupo EE enquanto os restantes dividem-se entre EDL, PTE e TI com 20% (n=1) cada.

Explorando agora a importância dada ao lazer aquando a prática de atividade físico-desportiva, dos alunos que conferem grande importância a este exercício, a maioria, 26,8% (n=11) inserem-se em EE enquanto 24,4% (n=10) em Desempregados. O grupo TICs detém um peso de 19,5% (n=8) sendo que os restantes encontram-se divididos pelos grupos EDL, PTE e TI com 9,8% (n=4) cada. Relativamente aos alunos que não conferem importância a este objetivo (n=1), representa a classe Desempregados.

O último objetivo alvo do nosso estudo centra-se na competição oriunda da prática desportiva. Sobre os alunos que consideram este objetivo como importante (n=23), 30,4% (n=7) enquadra-se no grupo Desempregados, enquanto os grupos EE e TICs têm um peso de 21,7% (n=5) cada. O grupo EDL conta com 13%, o grupo dedicado aos trabalhadores independentes com 8,7% (n=2) enquanto os 4,3% (n=1) referem-se ao grupo PTE. Relativamente àqueles que não conferem importância à competição, 27,8% (n=5) referem-se EE, 22,2% (n=4) a Desempregados, 16,7% (n=3) referem-se a PTE e TICs respetivamente, enquanto os restantes dividem-se entre TI com um peso de 11,1% (n=2) e EDL com 5,6% (n=1).

Continuando a nossa análise focada nas clivagens existentes entre grupos sócio-profissionais, incorreremos agora por uma exploração que incide nas práticas culturais de lazer bem como no grau de importância conferido pelos alunos constituintes da amostra⁷.

Iniciando a nossa análise pelas práticas culturais de lazer voltadas para a música, e verificando que a totalidade de respostas válidas para esta questão (n=41) assume regularidade em ouvir música, pode verificar-se que os grupos conotados nesta análise são EE e Desempregados, com um peso de 24,4% (n=10) cada. De seguida, a classe TICs com 19,5% (n=8), EDL com 12,2% (n=5) enquanto os restantes pertencem a PTE e TI assumindo 9,8% (n=4) cada na análise. Continuando com práticas ligadas à música, relativamente ao assistir a espetáculos/concertos musicais, dos indivíduos que confirmam regularidade no que toca ao exercício desta prática (n=7), a maioria, 42,9% (n=3) inserem-se em Desempregados, sendo que 28,6% (n=2) incluem-se ao grupo dos Empregados executantes. Quanto aos restantes, inserem-se em EDL e TICs, com um peso de 14,3% (n=1) cada. Incidindo agora sobre aqueles que raramente ou nunca frequentam

⁷ Ver anexo 14

espetáculos musicais, as categorias que mais indivíduos representam são EE e Desempregados, referentes a 22,9% (n=8) cada uma. O grupo ligado aos trabalhadores da indústria e comércio assumem um peso de 20% (n=7) sendo que os indivíduos restantes dividem-se entre EDL, PTE e TI, com 11,4% (n=4) cada um deles. Terminando as práticas ligadas à música, dos 6 indivíduos que confirmam regularidade quanto a aprender música enquanto prática de lazer, os grupos presentes são EE e Desempregados com 33,3% (n=2) cada aliados a EDL e TI com 16,7% (n=1) cada. Sobre os que raramente ou nunca dispõe o seu tempo a aprender música, 25% (n=9) pertencem ao grupo social caracterizado por Desempregados. Com valores próximos, 22,2% (n=8) dos alunos que não aprendem música pertencem a EE, sendo que os grupos EDL, PTE e TICs assumem um peso de 11,1% (n=4) cada. Por fim, os 8,3% (n=3) sobrantes pertencem ao grupo social ligados aos trabalhadores independentes.

O frequentar o Teatro é também uma prática cultural alvo do nosso estudo. Contudo, verificando que a totalidade dos alunos com respostas válidas (n=42) raramente ou nunca assume este hábito, é possível apurar que 26,2% (n=11) pertencem ao grupo Desempregados, 23,8% (n=10) a EE e 19% (n=8) a TICs. Quanto aos restantes, 11,9% (n=5) enquadram-se em EDL enquanto os restantes, pertencentes a PTE e TI, assumem um peso de 9,5% (n=4) cada.

A prática de ir ao cinema enquanto lazer do indivíduo é também aqui explorada. Neste sentido, verificamos que não existe grande diferenciação relativamente ao grupo social a que cada aluno se insere, sendo que 25% (n=6) dos alunos que têm o ir ao cinema como um hábito regular, inserem-se no grupo TICs, inclusive, a classe mais representada. De seguida, as categorias EE e Desempregados com 20,8% (n=5) cada, enquanto as classes EDL e PTE com 12,5% (n=3) cada. Os 8,3% (n=2) restantes inserem-se nos trabalhadores independentes. Abordando agora os alunos que não têm o hábito de ir ao cinema (n=18), 33,3% (n=6) insere-se em Desempregados, enquanto 27,8% (n=5) aos empregados executantes. Sobre os restantes, 11,1% (n=2) fazem referência a EDL, TI e TICs, respetivamente, enquanto os 5,6% (n=1) restantes pertencem a PTE.

Continuando a nossa exploração, passaremos a nossa análise a práticas culturais de lazer que envolvem a literatura. Como tal, podemos verificar que, do número reduzido de alunos que assume frequentar bibliotecas regularmente (n=3), a maior parte com 66,7% (n=2) identifica-se como Desempregados, enquanto os restantes 33,3% pertencem ao grupo ligado aos empregados executantes. Sobre os que raramente ou nunca frequentam bibliotecas (n=38), existe uma grande dispersão e variedade de grupos sociais

implícitos. Como classes mais representadas, EE e Desempregados com um peso de 23,7% (n=9) cada, seguidas dos alunos inseridos TICs com um peso de 21,1% (n=8). Dos restantes, 13,2% (n=5) pertencem a EDL, 10,5% (n=4) a TI e, por fim, 7,9% (n=3) pertencente a PTE. Ainda ligados à literatura, podemos verificar que do total de indivíduos que considera a leitura livre como uma prática regular (n=11), 27,3% (n=3) inserem-se em EE bem como em Desempregados, respetivamente. A classe TICs encontra-se representada em 18,2% (n=2) enquanto os restantes dividem-se entre EDL, PTE e TI contando cada um com 9,1% (n=1). Relativamente àqueles que raramente ou nunca têm a leitura livre como prática de lazer (n=31), a maioria insere-se no grupo sócio-profissional Desempregados com um peso de 25,8% (n=8), enquanto a classe EE dispõe de 22,6% (n=7) e a classe TICs de 19,4% (n=6). Dos restantes, 12,9% (n=4) inserem-se em EDL enquanto as classes PTE e TI dispõe de 9,7% (n=3) cada.

Direcionando a análise relativamente ao frequentar espaços desportivos como prática de lazer por parte dos alunos, sobre aqueles que assumem esta prática como regular (n=18), estes apresentam uma grande variedade distinguidos por grupos sociais. Neste sentido, as classes EE e TICs aparecem representadas com 22,2% (n=4) cada enquanto as classes EDL e Desempregados apresentam 16,7% (n=3) cada. Os restantes, dividem-se em PTE e TI contando cada um com um peso de 11,1% (n=2). Apontando aos que raramente ou nunca frequentam espaços desportivos, a maioria identifica-se como grupo Desempregados, com 33,3% (n=8) enquanto de seguida surge a categoria EE com 25% (n=6) dos mesmos. A classe TICs apresenta 16,7% (n=4) enquanto os restantes dividem-se entre EDL PTE e TI com um peso de 8,3% (n=3) cada um deles.

Continuando a análise às clivagens existentes entre os grupos sociais por nós identificados, abordaremos de seguida práticas culturais de lazer com enfoque na criação de rede de sociabilidades. Iniciando pela convivência com amigos, da totalidade dos que assumem esta prática como regular, 26,3% (n=10) inserem-se em EE e em Desempregados, separadamente. A segunda classe mais representada além das duas mencionadas é TICs representada com 18,4% (n=7) dos alunos. Dos restantes, 13,2% (n=5) é classificada como EDL, 10,5% (n=4) como PTE e por fim 5,3% (n=2) identificados como TI. Sobre aqueles que confirmam o hábito de estar com amigos como raro ou inexistente (n=4), 50% (n=2) dos mesmos insere-se em TI enquanto os restantes inserem-se em TICs e Desempregados com 25% (n=1) cada. Prosseguindo com uma exploração sobre o frequentar de espaços noturnos enquanto prática de lazer, dos alunos que assumiram esta prática como um hábito regular (n=8), 37,5% (n=3) pertencem ao

grupo social desempregados, 25% (n=2) inserem-se em PTE bem como em TICs, enquanto os restantes 12,5% (n=1) inserem-se em EDL. Relativamente aos que raramente ou nunca frequentam este tipo de espaços, a maioria, 29,4% (n=10) encaixam no grupo pertencente aos empregados executantes, enquanto 23,5% (n=8) ao grupo desempregados. O grupo destinado aos TICs encontram-se com um peso de 17,6% (n=6), sendo que os grupos EDL e TI detêm um peso de 11,8% (n=4) cada, ficando os restantes 5,9% (n=2) a pertencer ao grupo social PTE. Observando agora os dados relativos ao namorar enquanto prática de lazer, dos que revelam regularidade neste exercício (n=20), 25% (n=5) inserem-se em TICs, sendo o grupo mais representado, 20% (n=4) insere-se em EE e Desempregados, respetivamente, sendo que 15% (n=3) se aplica a alunos inseridos em PTE. Dos sobrantes, 10% (n=2) insere-se em EDL bem como em TI, com igual peso. Sobre aqueles que raramente ou nunca têm o hábito de namorar, 31,8% (n=7) insere-se em Desempregados, 27,3% (n=6) em EE e 13,6% (n=6) em EDL e TICs respetivamente. Dos restantes, 9,1% (n=2) insere-se em TI enquanto 4,5% (n=1) se insere em PTE. Tendo de seguida os passeios em família como objeto de estudo, sobre os que têm este hábito como regular (n=26), verifica-se que a classe mais representada pertence aos empregados executantes, com um peso de 26,9% (n=7), enquanto Desempregados conta com 23,1% (n=6). Os grupos PTE e TICs contam com 15,4% (n=4) cada sendo que dos restantes, 11,5% (n=3) representam EDL e 7,7% (n=2) representam os trabalhadores independentes. Relativamente aos que não têm este hábito (n=16), 31,3% (n=5) pertence ao grupo Desempregados, 25% (n=4) ao grupo TICs, 18,8% (n=3) a EE e, por fim, 12,5% (n=2) a EDL bem como, com o mesmo peso, a TI.

Recaindo agora a nossa análise na atividade religiosa enquanto prática cultural de lazer, da minoria que assume esta como um exercício regular (n=3), 66,7% (n=2) pertencem ao grupo social Desempregados enquanto os restantes 33,3% (n=1) pertence ao grupo destinado a trabalhadores independentes. Relativamente aos que não têm hábitos religiosos (n=38), 26,3% (n=10) refere-se a alunos inseridos no grupo social EE, 23,7% (n=9) a Desempregados, 21,1% (n=8) a TICs, 10,5% (n=4) a EDL bem como a PTE, respetivamente, enquanto os 7,9% (n=3) sobrantes referem-se a trabalhadores independentes.

Para terminar a nossa análise, incorremos numa exploração das clivagens por grupo social no que concerne às tecnologias enquanto práticas de lazer. Neste sentido, dos que vêem televisão regularmente (n=36), 25% (n=9) insere-se em Desempregados, 22,2% (n=8) em EE bem como em TICs, com o mesmo peso de percentagem. Os grupos

EDL e TI contam com um peso de 11,1% (n=4) cada enquanto os restantes 8,3% (n=3) pertencem a PTE. Sobre os que não têm o hábito de ver televisão (n=6), os grupos EE e Desempregados têm um peso de 33,3% (n=2) cada enquanto os restantes dividem-se entre EDL e PTE com 16,7% (n=1) cada. Sobre a prática de lazer ligada a jogos de computador e consola, dos que assumem esta prática como regular (n=19), 31,6% (n=6) insere-se em Desempregados enquanto 26,3% (n=5) em EE. O grupo social TICs conta com um peso de 21,1% (n=4) enquanto TI detêm 15,8% (n=3). Os 5,3% (n=1) restantes inserem-se em EDL. Sobre os que não têm este hábito (n=22), verifica-se uma grande homogeneidade entre as classes sociais. Neste sentido, o grupo ligado aos empregados executantes conta com um peso de 22,7% (n=5) enquanto os grupos EDL, PTE, TICs e Desempregados contam com um peso de 18,2% (n=4) cada. Os restantes 4,5% (n=1) referem-se ao grupo dos trabalhadores independentes. Terminando, relativamente à internet enquanto prática de lazer, dos que assumem este exercício como regular (n=38), 26,3% (n=10) pertencem ao grupo Desempregados bem como ao grupo EE, com o mesmo peso. O grupo TICs conta com um peso de 15,8% (n=6) enquanto os restantes dividem-se entre EDL, PTE e TI com um peso de 10,5% (n=4) cada. Sobre os que raramente ou nunca acedem à internet (n=4), 50% (n=2) pertencem aos TICs enquanto os restantes inserem-se em EDL e Desempregados com um peso de 25% (n=1) cada.

Após uma exposição estatística dos dados obtidos, podemos concluir que entre os alunos que nunca praticaram desporto ao longo da sua vida, a maioria pertence ao grupo sócio-profissional Desempregados, enquanto, relativamente aos que sempre praticaram atividade desportiva, o grupo Desempregados assume-se também como o mais representado, a par do grupo sócio-profissional ligado aos trabalhadores de comércio e indústria. Podemos também identificar que, apesar da dispersão, o grupo Desempregados assume-se o mais representado entre os que atualmente têm hábitos desportivos regulares, ao invés dos que não têm os mesmos hábitos, onde o grupo sócio-profissional mais representado está ligado aos empregados executantes.

Sobre as modalidades praticadas pelos alunos, as modalidades futsal e ginásio são as únicas que contam com dois participantes do mesmo grupo sócio-profissional. Todos os outros têm os seus participantes distribuídos consoante os grupos por nós identificados. Referente ao âmbito de prática desportiva, o desporto escolar é frequentemente usado por alunos referentes ao grupo sócio-profissional TICs, enquanto o desporto federado conta com uma maior representação de alunos inseridos em EDL e PTE. Sobre a prática

desportiva em âmbito de lazer, a maior percentagem de alunos refere-se ao grupo Desempregados.

Refletindo agora sobre os objetivos, não são verificadas grandes diferenças relativamente à importância dada pelos alunos, à exceção da competição enquanto objetivo, onde se verifica a existência de uma distribuição maior a nível da importância dada.

Terminando com as práticas culturais de lazer por parte dos alunos inquiridos, o hábito regular de ouvir música assume uma dispersão a nível de grupos sócio-profissionais, no entanto, quando ao frequentar espetáculos e/ou concertos musicais, este hábito como regular é maioritariamente representado por alunos inseridos no grupo sócio-profissional Desempregados. As práticas culturais ligadas à leitura como hábito regular, estão maioritariamente representadas também por alunos pertencentes a Desempregados, sendo que o grupo EE assume também uma percentagem elevada. Quanto ao frequentar espaços desportivos, esta prática tem uma dispersão a nível da divisão segundo grupos sócio-profissionais, no entanto, os grupos EE e TICs sobressaem com 22,2% (n=4) cada. As práticas ligadas às redes de sociabilidades, como convivência com amigos e frequentar espaços noturnos, namorar bem como passeios familiares, estão maioritariamente representados por alunos inseridos nos grupos sócio-profissionais EE, TICs e Desempregados, a par da atividade religiosa, que dos poucos que têm este hábito como regular, inserem-se também em Desempregados. Quando às práticas culturais de lazer ligadas às tecnologias, estas assumem uma dispersão consoante o grupo sócio-profissional dos alunos, dada a sua regularidade conferida por todos.

Em suma, podemos concluir que a divisão dos alunos segundo o grupo sócio-profissional pode estar enviesada dada o maior número de alunos pertencentes a determinados grupos em detrimento de outros. Contudo, parece-nos que o grupo sócio-profissional não é estruturador dos gostos e hábitos dos alunos em análise.

3.6. Hábitos desportivos do Agregado familiar dos alunos

Este subcapítulo tem como objetivo explorar os hábitos desportivos dos agregados familiares dos alunos inseridos na amostra e, como tal, perceber se estes têm ou não influência nos hábitos atuais por parte dos alunos.

Tabela 37 – Hábitos desportivos atuais do Agregado Familiar dos inquiridos

	Nr indivíduos		Percentagem (%)	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
Sim	6	7	13,6%	15,6%
Não	38	38	86,4%	84,4%
Total	44*	45	100%	100%

*Totalidade de 44 visto a presença de uma resposta inválida.

No que consta aos hábitos desportivos dos pais dos alunos inquiridos na presente amostra, ressaltando que quando inquiridos sobre os hábitos desportivos do pai ou pessoa masculina pertencente ao agregado familiar conta-mos com uma resposta inválida, verificamos que 13,6% (n=6) dos pais atualmente praticam alguma modalidade ou atividade físico-desportiva, enquanto na mesma situação estão 15,6% (n=7) correspondentes às mães. Completando, verifica-se que 86,4% (n=38) dos pais e 84,4% (n=38) das mães, atualmente, não praticam qualquer tipo de atividade físico-desportiva.

Identificados os hábitos desportivos por parte do agregado familiar da amostra, importa agora perceber se os mesmos têm influência no que consta aos atuais hábitos por parte dos alunos. Para a análise desta questão, mencionamos que só serão aplicáveis aos alunos que alguma vez praticaram uma modalidade ou atividade físico-desportiva (n=35).

Tabela 38 - Hábitos desportivos dos agregados familiares dos Inquiridos

	Ambos	Só Pai	Só Mãe	Nenhum	Total
Sim	1 5,3%	1 5,3%	1 5,3%	16 84,2%	19 100%
Não	3 18,8%	1 6,3%	2 12,5%	10 62,5%	16 100%

Neste sentido, como é possível verificar na tabela, que da totalidade dos que atualmente praticam uma atividade físico-desportiva (n=19), 84,2% (n=16) inserem-se em agregados familiares cujo nenhum dos progenitores praticam atividade física

atualmente. Os restantes dividem-se entre agregados familiares com ambos os pais a praticar atividade física regularmente, agregados cujo somente o pai pratica desporto e agregados onde só a mãe assume este hábito como regular, com 5,3% (n=1) cada. Sobre os que atualmente não têm hábitos desportivos, verifica-se que da sua totalidade (n=16), 62,5% (n=10) inserem-se em agregados familiares que partilham da não prática desportiva enquanto hábito, 18,8% (n=3) em agregados em que ambos os progenitores têm estes hábitos tidos como regulares, 12,5% (n=2) em agregados cujo só a mãe têm hábitos desportivos e os restantes 6,3% (n=1) onde só o pai têm hábitos regulares de prática físico-desportiva.

É de realçar que a percentagem de alunos com agregados familiares sem hábitos desportivos é maior entre os alunos com hábitos desportivos regulares do que entre os alunos sem hábitos desportivos.

3.7. Atividade físico-desportiva em contexto escolar

Após uma análise com o propósito em explorar gostos e hábitos dos alunos constituintes da amostra, bem como uma interpretação de clivagens existentes através da diferenciação por género e classe social, desenrolamos o nosso estudo em torno das entrevistas aplicadas a três docentes da instituição Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto.

Em virtude do mencionado, o nosso objetivo prende-se com o desenvolvimento do aluno quer a nível físico quer a nível das sociabilidades além de um esmiuçar das aulas de educação física e dos modelos que estas assumem e estão estruturadas, bem como como uma exploração sobre práticas escolares e sobre desporto escolar.

3.7.1. Desenvolvimento do aluno

Sobre o tema debatido, o desenvolvimento do aluno quer a nível físico quer a nível das sociabilidades, os três entrevistados assumem posições unânimes. Fica clara a ideia de que o papel do professor de educação física consiste em aumentar os índices sociais e psicológicos do aluno além do já estabelecido aumentar os índices desportivos. Contudo, há a ressalva que nos últimos anos têm existido uma correlação muito forte entre a atividade física praticada na escola e questões de saúde do aluno, *em detrimento da formação social e das relações interpessoais* (entrevistado 1), à qual a docente em questão se mostra completamente em desacordo ao considerar insuficiente o número de

horas de prática desportiva em contexto escolar para que o objetivo primordial seja as condições de saúde do aluno. *Tem que haver um elemento com capacidade e formação académica* (entrevistado 3) capaz de orientar um grupo de jovens, não existindo *ninguém melhor que o professor para, geralmente, desempenhar esse papel.* (idem)

Nunca descurando a importância da prática de atividade física ligada a questões de saúde e de hábitos de vida saudável, fica a ideia de que a prática de atividade física é fundamental à aquisição de hábitos e regras por parte do aluno, *valores que são fundamentais hoje em dia na sociedade, para se formar um cidadão autónomo* (entrevistado 1).

Relativamente à disposição por parte do aluno face à prática de atividade físico-desportiva, verifica-se novamente uma relativa concordância entre ambos os entrevistados no que toca a benefícios advindos da prática desportiva. *Os alunos que estão mais dispostos para a prática da atividade física são também alunos que revelam uma capacidade de raciocínio, de resultados, resolução de problemas (...) mais eficaz* (Entrevistado 1). Neste sentido, são apontados efeitos positivos advindos da prática desportiva como *regras de socialização* (entrevistado 3) ou uma melhor gestão a nível de tempo por parte do tempo, dado que, na visão do entrevistado, *os alunos que praticam desporto está mais que provado que conseguem gerir melhor o seu tempo* (idem).

Ainda sobre a disposição do aluno face à prática desportiva, analogamente ao seu registo de aproveitamento escolar, ambos os entrevistados concordam com a existência de um estereótipo criado em torno de um aluno mais disposto à prática de atividade física não ter o aproveitamento desejado a nível escolar, no entanto, não concordam com esta generalização. *Tudo depende da predisposição do mesmo a aprender e a adquirir conhecimento* (entrevistado 2), pois se um aluno não quiser aprender e tirar o melhor aproveitamento escolar, não o terá.

Neste sentido, é de ressaltar o levantamento dos benefícios advindos da prática desportiva no aluno como *maior capacidade de concentração e de envolvimento* (entrevistado 1) ou o adquirir de regras e hábitos regulares que terão ao longo da vida profissional. Verifica-se ainda uma proposta por parte de um entrevistado que sugere um modelo de “moeda de troca” onde é dado um incentivo ao aluno caso ele cumpra determinados objetivos escolares. O mesmo defende então *um mínimo de orientação, tutorial, do encarregado* (entrevistado 3).

3.7.2. A disciplina de Educação física

Debruçados agora numa análise das respostas dadas relativamente ao modelo organizacional em que as aulas de educação físicas e dão, a opinião maioritária é de desacordo com o mesmo. As duas primeiras entrevistadas estão em completo desacordo com o modelo atual, começando pelo reduzido número de horas que os alunos dispõem não só para praticar mas para consolidar tudo o que lhes é incutido e ensinado bem como pelo repetidíssimo programa de ano para ano. Surgem possíveis propostas de alteração do modelo das aulas até então, passando por uma diferenciação por sexos a partir do 10º ano, dado que *as raparigas têm interesses diferentes a nível de prática desportiva dos rapazes a partir de uma determinada idade* (entrevistado 1).

Outra proposta prende-se com o incutir no programa uma motivação extra de modo a que os alunos alcancem *hábito saudáveis relativos à atividade física* (entrevistado 2), existindo um investimento em práticas destinadas às *questões de saúde, motivacionais, de aquisição de comportamentos ligados à atividade física regular numa forma autónoma* (idem). Esta questão é explicada pelo fato de que é muito comum, e com um estilo de vida cada vez mais sedentarizado, que após o ensino secundário, muitos jovens deixem de praticar qualquer tipo de atividade físico-desportivo, o que é, de acordo com os entrevistados, muito negativo.

O entrevistado número 3, apesar de acordar com o modelo atual das aulas de educação física, aponta críticas ao mesmo dado o seu enfraquecimento. Para tal efeito, levanta críticas ao ministério de educação de subvalorizar quer as aulas de educação física quer o desporto escolar. Abordando o ministério da educação, ambos os entrevistados refutam o retirar da nota de educação física da média escolar final dos alunos, acusando esta medida de retirar também motivação aos alunos, que deixam de olhar a disciplina de educação física com a mesma importância. Sobre a motivação dos alunos, a prática de modalidades desportivas são vistas como um excelente método motivacional, dado que qualquer modalidade é mais atrativa que fazer flexões ou correr à volta do campo de jogos.

3.7.3. Oferta, práticas e desporto escolar

Focados agora nas práticas escolares bem como na oferta por parte da instituição em análise dispõem face à prática desportiva, ambos os docentes entrevistados parecem estar satisfeitos com o oferecido por parte da escola, ressalvando-se que a mesma dispõe de boas instalações, *mais condições que outras* (entrevistado 2) é feita uma referência às

modalidades tradicionais, bem como um acrescento de espaços disponíveis a ginástica, fitness, dança, conferindo ao aluno um pouco *daquilo que ele pode ir buscar lá fora nos chamados ginásios e health clubs* (entrevistado 1). Contudo, é deixada uma crítica face à falta de formação por parte do professor. Ressalva-se a importância conferida pela escola à disciplina de educação física, e que o importante não se prende à modalidade praticada em si, mas sim os objetivos com que se pratica a mesma. Refletindo ainda sobre no orçamento disponibilizado para o desporto na escola do cerco, ambos os entrevistados se mostram contentes, assumindo todos eles não terem qualquer problema com o assunto. Fica claro que o importante prende-se ao bem-estar por parte do aluno e que a sua satisfação afigura-se um passo importantíssimo e fundamental para resultados positivos ao longo do percurso escolar dos alunos.

Apesar de ser na disciplina de educação física que a maioria dos alunos dispõe da possibilidade de prática de atividade físico-desportiva, esta não é a única forma nem oferta da mesma. O desporto escolar é outra possibilidade que os alunos dispõe para a prática desportiva, diferenciando-se no sentido da não obrigatoriedade. É revelado algum descontentamento por parte dos três docentes alvos de análise no que concerne à organização em torno do desporto escolar, e o facto de este ter deixado de pertencer à componente letiva. Criticando o ministério, e acusando-o de mais uma vez subvalorizar a atividade da prática físico-desportiva em contexto escolar. Esta crítica justifica-se pelo de os docentes serem obrigados a participar no desporto escolar em horários não-letivos, o que leva a que os próprios sejam forçados a conciliar aulas, desporto escolar e por vezes saídas para o quadro competitivo, onde a equipa representativa do agrupamento de escola do cerco vai jogar a outra cidade. Contudo, ambos concordam que o docente vê-se forçado a retirar tempo dedicado à família para se focar no desporto escolar, e não é recompensado, o que na opinião unânime, não é justo.

Seguindo a linha de pensamento, fica claro que, apesar das críticas feitas, o papel do agrupamento de escolas do cerco perante o desporto escolar é favorável, sendo que consegue *ter bastante desporto escolar* (entrevistado 2). Apesar do sucesso e dos resultados positivos, verifica-se que para os docentes o importante não é a competição e os prémios finais mais sim a participação dos jovens e o prazer com que estes desenvolvem as atividades. O desporto escolar confere benefícios aos alunos pois estes terão à sua disposição oportunidades de vivenciar acontecimentos *que a maior parte deles não teriam se não fosse através do desporto escolar* (entrevistado 3).

Em suma, são vários os benefícios detetados provenientes do desporto escolar, como *relacionamento social, mediação de conflitos e de ajuda para com as situações de indisciplina* (entrevistado 2).

Considerações finais

Antes de passarmos às conclusões propriamente ditas, impõe-se-nos o reconhecimento de algumas limitações intrínsecas ao presente estudo. Por um lado, a pesquisa intensiva numa escola permite revelar parte da realidade, por outro, é de ressaltar que os conhecimentos advindos da mesma não podem ser automaticamente transpostos a outras realidades, dada a pouca fiabilidade da obtenção dos dados, visto estarmos a falar de uma faixa etária muito jovem aliada ao ambiente em que os mesmos foram obtidos. Além do mais, é importante não esquecer que uma pesquisa é sempre datada. Esta, relativamente à recolha de dados, foi realizada em Maio de 2015. Assim sendo, quando se tecem considerações acerca da atual realidade dos hábitos de prática de atividade físico-desportiva, ela reporta-se a esse período preciso.

Com a presente investigação, pretendemos adquirir um conhecimento mais esclarecedor acerca da realidade da prática de atividade físico-desportiva de jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos de idade, que frequentam o ensino secundário no Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto.

A escolha do presente estudo resulta num gosto pessoal pela prática de atividade físico-desportiva bem como pelo gosto por uma componente pedagógica aliada ao tema desporto. Motiva-me uma exploração dedicada aos mais jovens relacionada com a prática de atividade físico-desportiva e compreender quais as motivações e razões face à prática e não prática desportiva.

Passando agora ao confrontar das hipóteses formuladas em torno do nosso estudo, relativamente à primeira enunciada, onde a prática desportiva é vista como influenciadora das redes de sociabilidade por parte dos jovens, conclui-se que um jovem disposto à prática de atividade físico-desportiva revela maiores índices de raciocínio, de resultados e resolução de problemas mais eficaz. Um jovem mais disposto à prática desportiva é encarado como jovem que gere melhor o seu tempo disponível, no entanto, é de realçar que tudo depende da predisposição do mesmo, existindo casos onde esta conclusão não pode ser aplicada, pois cada indivíduo é um ser diferentes e tem disposições diferentes. O aluno disposto à prática desportiva adquire mais facilmente hábitos considerados fundamentais no futuro, pessoal ou profissional, tais como regras, horários a cumprir e disposições a trabalhar em equipa. É de considerar ainda a importância dada pelos alunos inquiridos face às relações de sociabilidade, sendo que 86,4% (n=38) consideram o convívio/relações de amizade como muito importantes/importantes, do mesmo modo que 91,1% (n=41) revelam que “estar com amigos” é uma prática regular. Posto isto,

confirma-se a hipótese levantada, verificando que a prática desportiva é influenciadora das relações de sociabilidade dos jovens.

Abordando agora a segunda hipótese formulada, se é estatisticamente significativo o gosto pelo desporto em função do género, conseguimos identificar que da amostra quantitativa, 64,4% (n=29) são do género feminino enquanto os restantes 35,6% (n=16) referem-se ao género masculino. De realçar também que da totalidade da amostra, 22,2% (n=10) nunca praticaram qualquer tipo de atividade físico-desportiva ao longo da sua vida, sendo que, entre os que já exerceram prática desportiva alguma vez (n=35), somente 54,3% (n=19) o fazem atualmente. Dos que atualmente praticam alguma modalidade ou atividade físico-desportiva (n=19), 52,6% (n=10) são do género masculino e os restantes 47,4% (n=9) do género feminino, isto é, apesar de na totalidade da amostra (n=45) a percentagem de alunos do género feminino ser mais elevada, entre aqueles que atualmente exercem alguma prática desportiva, o género masculino assume um valor mais elevado de alunos, ainda que com pouca margem. É possível concluir ainda que as modalidades coletivas contam maioritariamente com praticantes do género masculino ao invés das individuais, que com a exceção do boxe e kick boxing, contam em maior número com praticantes do género feminino.

Quanto aos objetivos face à prática desportiva, existe uma predominância do género feminino no que concerne à importância dada à imagem corporal e beleza do corpo. Relativamente aos objetivos restantes, à exceção da melhoria das condições de saúde onde ambos os géneros apresentam o mesmo grau de satisfação, melhoria da condição física, criação de redes de sociabilidades, lazer e divertimento bem como competição, contam com uma satisfação maior por parte do género masculino. Conclui-se também que as meninas, a partir de determinada altura dedicam-se à beleza do corpo, ao invés dos meninos, que atribuem à prática desportiva um outro sentido, focado na competição, às redes de sociabilidade bem como melhoria da própria condição física, possivelmente para permitir aumentar os seus índices desportivos. Posto isto, esclarece-se que, existe um gosto pela prática desportiva em função do género, no entanto, é uma questão cada vez mais ultrapassada e menos presente na atualidade, dada a emancipação feminina ligada a campos desportivos, originando uma oferta muito maior voltada às mesmas.

Voltados para a terceira hipótese enunciada, se o género dos jovens é influenciador das suas práticas culturais de lazer, verificámos uma predominância o que consiste à regularidade da prática, por parte do género masculino em práticas relacionadas

com o frequentar espaços desportivos bem como frequentar espaços noturnos, aliadas à prática de jogar computador ou consola.

Relativamente ao género feminino, este assume predominância no que toca à regularidade em frequentar concertos musicais, cinema, bibliotecas e leitura livre, assim como passeios em família. Práticas de lazer como ouvir e aprender música, convivência com amigos, namorar, atividade religiosa bem como ver televisão e navegar na internet, não revelam clivagens relativamente à diferenciação segundo género. Neste sentido, comprovamos a hipótese formulada em torno das práticas culturais de lazer e se esta é estruturada em função do género que, apesar de existirem práticas voltadas a ambos os géneros, existem práticas mais dedicadas a cada um deles e facilmente associáveis, tais como frequentar espaços desportivos com maior percentagem masculina enquanto a leitura livre com uma percentagem feminina maior.

Abordando agora a quarta hipótese referida, se existe uma preferência por modalidades coletivas, podemos concluir a existência de uma percentagem maior referente à prática de modalidades de cariz individual ao invés das modalidades coletivas, o que rejeita a nossa hipótese.

A última hipótese, segundo a qual o grupo sócio-profissional em que os jovens se inserem influencia os seus gostos pelo desporto, concluímos a não existência de uma relação entre o grupo sócio-profissional e a prática desportiva, levando a que a divisão dos alunos segundo o grupo sócio-profissional possa estar enviesada dada o maior número de alunos pertencentes a determinados grupos em detrimento de outros. Contudo, o grupo sócio-profissional não é estruturador dos gostos e hábitos dos alunos em análise.

Não fazendo parte das hipóteses formuladas, mas considerando a sua pertinência, verifica-se que a percentagem de agregados familiares sem hábitos desportivos regulares é maior entre jovens com hábitos regulares que entre os alunos sem hábitos desportivos.

Tendo em vista todos os aspetos analisados, percebe-se que gostos/hábitos, razões de escolha, motivações, objetivos, são alvo de múltiplos fatores extrínsecos à prática desportiva o que dificulta o papel escolar quanto à proliferação de hábitos regulares de atividade física, mesmo enumerando todos os benefícios advindos dela.

O desporto escolar é uma medida com o intuito de propagar hábitos desportivos regulares na vida dos alunos, mesmo após estes concluírem o percurso escolar. O interesse do Desporto Escolar prende-se ao desenvolvimento do aluno não só a níveis físicos mas também a nível das sociabilidades. O Aluno tem a possibilidade de disputar uma competição com inúmeros alunos de escolas variadas, sendo o principal objetivo o

participar e não a competição em si, não retirando importância à mesma. Contudo, o desporto escolar é alvo de entraves organizacionais que prejudicam o seu desenvolvimento.

Apontando ao estudo realizado, verifica-se uma baixa adesão por parte da amostra à prática desportiva em contexto escolar (n=4), o que nos leva a refletir em formas de aumentar estes índices.

A nossa sugestão face a um possível melhoramento da organização em torno do desporto escolar recai num aumento do mediatismo do mesmo. Por outras palavras, consideramos que um aumento da intensidade das competições em âmbito do desporto escolar proporcionaria um maior número de interessados e, quiçá, chamar a atenção de instituições federadas com vista à captação de futuros talentos. Esta cooperação entre Desporto Escolar e Desporto Federado poderia ser uma solução bem pertinente, visto que uma não impediria a outra, daria a oportunidade de aumentar índices competitivos e colmatar escassez de atletas em determinadas modalidades. Os talentos existem, só precisam de ser trabalhados, e muitos jovens ainda não têm conhecimento disso.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. (2003a). A construção social de identidades de escola. *Trajetos, ISCTE*, pp. 13-22.
- Abrantes, P. (2003b). *Os Sentidos da Escola: Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*. Oeiras: Celta Editora.
- Abrantes, P. (2011). Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI*, pp. 121-139.
- Amaral, P. (2006). *Práticas de lazer e estilos de vida: estudo da população jovem estudantil do distrito de Coimbra*. Coimbra: Dissertação de mestrado em Lazer e Desenvolvimento Local apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bach, L. (1993). Sports Without Facilities: The Use of Urban Spaces by Informal Sports. *International. Review for the Sociology of Sport*.
- Bento, J. (1995). *O Outro Lado do Desporto – Vivências e Reflexão Pedagógicas*. Porto: Campo das Letras – Editores, S. A.
- Bento, J. (1998). *Desporto e Humanismo: O Campo do Possível*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Bento, J., Garcia, R., & Graça, A. (1999). *Contextos da Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Berger, P. (1999). *Perspectivas sociológicas: uma visão huma-nística*. Petrópolis: Vozes.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1976). *A construção social da realidade : tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Blair, S. (1993). C. H. McCloy Research Lecture: Physical Activity, Physical Fitness, and Health. *Research Quarterly Exercise and Sport.*, vol. 64, nº 4, pp. 365-376.
- Bourdieu, P. (1983). A Juventude é apenas uma palavra. *Questões de Sociologia*, pp. 112-121.

- Campos, R. (2010). Juventude e visualidade no mundo contemporâneo. Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis. *Sociologia, Problemas e Práticas* n°63, pp. 113-137.
- Costa, A. F. (2008). *Sociedade de Bairro - Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Lisboa: Celta Editora.
- Costa, O. (1991). Desporto e Qualidade de Vida. (J. Bento, & A. Marques, Edits.) *Actas das Jornadas Científicas Desporto. Saúde. Bem-estar*, pp. 53-59.
- Costa, P. d. (2005). *Entre a Sociedade e os alunos - Análise etno-histórica da escola industrial e comercial de Emídio Navarro, em Almada (1955-1974)*. A Triunfadora - Artes Gráficas, Lda.
- Duarte, J. (1999). Exercício Físico e Saúde. *Novos Desafios, Diferentes Soluções - 1º Congresso Internacional de Ciências do Desporto*. Porto: F.C.D.E.F. – U.P.
- Dubar, C. (1991). *La Socialisation - construction des identités sociales et professionnelles*. Paris: Armand Colin Éditeur.
- Dumazedier, & Israel. (1974). *Lazer – Problema Social*. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura. Direcção Geral dos Desportos.
- Dumazedier, I. (2000). *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Elias, & Dunning. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Esculcas, C. (1999). *Actividade Física e Práticas de Lazer na Adolescência: Promoção e Manutenção em Função da Natureza da Actividade Física e do Estatuto Sócio-económico*. Dissertação de Mestrado, F. C. D. E. F. - U. P.
- Estatística, I. N. (1999). *Cadernos Regionais – Região Centro. N° 10*. Coimbra: Direcção Regional do Centro.
- Fernandes, S. (2002). *Oferta e Procura Desportiva para Jovens*. Porto - F. C. D. E. F. - U. P. : Dissertação de Mestrado.
- Fortuna, C. (1997). As cidades e as identidades: narrativas patrimônios e memórias. *Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 12, N°33*.

- Freire. (1989). Lazer e Desenvolvimento Humano . *Jornal de Psicologia*. nº1. Jan.-Fev, pp. 27-31.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gomes, P. (1993). Educação Física ou Desporto na Escola Primária? (J. & Bento, Ed.) *A Ciência do Desporto A cultura e o Homem*, pp. 511-516.
- Gomes, P. (1996). O Juízo dos Pais Acerca da Actividade Física dos Filhos. *Horizonte*, vol. XIII, nº74, pp. 19-22.
- Grawitz, M. (1993). *Méthodes des Sciences Sociales*. Éditions Dalloz.
- Huizinga, J. (2003). *Homo Ludens* . Lisboa: Edições 70.
- Levi, G., & Shmitt, J.-C. (1996). *História dos Jovens I - Da antiguidade à era moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lopes, J. T. (1996). *Tristes Escolas - práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*. Porto: Edições Afrontamento.
- Margulis, M., & Urresti, M. (1996). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: 1996.
- Marivoet, S. (1997). Onde Estão as Virtualidades Educativas do Desporto. *Desporto*, nº 0, pp. 30-31.
- Marivoet, S. (1998). *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, S. (2002). *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mota, J. (1992). Contributo da Educação Física. (D. e. Câmara Municipal de Oeiras Divisão de Cultura, Ed.) *Educação e Saúde*, pp. 5-47.
- Mota, J. (1999). Desporto e Saúde. (D. e. Câmara Municipal de Oeiras Divisão de Cultura, Ed.) *Educação e Saúde*, pp. 56-102.
- Mota, J., & Sallis, J. (2002). Actividade Física e Saúde: Factores de Influência da Actividade Física nas Crianças e nos Adolescentes. *Campo das Letras, Col. Campo do Desporto (9)*.
- Neto. (1994). Desporto Infantil: A Criança e a Actividade Desportiva. *Horizonte vol. X nº 60*, pp. 203-206.

- Nunes, M. (1999). Os Grandes Desafios da Autarquia no Âmbito do Desporto, uma Proposta de Elaboração de um Plano de Desenvolvimento Desportivo Municipal. *Horizonte*, vol. XV. n°89, pp. 33-39.
- Pais, M. (1993). *Culturas Juvenis*. Temas Portugueses.
- Pais, M. (1994). *Práticas Culturais dos Lisboaetas*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Pais, M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates*. Porto: Ambar.
- Pais, M. (2003). *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo*. Lisboa: Celta.
- Pires, G. (Fevereiro de 2002). Desporto Escolar, Da Educação Física à Educação Desportiva. *A Página da Educação*, n° 109.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Sharma, V. (1994). Leisure: a vedantic view. *New Routes for Leisure. Actas do Congresso Mundial do Lazer*, pp. 35-44.
- Simmel, G. (1983). *Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal*. São Paulo: Ática.
- Souza, C. Z. (2004). Juventude e Contemporaneidade: Possibilidades e Limites. *Última Década nr 20*, pp. 47-69.
- Sposito, M. P. (1997). Juventude, Pesquisa e Educação. *Revista Brasileira de Educação*.
- Tedesco, J. C. (2000). *O Novo Pacto Educativo: Educação, Competitividade e Cidadania na Sociedade Moderna*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Tojeira, P. (1992). Estudos: Tempo Livre e Desporto. *Horizonte vol. VIII, n° 49*, pp. 23-31.
- Vicente, P., Reis, E., & Ferrão, F. (1996). *Sondagens, a amostragem como factor decisivo de qualidade*. Lisboa: Edições Sílabo.

WHO. (1947). World Health Organization. Constitution of the WHO. *Chronicle of the WHO*. V.I. n° 3, p. 1.

Anexos

Anexo 1 – Pedido de autorização para realização de um estudo científico em estabelecimento de ensino público

Exm. Sr. Diretor

ASSUNTO: Pedido de autorização para realização de um estudo científico em estabelecimentos de ensino público

No âmbito do curso de Mestrado em Sociologia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ficou definido como tema de estudo para a dissertação de mestrado “*a importância das práticas desportivas no ensino secundário*”. O presente estudo resulta da necessidade de obter um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade das práticas desportivas bem como sua importância em jovens frequentadores do ensino secundário.

A minha escola relativamente ao estabelecimento de ensino recai sobre O Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto, pois foi onde concluí o meu ensino secundário e à qual tenho alguma proximidade.

O objetivo geral do estudo compreende entre a identificação do tipo de atividade desportiva praticada em âmbito escolar, bem como a sua diversidade. Focar-se-á também na existência, ou não, de diferenças consoante o sexo e, também, nas influências e condicionantes à prática desportiva por parte dos alunos.

Para a realização do estudo, a amostra incidirá sobre uma turma 10º, 11º e 12º ano de escolaridade e docentes da disciplina de educação física. O estudo passará pela aplicação de inquéritos por questionário às turmas mencionadas a juntar a entrevistas aplicadas a docentes da disciplina de educação física.

Desta forma, venho por este meio solicitar a V.Ex.^a autorização para proceder à realização do referido estudo no estabelecimento de ensino mencionado.

Obrigado pela atenção,

Os melhores cumprimentos

TERMO DE CONSENTIMENTO

INFORMADO

MENORES DE 18 ANOS

Objetivo do Estudo: Este estudo tem por objetivo compreender entre a identificação do tipo de atividade desportiva praticada no âmbito escolar, bem como a sua diversidade. Focar-se-á também na existência, ou não, de diferenças consoante o sexo e, também, nas influências e condicionantes à prática desportiva por parte dos alunos. O mesmo estudo decorre no âmbito uma investigação a decorrer na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Papel do/a participante: A participação do/a seu educando/a é voluntária e anónima, consistindo no preenchimento de um inquérito por questionário. Ninguém terá conhecimento das respostas individuais, uma vez que nos comprometemos a manter a confidencialidade do mesmo, dado que os dados serão tratados de modo coletivo.

Papel dos investigadores:

- a) Garantir total confidencialidade sobre os dados fornecidos pelos/as participantes;
- b) Utilizar os dados fornecidos somente para fins de investigação científica;
- c) Fornecer ao centro de formação/escola um resumo dos resultados obtidos;
- d) Providenciar acompanhamento e/ou encaminhamento de qualquer situação de apoio, caso seja solicitado.

Esclarecimentos adicionais: Bruno Pontes – up201002168@flup.up.pt – telemóvel 919516658

Declaro que, tendo recebido todas as informações sobre o objetivo do estudo, concordo que o/a meu educando/a participe no mesmo.

(Assinatura)

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

MAIORES DE 18 ANOS

Objetivo do Estudo: Este estudo tem por objetivo compreender entre a identificação do tipo de atividade desportiva praticada no âmbito escolar, bem como a sua diversidade. Focar-se-á também na existência, ou não, de diferenças consoante o sexo e, também, nas influências e condicionantes à prática desportiva por parte dos alunos. O mesmo estudo decorre no âmbito uma investigação a decorrer na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Papel do/a participante: A sua participação é voluntária e anónima, consistindo no preenchimento de um inquérito por questionário. Ninguém terá conhecimento das suas respostas individuais, uma vez que nos comprometemos a manter a confidencialidade do mesmo, dado que os dados serão tratados de modo coletivo.

Papel dos investigadores:

- a) Garantir total confidencialidade sobre os dados fornecidos pelos/as participantes;
- b) Utilizar os dados fornecidos somente para fins de investigação científica;
- c) Fornecer ao centro de formação/escola um resumo dos resultados obtidos;
- d) Providenciar acompanhamento e/ou encaminhamento de qualquer situação de apoio, caso seja solicitado.

Esclarecimentos adicionais: Bruno Pontes – up201002168@flup.up.pt – telemóvel 919516658

Declaro que, tendo recebido todas as informações sobre o objetivo do estudo, concordo participar no mesmo.

(Assinatura)

Anexo 4 – Inquérito por Questionário

O presente inquérito destina-se à elaboração de uma investigação sociológica sobre os hábitos desportivos dos alunos matriculados no ensino secundário na Escola Secundária do Cerco do Porto, com vista à obtenção do grau de Mestre em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Agradecemos a tua colaboração e comprometemo-nos a garantir a confidencialidade de todas as informações prestadas, que apenas serão utilizadas neste trabalho de natureza científica.

Desde já, muito obrigado pelo tempo dispensado.

(Deverás responder nos espaços assinalados e/ou rodopiar a letra correspondente à tua resposta)

I. Passado Desportivo

1. Em relação ao passado desportivo, podes indicar qual a tua situação?
 - a. Nunca pratiquei desporto (**Passa à questão 14**)
 - b. Apenas pratiquei desporto enquanto criança (até aos 12 anos)
 - c. Desde criança com interrupções
 - d. Desde jovem com interrupções (a partir dos 12 anos)
 - e. Sempre pratiquei uma modalidade desportiva /atividade físico-desportiva
2. Que idade tinhas quando praticaste pela primeira vez uma modalidade desportiva / atividade físico-desportiva: _____

II. Hábitos Desportivos

3. Atualmente praticas algum desporto ou atividade físico-desportiva?
 - a. Sim
 - b. Não (**Passa à questão 15**)
4. Se Sim, qual/quais a(s) modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportiva(s) que praticas?
 - a. _____
 - b. _____
 - c. _____
 - d. _____
 - e. _____

5. Porque razão escolheste praticar essa (s) modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportiva(s) (podes assinalar várias respostas)
- Proximidade de casa
 - Proximidade da escola
 - Por permitir praticar com amigos/família
 - Por vontade dos teus pais
 - As instalações são as melhores
 - Modalidade (s) preferidas
 - Acompanhamento técnico mais qualificado/adequado
 - Horários mais adequados
 - Outro. Qual) _____
6. Qual/quais o(s) âmbito em que praticas desporto / atividade físico-desportiva?
- Desporto Escolar
 - Desporto Federado
 - Outro (prática de lazer)
7. Qual/Quais o(s) enquadramento(s) em que praticas desporto / atividade físico-desportiva?
- Informal/sem compromisso organizacional
 - Clubes/Competição Federada
 - Ginásio/Academia
 - Estabelecimento de Ensino
 - Outro. Qual? _____
8. Praticas desporto / atividade físico-desportiva todas as semanas?
- Sim
 - Não
9. Quantas vezes por semana praticas desporto / atividade físico-desportiva? _____ vez(es).
10. Em média, quantas horas por semana praticas desporto / atividade físico-desportiva? _____ hora(s)
11. Quantos meses por anos desporto / atividade físico-desportiva? _____ meses

III. Satisfação

12. Apenas relativamente à(s) tua(s) modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportiva(s), podes indicar-nos o teu grau de satisfação em cada um dos itens do quadro seguinte? (Deves indicar apenas uma resposta por linha)

	Muito satisfeito	Satisfeito	Pouco satisfeito	Nada satisfeito
1. Proximidade				
2. Horários				
3. Qualidade do Equipamento				
4. Infra-estruturas				
5. Custos				
6. Modalidades Oferecidas				
7. Publicidade				
8. Outra.				

13. Estás a pensar durante este ano iniciar a prática de outra(s) modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportivas), para além da(s) que já pratica(s)?
- Sim (**Passa para a questão 16**)
 - Não (**Passa para a questão 17**)

IV. Causas

14. Se não, responde qual ou quais as razões porque nunca praticaste desporto / atividade físico-desportiva? (Podes dar mais que uma resposta)

- Falta de tempo
- Por não gostar
- Por falta de companhia
- Falta de instalações adequadas
- Não há modalidades que goste
- Por não ter transporte
- Problemas de saúde
- Falta de jeito para o desporto
- Problemas financeiros
- Outro. Qual? _____

V. Procura

15. Estás a pensar iniciar a prática de alguma(s) modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportiva(s) durante este ano?
- Sim
 - Não (**Passa para a questão 17**)
16. Se sim, podes responder ao quadro seguinte indicando a(s) modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportiva(s) pretendidas, âmbito em que estás a pensar praticá-la(s), e se tens conhecimento onde a(s) poder praticas?

1. modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportiva(s)	2.Âmbito		3.Existe oferta perto da tua residência	
	1.Competição Federado	2.Outro	1.Sim	2.Não
1.				
2.				
3.				

VI. Objetivos

17. Qual o grau de importância que atribuis a cada uma das razões para a prática do desporto / atividade físico-desportiva, referidas no quadro seguinte:

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
1.Imagem corporal (estética)				
2.Melhoria da condição física				
3.Melhoria das condições de saúde				
4.Convívio/Amizades				
5.Relaxamento/Divertimento				
6.Competição				
7.Outra. Qual? _____				

VII. Práticas Culturais e Lazer

18. Com que regularidade desenvolves as seguintes atividades de lazer? (Deves indicar uma resposta por linha)

	Regularmente	Raramente	Nunca
1.Ouvir música			
2.Ir a concertos musicais			
3.Ir ao teatro			
4.Ir ao cinema			
5.Atividade religiosa			
6.Aprender música			
7.Frequentar Discotecas/bares			
8.Frequentar Bibliotecas			
9.Leitura livre			
10.Ver televisão			
11.Frequentar espaços desportivos/Espectáculos			
12.Praticar desporto			
13.Estar com amigos			
14.Namorar			
15.Jogar computador/consola			
16.Navegar na internet			
17.Passear com a família			
18.Outra. Qual? _____			

VIII. Desporto na família

Em relação aos teus pais e/ou pessoas com quem vives (masculino/feminino)

19. Em relação aos hábitos desportivos dos teus pais e/ou das pessoas com quem vives, atualmente praticam alguma(s) modalidade(s) desportiva(s) / atividade(s) físico-desportiva(s)?

- a. Pai/pessoa masculina:
- b. Mãe/pessoa feminina:

20. Em relação ao passado desportivo dos teus pais ou das pessoas com quem vives, podes indicar:

	Pai/pessoa masculina	Mãe/pessoa feminina
Nunca praticou desporto		
Apenas praticou desporto enquanto jovem		
Prática desde criança com interrupções		
Praticou só em adulto com interrupções		
Sempre praticou uma atividade desportiva		

IX. Identificação

21. Ainda relativamente aos teus pais ou pessoas com quem vives, podes indicar quais as suas habilitações literárias:

Habilitações Literárias	Pai/Pessoa masculina	Mãe/Pessoa Feminina
Analfabeto		
Ensino Primário		
9º ano		
12º ano		
Curso Médio –Bacherlato		
Licenciatura		
Pós-graduação		
Mestrado		
Doutoramento		

22. Qual a sua condição perante o trabalho?

Condição perante o trabalho	Pai/pessoa masculina	Mãe/pessoa feminina
Ativo ou a exercer uma função remunerada		
Doméstico(a)		
Desempregado (a)		
Reformado (a)		

23. Se ativo ou a exercer uma função remunerada qual a sua situação na profissão?

Situação na profissão	Pai/pessoa masculina	Mãe/pessoa feminina
Patrão		
Por conta própria		
Por conta de outrem		

24. Qual a sua profissão?

a. Pai/pessoa masculina: _____

b. Mãe/pessoa feminina: _____

25. Que idade tens? _____

26. Sexo:

a. Masculino _____

b. Feminino _____

27. Local onde moras: _____

28. Ano de escolaridade em que estás matriculado:

a. 10º ano _____

b. 11º ano _____

c. 12º ano _____

Muito obrigado pela colaboração! ☺

Anexo 5 – Guião de Entrevista

1. Parecer sobre o foco do professor nas várias competências do aluno, para além das desportivas
2. Opinião sobre um aluno mais predisposto à prática desportiva.
 - a. Considera-o mais competente a nível social?
 - b. E escolar?
3. Opinião sobre o modelo atual das aulas de educação física?
 - a. O que deveria e/ou poderia mudar?
4. Parecer sobre o orçamento disponibilizado para a disciplina de educação física.
 - a. É suficiente à prática da mesma?
5. Parecer sobre a diferença de sexos aquando a prática desportiva
6. Opinião sobre as modalidades desportivas oferecidas pela escola
7. Abordagem sobre os condicionalismos por parte das escolas à operacionalização do desporto escolar.
8. Opinião sobre o papel da escola secundária do cerco relativamente ao desporto escolar.
 - a. Que diferenças vê comparativamente a outras escolas onde já tenha exercido?
9. Ideia sobre o desporto escolar do passado, do presente e do futuro, ou seja, o que foi, o que é e o que possivelmente será?

Anexo 6 – Análise vertical da entrevista nº 1

Análise vertical à entrevista nº 1

Entrevista nº 1

Data: 17-06-2015

Local: Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto, sala da associação de estudantes

Hora: 11h – 11h40

Dárida Castro, docente

1)Desenvolvimento do Aluno

A docente entrevistada começa por abordar o tema referindo que a prática de desporto não tem como objetivo somente o aumento da capacidade física e psicológica mas sim as competências sociais, “e muito sociais” do indivíduo, neste caso, dos alunos. A docente considera que, atualmente, há uma enorme correlação entre a atividade física praticada na escola com questões de saúde, “em detrimento da formação social e das relações interpessoais”, ou seja, a preocupação geral foca-se na saúde dos alunos como o fortalecimento físico, luta contra doenças cardiovasculares e até mesmo obesidade. Perante este prisma a docente deixa clara a sua posição: “não estou de acordo, não estou de acordo”. A docente considera insuficiente o número de horas de prática desportiva em contexto escolar para que o objetivo primordial seja as condições de saúde do aluno. Considera ainda a prática de atividade física fundamental no que concerne à aquisição de hábitos e regras por parte do aluno, “valores que são fundamentais hoje em dia na sociedade, para se formar um cidadão autónomo”, isto é, fatores determinantes na vida em sociedade ao longo da vida. Contudo, a docente não descarta a importância no foco da prática de atividade física visada nos cuidados de saúde. “É evidente que tentamos que também criem hábitos de vida saudável e que encontrem dentro das várias atividades físicas que lhes são dadas, que encontrem uma que seja do seu agrado para manter ao longo da vida...”. Relativamente à disposição do aluno face à prática de atividade físico desportiva, a docente considera que um indivíduo mais disposto ao exercício físico revela índices de resolução de problemas mais altos, ou seja, “os alunos que estão mais dispostos para a prática da atividade física são também alunos que revelam uma capacidade de raciocínio, de resultados, resolução de problemas ... mais eficaz”. A docente levanta ainda a questão do estereótipo criado em volta dum aluno mais disposto à prática desportiva como um mau aluno no que respeita às disciplinas teóricas. Relativamente a essa questão, a docente expõe a sua opinião e posição de não concordância com esse estereótipo criado, como se pode ver: “Acho que não, acho que um aluno que

pratique atividade física está mais predisposto a aprender, ..., resolve melhor situações novas também tem maior capacidade de concentração e de envolvimento.”. No fundo, a docente considera que a prática de atividade físico desportiva dá asas à formação de um indivíduo mais ciente de normas e regras que estarão presente em toda a sua vida. “A partilha, o superar dificuldades, o ajudar o próximo, o aceitar a derrota, o aprender com a derrota, com os insucessos” são características fundamentais “para o sucesso pleno na vida profissional”. Posto isto, a docente considera a disciplina de educação física “única disciplina que consegue abranger estas, estes pontos”.

2)Educação física

A docente começa por abordar as aulas de educação física afirmando não concordar com os atuais modelos da mesma. “Há muito tempo que eu não concordo com o modelo das aulas de educação física ... como as aulas de educação física são administradas”. A docente esclarece a sua opinião considerando insuficientes as horas e o tempo que os alunos têm não só para praticar mas também para consolidar tudo o que é ensinado e lecionado “não são suficientes”. A docente lamenta ainda o facto de todos os anos repetir os programas destinados às aulas, fundamentando isto como “complicado para o professor que dá todos os anos a mesma coisa” tentando “chegar ao nível secundário” mas não consegue pois o aluno “não aperfeiçoa, não consegue consolidar, não consegue passar ao nível seguinte”. A docente considera esta incapacidade do aluno em ultrapassar as dificuldades, em aperfeiçoar o que aprende como “desmotivador”. Propõe até, um novo modelo para as aulas de educação física em que até ao 9º ano fosse “dado aos alunos o conhecimento geral de todas as modalidades” e, a partir do 10º, “o aluno fazer a sua opção por um desporto ou uma atividade e seguiria única e exclusivamente” a sua opção. A sua opção daria liberdade a que o aluno pudesse praticar realmente uma modalidade na qual tenha o maior gosto e prazer, que conseguisse “progredir, ir mais além”. Na sua proposta, a docente defende ainda uma separação de sexos a partir do 10º ano. A docente explica a sua opinião referindo que “as raparigas têm interesses diferentes a nível da prática desportiva dos rapazes a partir de uma determinada idade”. A entrevista considera que se o objetivo da escolaridade é o aumento das capacidades do aluno, então porque não dar ao aluno aquilo que ele realmente quer.

A mesma defende ainda que se o aluno se sentir motivado os resultados serão maiores, além de que o objetivo prioritário das aulas continua a ser “fazer com que os alunos tenham hábitos de atividade física ao longo da vida”. Já referido anteriormente, a docente reforça a sua posição vincando a importância da disciplina de educação física. Mais uma vez argumenta a sua importância na formação do indivíduo, considerando esta a “única disciplina que trabalha o aluno como um todo, tanto a nível intelectual como a nível motor, portanto, e sendo a única disciplina, pode-me dizer a educação visual também, mas a educação física trabalha como um todo e nós somos um ser homeostático e temos de ter equilíbrio”. Neste sentido, defende as “formações específicas e os alunos optarem por aquilo que realmente querem e gostam, para poderem progredir”. Como a docente entrevista vai referindo, não existe uma completa formação por parte do aluno a nível desportivo, o que pode resultar numa desmotivação dos mesmos. Assume a responsabilidade enquanto professora de “estimular constantemente o aluno”, argumento que é esse o seu papel, fazendo “com que o aluno sinta algum interesse na aula de educação física”. Abordada a desmotivação por parte dos alunos, a docente levanta a questão que ocorreu no ensino em Portugal em que “as notas de secundário a educação física não contam para a média”, o que na opinião bem assenta do docente é clara, seguindo as palavras da mesma: “eu acho que é mau”. A docente não esconde a sua insatisfação perante o assunto, considerando que “a nota de educação física contribuía muito para a maioria das médias do aluno”, reforçando a desmotivação existente face ao sucedido por parte de todos, especialmente os alunos. Contudo, a docente assume ter “turmas excelentes”, reconhecendo sempre que “podiam dar mais”, fortalecendo novamente o facto da nota final a educação física não contar para a média final como um dos motivos a tal.

3) Diferença de sexos

Face à diferença da prática de atividade físico desportiva por sexos, já referido anteriormente, a docente fortifica a sua opinião de “que a partir do secundário as aulas deveriam ser separadas, rapazes e raparigas.”. A razão para a docente é óbvia, simplesmente “porque eles manifestam gostos diferentes”. No decorrer da conversa, a docente faz o levantamento de algumas características mais comuns entre os mais jovens, aspetos diferenciadores entre sexos como por exemplo, “as meninas a partir de uma dada altura preocupam-se mais com o seu aspeto físico, o visual, com a

alimentação, com o treino do seu corpo”, enquanto “os rapazes têm a necessidade de maior competição, portanto, de libertarem as suas energias através do vencer, do ganhar”. Contudo, a docente assume que isto é uma generalização, e que os papéis podem estar invertidos em alguns casos. Por fim, a docente considera que “a partir dos 15 anos, esta diferença acentua-se mais”.

4) Práticas escolares

Na continuação da conversa, o próximo foco da conversa prende-se às práticas escolares a nível da atividade físico desportiva, sendo claramente necessário abordar as modalidades que a escola em estudo goza para oferta. Relativamente a este campo a docente mostra alguma descontração assumindo que o agrupamento de escolas em análise oferece as modalidades “tradicionais”, afirmando que estão de acordo com o que as “instalações desportivas permitem”. Considera contudo que a instituição de ensino mencionada goza de “condições espetaculares”, estando provavelmente “mais além um bocadinho” das restantes instituições, visto que tem disponível espaços destinados a ginástica e dança e até mesmo uma sala de fitness, o que confere aos alunos um pouco “daquilo que ele pode ir buscar lá fora nos chamados ginásios e health clubs”. Prendendo-se agora às modalidades em si praticadas nas aulas, a docente reforça a ideia de que são as tradicionais expectáveis, contudo, não confere grande importância às mesmas, assumindo que “as unidades temáticas são mais do que um fim em si mesmas, são uma estratégia para chegar a outras coisas”. Quer isto dizer que não é a modalidade praticada que faz a diferença, mas sim a o objetivo com que se pratica a mesma. A docente assume que faz uso das modalidades inseridas no programa para “trabalhar as relações interpessoais, a aplicação de conhecimentos, etc.”

A docente levanta ainda a questão debruçada sobre o orçamento disponibilizado para a disciplina de educação física, referindo não ter qualquer queixas sobre o mesmo. Refere que a escola em estudo “reconhece a importância da disciplina” e que mais rápida ou tardiamente, “o material aparece”. Além do mais, este investimento na atividade físico-desportiva é vista pela instituição de ensino em análise como “uma forma de que os alunos não desistam da escola, cumpram o ensino obrigatório e se mantenham interessados na escola”. Em suma, a docente reforça a opinião de que o importante é o bem-estar dos alunos e que a sua satisfação é um passo importantíssimo e fundamental para resultados positivos ao longo do percurso escolar

dos alunos. Para a mesma, um aluno motivado e satisfeito apresenta melhores resultados, quer a nível teórico, quer a nível físico.

5) Desporto escolar

Apesar de ser na disciplina de educação física que a maioria dos alunos dispõe da possibilidade de prática de atividade físico desportiva, esta não é a única forma nem a única oferta da mesma. O desporto escolar é outra possibilidade que os alunos dispõe para a prática de desporto, diferenciando-se no sentido da não obrigatoriedade. Sobre o desporto escolar, a docente revela alguma decepção de como este tem sido gerido nos últimos anos. Primeiramente, a docente revela que o desporto escolar “fazia parte da componente letiva, dos professores, portanto, os professores que tinham grupos e equipas tinham menos uma turma ou consoante os grupos ou equipas que tinham”. A decepção da mesma é explicada pelo facto de que “isso foi deixando aos poucos e passou para a componente não-letiva”, ou seja, fora do horário escolar, “o que dificulta muito”, visto que o professor vê-se obrigado a conciliar aulas, desporto escolar e, por vezes, “saídas para o quadro competitivo” em que o “professor tira muito do seu tempo e do tempo da família para dedicar ao desporto escolar”. A opinião da docente é bastante clara sobre o funcionamento do desporto escolar atual: “não é justo pois não é recompensado, e eu acho que qualquer trabalhador gosta de ser recompensado pelo trabalho”. A docente refere ainda que no momento de matrícula, “os alunos escolhem o que de gostariam de praticar a nível de desporto escolar”, podendo escolher mais que uma modalidade. Isto acarreta com uma sobrecarga no horário dos professores que acabam por ser obrigados a tutelar dois grupos de desporto escolar, que pode originar “competições em simultâneo” e, os professores, não conseguem acompanhar nem conferir a devida importância a ambas. Contudo, a docente quando questionada relativamente ao papel do agrupamento do cerco relativamente ao desportivo escolar, a resposta é bastante óbvia: “favorável”. Considera que a instituição de ensino referida confere todo o apoio necessário para a progressão do desporto escolar, seja equipamento ou até meio de transporte. Comparativamente a outras instituições de ensino em que a docente entrevista lecionou, a mesma assume que não tem conhecimento da “realidade de outras escolas”, dada a sua longevidade no agrupamento de escolas do cerco. Contudo, refere que por onde passou, o desporto escolar sempre foi bem visto e teve apoios. Alude ainda ao facto de que o desporto escolar “é bem acolhido pelos encarregados

de educação e é bem acolhido pelas escolas porque prendem os alunos à própria escola”. Um dos objetivos primordiais do desporto escolar, além da prática de atividade físico desportiva e seus advindos, é fazer com “que os alunos se identifiquem, que tenham um papel social”. Mais uma vez, a docente confere as relações interpessoais e a vida em sociedade como um dos focos da prática de desporto, reforçando que esta desinibe os alunos tornando-os mais sociáveis.

Anexo 7 - Análise vertical da entrevista nº 2

Análise vertical à entrevista nº 2

Entrevista nº2

Data: 17-06-2015

Local: Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto, sala da associação de estudantes

Hora: 12h – 12h25

Sofia Canossa, docente

1)Desenvolvimento do Aluno

A docente entrevistada nesta conversa revelou uma menor disposição para a entrevista relativamente às outras entrevistas feitas. Contudo, apesar de respostas mais curtas e simples, a docente deixou bem clara a sua posição e opinião quanto aos temas abordados. Quando questionada sobre o foco depositado pelo professor de educação física nas competências do aluno além das desportivas, a mesma é bastante esclarecedora: “Se o professor se preocupa? Claro, sempre”. Na verdade, este sempre reflete mais uma vez que o papel do professor de educação física não consiste somente no aumentar dos índices desportivos dos alunos mas sim nos seus índices sociais e psicológicos. No fundo, independentemente da disciplina lecionada, o seu papel não é mais ou menos importante, sendo que o objetivo principal continua a ser a integração do aluno e preparação para a vida em sociedade.

Relativamente à prestação de um aluno mais disposto à prática desportiva a nível social, a docente refere-se ao assunto como “muito vago”. Assume a existência de alunos mais dispostos à atividade físico-desportiva que outros, bem como alunos com mais “vontade e pro-atividade em relação à prática e às propostas do professor”, no entanto, o contrário pode acontecer. Neste sentido, a docente aponta que um aluno mais disposto à prática desportiva pode revelar uma posição mais enérgica no seu dia-a-dia. Quanto ao rendimento escolar de um aluno mais disposto à prática desportiva, a docente assume a existência de “casos que o aluno mais predisposto à prática de educação física seja visto como um mau aluno nas restantes disciplinas mas não pode ser generalizado”. A docente ao apontar este facto assinala que este tipo de alunos existe, é inevitável, mas não é geral. “Tudo depende da predisposição do mesmo a aprender e a adquirir conhecimento”, ou seja, é a vontade do aluno que influencia o seu rendimento.

2)Educação física

Abordada agora relativamente ao modelo atual das aulas de educação física, a docente foi extremamente clara e objetiva ao dar a sua opinião, aliás, como foi no decorrer de toda a conversa. Sem demoras, a docente mostrou-se em completo “desacordo” com o modelo atual da disciplina mencionada, argumentando que “neste momento estão desatualizadíssimas”. Reforça a sua posição afirmando que o ensino secundário é o mais afetado deste modelo ultrapassado propondo uma reformulação “direcionada para as questões da saúde, motivacionais, de aquisição de comportamentos ligados à atividade física regular numa forma autónoma”. Ora, neste sentido, a docente defende que as aulas de educação física, sobretudo no ensino secundário, que para muitos podem ser os últimos anos de atividade físico-desportiva, devem voltar-se e incutir uma motivação extra de modo a que os alunos alcancem “hábitos saudáveis relativos à atividade física”. Considera importantíssimo que os alunos adquiram estes hábitos, pois é muito comum, e com um estilo de vida cada vez mais sedentarizado, que após o ensino secundário, muitos alunos deixem de praticar qualquer tipo de atividade físico-desportiva, e no entender da docente, é muito negativo. A docente refere ainda que nem todos os alunos surgem com a mesma aptidão física e que índices de “flexibilidade, força, resistência, reforço muscular” devem ser trabalhados por todos, assumindo a adoção da prática de determinadas modalidades desportivas “como estratégia para atingir esse objetivo”. Qualquer modalidade desportiva é mais atrativa que fazer flexões ou corrida contínua, e pode apresentar os mesmos resultados, portanto, na visão da docente, são um excelente método à motivação dos alunos bem como na obtenção de resultados de aptidão física.

3) Diferença de sexos

Após refletir sobre os problemas que pairam sobre a atualidade do modelo das aulas de educação física, a docente viu-se confrontada com a questão relativa à diferença de prestação consoante o sexo durante as aulas de educação física. Sem rodeios, a docente afirma que é uma situação algo complexa. Dá conta da clara existência de gosto e vontade diferenciada entre rapazes e raparigas, assumindo que “a maioria das meninas não estão muito motivadas para a atividade física”. Uma das explicações para este fator prende-se, segundo a docente, ao facto de estas “não adquirirem anteriormente competências a nível das modalidades em si, porque também as unidades temáticas estão desajustadas”. Deixa bem claro que a situação registada é uma generalização comum, pois também existem casos em que alunas do sexo

feminino “já adquiriram anteriormente hábitos”, estando estas mais dispostas à prática desportiva assegurando uma maior motivação relativamente às que nunca adquiriram hábitos do género. Para os rapazes, segundo a docente, as aulas de educação física são encaradas com uma disposição bem maior, quanto mais não seja pela necessidade que os rapazes têm de libertar as suas energias. Neste sentido, a docente considera que as modalidades desportivas são tipo um “bónus” à motivação do aluno do sexo masculino, com a salvaguarda que este, ao praticar determinada modalidade, vai aumentar a sua condição física e corresponder ao esperado do programa da unidade temática. Em suma, para a docente, tudo é consequência de “orientações anteriores”, sendo que se o aluno chega ao ensino secundário sem hábitos de prática desportiva, dificilmente terão motivação a ganhá-los a partir de então, defendendo portanto a criação de hábitos no indivíduo desde muito novo.

4) Práticas escolares

Debruçando a conversa sobre as práticas escolares e modalidades oferecidas pela instituição de ensino supramencionada, a docente considera estas “adequadas face às condições da escola”, vincando até que a mesma tem “mais condições que outras”. Em contrapartida, lamenta o facto de esta estar desatualizada “quanto a modalidades novas que poderiam ser uma motivação acrescida”. Outra crítica apontada às práticas oferecidas pela escola, cinge-se à evidência da falta de “formação no professor”. Além do mencionado, refere-se a uma continuidade do programa focalizado nas modalidades habituais e mais procuradas como “basquetebol, futebol, voleibol”. Face a isto, considera que pode existir um cansaço por parte dos alunos que desde que entram na escola estarem perante sempre o mesmo programa, chegando a um ponto em que estão “cansado de abordar sempre as mesmas coisas”.

Sobre o orçamento disponibilizado para as mesmas, a docente é simples e curta: “não tenho nada a dizer”. No entanto, acaba por refletir um pouco sobre o assunto fazendo referência a “reposição de material” mas nada em específico. Alerta à pouca supervisão como motivo de desaparecimento de material, alegando que por ano grande parte do material disponível à prática das modalidades tem obrigatoriamente que ser repostos.

5) Desporto escolar

Discutindo agora o desporto escolar e sua organização, confrontada sobre os possíveis condicionalismos por parte da escola ao desporto escolar, a docente revela

que não existem muitos. Faz referência às boas instalações do estabelecimento de ensino para a prática de várias modalidades, no entanto, alerta a “um problema a nível de gestão”. Explica a situação argumentando que, dada a variedade da oferta de desporto escolar por parte da escola, existem alunos que acabam inseridos em mais do que uma modalidade, o que mais tarde trás problemas a nível de sobreposição que condiciona a competição. Sobre o assunto, a docente termina com o apelo ao modelo em que o desporto escolar é gerido, afirmando que “a gestão é que tem de ser reconfigurada.

Contudo, a docente considera o agrupamento de escolas do cerco do porto como “uma das escolas mais dinâmicas” a nível do desporto escolar. Considera o mesmo como “muito importante no que toca ao relacionamento social, mediação de conflitos e de ajuda para com as situações de indisciplina”. Deixa, porém, uma crítica ao ministério da educação, que não confere “a importância que deveriam ao desporto escolar”. Assume, contudo, que é uma situação que não depende da escola em si, e muito menos dos professores. Em comparação a outros estabelecimentos de ensino, considera a escola do cerco “muito mais dinâmica” relativamente a outra, mesmo que o desporto escolar consista num esforço extra para os professores que não são recompensados pelo desempenho nesta particularidade. Considera que o desporto escolar acaba por revelar “uma preponderância a nível de organização familiar da vida dos docentes”, deixando todavia a certeza que, apesar de todos estes entraves, esta escola consegue “ter bastante desporto escolar”.

Anexo 8 – Análise vertical da entrevista nº 3

Análise vertical à entrevista nº 3

Entrevista nº 3

Data: 17-06-2015

Local: Agrupamento de Escolas do Cerco do Porto, bar dos professores

Hora: 15h – 15h30

Jorge Martins, docente

1)Desenvolvimento do Aluno

Focando o guião da entrevista para o desenvolvimento do aluno, não só fisicamente, mas também psicológico e social, o docente reconhece que “tem que haver um elemento com capacidade e formação académica” para orientar um grupo de jovens nestas circunstâncias, considerando que não existe “ninguém melhor que o professor para, geralmente, desempenhar esse papel.” Quando confrontado com a hipótese de um aluno mais disposto face à prática de atividade físico-desportiva ser mais competente a nível social, o docente foi curto e objetivo: “sem dúvida alguma”. Reage criticamente acusando quem defende a ideia de “que o desporto é um fator de destabilização da vida, nomeadamente, escolar”. Na sua opinião, “é exatamente o oposto”, o desporto é benéfico para o desenvolvimento de qualquer indivíduo. É feita referência a benefícios desde “regras de socialização e de relação com os outros” à aprendizagem advinda destas bem como uma melhor gestão a nível de tempo. Que na opinião docente “está mais que provado”. Reforça a sua opinião referindo “uma série de estudos que apontam nesse sentido”. Na sua visão, “os alunos que praticam desporto está mais que provado que conseguem gerir melhor as suas tarefas”. Relativamente à competência escolar por parte dos alunos mais dispostos à prática desportiva, o docente mantém a sua opinião. Segundo o mesmo, “aprende a organizar-se”, ressaltando que “tem que ser devidamente acompanhado (...) pois se ele estiver ao abandono ele faz o que quer, tem um desenvolvimento anárquico e perde-se.” Propõe como estratégias o simples exemplo da “moeda de troca”, ou seja, o aluno, mesmo em casa com os pais, tem liberdade para jogar futebol ou qualquer modalidade que seja do seu agrado caso cumpra com boas notas e trabalhos feitos. Defende, portanto, “um mínimo de orientação, tutorial, do encarregado”. Caso isto acontece, o docente não mostra qualquer dúvida de que “os alunos com mais aptidão para a prática desportiva tirarão também mais proveito das atividades escolares.”

2)Educação física

Debruçados agora sobre o modelo com que as aulas de educação física estão programadas atualmente, o docente assume que “esta questão já obriga a pensar mais um bocadinho”. Para o docente o modelo atual está “perfeitamente adequado (...) aos escalões etários e aos períodos de desenvolvimento destas crianças”. Todavia, dá conta de um enfraquecimento do modelo, referindo mesmo que “as aulas de educação física estão a degradar-se um pouco”, apontando críticas ao ministério de educação, acusando-o de “subvalorizar” quer a educação física quer o desporto escolar. Segundo o mesmo, esta situação só tira motivação aos alunos, que indiretamente também subvalorizam a disciplina em si. Faz referência a uma questão considerada pelo docente como “a cereja no topo do bolo”. Esta questão foca-se no facto de que a nota à disciplina de educação física deixou de ter significância a nível da média final de ensino secundário, e conseqüentemente, entrada na faculdade. Esta situação leva a que muitos alunos, já com pouca disposição para a prática de atividade físico-desportiva, se desleixem por completo, visto que não são alvo de “nenhuma penalização em termos de nota e da formação académica”. Contudo, o docente aponta a este erro, afirmando que os alunos “ainda não têm é noção das conseqüências que isso tem a nível e saúde e pessoal.” Fortalece a sua opinião afirmando que o aluno dispõe “não só atividade física mas os hábitos de saúde e higiene”.

Alusivamente à medida por parte do ministério da educação, o docente lança que “por vezes há interesses políticos por detrás das coisas”. Termina, sobre o assunto, com um desabafo “andamos aqui a remar contra a maré”.

3) Diferença de sexos

Seguindo no rumo sobre a diferença consoante o sexo dos alunos relativamente à prática de atividade físico-desportiva, o docente não confere grande importância ao tema. “Cada vez se nota uma diferença menor. Tanto os rapazes como as raparigas gostam de praticar a atividade física”. Ressalva contudo, que existe sempre aquele tipo de aluno mais preguiçoso, pouco disposto à atividade física mas que na sua opinião não é “pela questão do género que haja diferença na motivação e empenho nas aulas de educação física”.

4) Práticas escolares

Relativamente às práticas desportivas no agrupamento de escolas do cerco, o docente faz referência à existência de “duas vertentes” na instituição de ensino mencionada: educação física e desporto escolar. Relativamente à primeira, é feita, nas palavras

docente, uma abordagem das “modalidades individuais e coletivas”. Quanto ao desporto escolar, o docente revela que o agrupamento em si dispõe de uma oferta grandioso, sendo mesmo “um modelo a nível nacional”. Posto isto, a escola do cerco dispõe de uma oferta muito rica no que toca a modalidades desportivas.

No que respeita ao orçamento disponibilizado para as modalidades desportivas inseridas no âmbito escolar, o docente recusa em abordar o tema visto não ter conhecimento dos valores envolvidos. Contudo, deixa a certeza que a escola não tem “dificuldades quer de instalações e equipamentos e mesmo de material”. Faz referência às reposições de stock normais, reforçando que dispõem de “todas as condições mínimas necessárias”.

5) Desporto escolar

Como ponto final da nossa entrevista, debruçamo-nos no assunto focado no desporto escolar praticado na escola do cerco. Questionado sobre eventuais condicionais mos por parte da escola à prática do mesmo, o docente vai revelando que “o desporto escolar já foi muito mais acarinhado e estimulado pelo ministério da educação do que o que é agora.” Levanta a questão de que de ano para ano, são cada vez maiores os entraves colocados ao desenvolvimento do desporto escolar nas escolas, salvaguardando de que este facto “varia de escola para escola”. Contudo, assume que na escola onde leciona e alvo do nosso estudo, existem “boas condições para desenvolver o desporto escolar”, reconhecendo que “os resultados têm sido muito positivos em todas as modalidades”. Estes resultados assumidos expressos pelo docente, não se centram somente nas vitórias conseguidas em competições mas sim face ao “número de jovens envolvidos e o prazer com que se envolvem nessas atividades”. Segundo o docente, as boas classificações nas competições “deve ser visto sempre como suplementar e não como a essência do desporto escolar”. Neste sentido, o docente reforça a sua posição em que o desporto escolar só trás benefícios aos jovens alunos, pois terão a oportunidade de vivenciar acontecimentos “que a maior parte deles não teriam se não fosse através do desporto escolar.” Comparativamente a outras escolas, o docente alega que dado o alargado número de anos que leciona na presente instituição de ensino faz com que perca a noção de como era em instituições anteriores, no entanto, fortifica a ideia de que a escola do cerco tem “boas condições”.

Anexo 9 – Análise Horizontal das três entrevistas aplicadas

Análise horizontal às 3 entrevistas

Categoria: Desenvolvimento do aluno

Sobre o tema debatido, o desenvolvimento do aluno quer a nível físico quer a nível das sociabilidades, os três entrevistas assumem posições unânimes. Fica clara a ideia de que o papel do professor de educação física consiste em aumentar os índices sociais e psicológicos do aluno além do já estabelecido aumentar os índices desportivos. Contudo, há a ressalva que nos últimos anos têm existido uma correlação muito forte entre a atividade física praticada na escola e questões de saúde do aluno, “em detrimento da formação social e das relações interpessoais” (entrevistado 1), à qual a docente em questão se mostra completamente em desacordo ao considerar insuficiente o número de horas de prática desportiva em contexto escolar para que o objetivo primordial seja as condições de saúde do aluno. “Tem que haver um elemento com capacidade e formação académica” (entrevistado 3) capaz de orientar um grupo de jovens, não existindo “ninguém melhor que o professor para, geralmente, desempenhar esse papel”. (idem) Nunca descurando a importância da prática de atividade física ligada a questões de saúde e de hábitos de vida saudável, fica a ideia de que a prática de atividade física é fundamental à aquisição de hábitos e regras por parte do aluno, “valores que são fundamentais hoje em dia na sociedade, para se formar um cidadão autónomo” (entrevistado 1).

Relativamente à disposição por parte do aluno face à prática de atividade físico-desportiva, verifica-se novamente uma relativa concordância entre ambos os entrevistados no que toca a benefícios advindos da prática desportiva. “Os alunos que estão mais dispostos para a prática da atividade física são também alunos que revelam uma capacidade de raciocínio, de resultados, resolução de problemas (...) mais eficaz” (Entrevistado 1). Neste sentido, são apontados efeitos positivos advindos da prática desportiva como “regras de socialização” (entrevistado 3) ou uma melhor gestão a nível de tempo por parte do tempo, dado que, na visão do entrevistado, “os alunos que praticam desporto está mais que provado que conseguem gerir melhor o seu tempo”. (idem)

Ainda sobre a disposição do aluno face à prática desportiva, analogamente ao seu registo de aproveitamento escolar, ambos os entrevistados concordam com a existência de um estereótipo criado em torno de um aluno mais disposto à prática de atividade física não ter o aproveitamento desejado a nível escolar, no entanto, não concordam com esta

generalização. “Tudo depende da predisposição do mesmo a aprender e a adquirir conhecimento” (entrevistado 2), pois se um aluno não quiser aprender e tirar o melhor aproveitamento escolar, não o terá. Neste sentido, é de ressaltar o levantamento dos benefícios advindos da prática desportiva no aluno como “maior capacidade de concentração e de envolvimento” (entrevistado 1) ou o adquirir de regras e hábitos regulares que terão ao longo da vida profissional. Verifica-se ainda uma proposta por parte de um entrevistado que sugere um modelo de “moeda de troca” onde é dado um incentivo ao aluno caso ele cumpra determinados objetivos escolares. O mesmo defende então “um mínimo de orientação, tutorial, do encarregado” (entrevistado 3)

Categoria: Educação física

Debruçados agora numa análise das respostas dadas relativamente ao modelo organizacional em que as aulas de educação físicas e dão, a opinião maioritária é de desacordo com o mesmo. As duas primeiras entrevistadas estão em completo desacordo com o modelo atual, começando pelo reduzido número de horas que os alunos dispõe não só para praticar mas para consolidar tudo o que lhes é incutido e ensinado bem como pelo repetidíssimo programa de ano para ano. Surgem possíveis propostas de alteração do modelo das aulas até então, passando por uma diferenciação por sexos a partir do 10º ano, dado que “as raparigas têm interesses diferentes a nível de prática desportiva dos rapazes a partir de uma determinada idade” (entrevistado 1). Outra proposta prende-se ao incutir no programa uma motivação extra de modo a que os alunos alcancem “hábito saudáveis relativos à atividade física” (entrevistado 2), existindo um investimento em práticas destinadas “às questões de saúde, motivacionais, de aquisição de comportamentos ligados à atividade física regular numa forma autónoma” (idem). Esta questão é explicada pelo fato de que é muito comum, e com um estilo de vida cada vez mais sedentarizado, que após o ensino secundário, muitos jovens deixem de praticar qualquer tipo de atividade físico-desportivo, o que é, de acordo com os entrevistados, muito negativo. O entrevistado número 3, apesar de acordar com o modelo atual das aulas de educação física, aponta críticas ao mesmo dado o seu enfraquecimento. Para tal efeito, levanta críticas ao ministério de educação de subvalorizar quer as aulas de educação física quer o desporto escolar. Abordando o ministério da educação, ambos os entrevistados refutam o retirar da nota de educação física da média escolar final dos alunos, acusando esta medida de retirar também motivação aos alunos, que deixam de olhar a disciplina de educação física com a mesma importância. Sobre a motivação dos alunos, a prática de modalidades

desportivas são vistas como um excelente método motivacional, dado que qualquer modalidade é mais atrativa que fazer flexões ou correr à volta do campo de jogos.

Categoria: Diferença de Géneros

No que incide sobre as clivagens existentes entre géneros no que toca à prática desportiva, as opiniões por parte dos três entrevistados não reúne o total consenso. Concordando que, por mais análises que sejam feitas, tudo não passará de uma generalização, verifica-se que tudo depende de orientações anteriores face à prática desportiva, ou seja, o aluno terá já de ter alguns hábitos desportivos implícitos, caso contrário, não é no ensino secundário que os ganhará. Verifica-se também que os gostos entre ambos os géneros são diferenciados, sendo que “as meninas a partir de uma dada altura preocupam-se mais com o seu aspeto físico, o visual, com a alimentação, com o treino do seu corpo, enquanto os rapazes têm a necessidade de maior competição, portanto, de libertarem as suas energias através do vencer, do ganhar”. (Entrevistado 1) Neste sentido, pode-se apontar que as preocupações do género feminino prendem-se a uma questão beleza enquanto o género masculino está preocupado gastar energias, índices competitivos. Contudo, é de realçar que “cada vez se nota uma diferença menor. Tanto os rapazes como as raparigas gostam de praticar atividade física”. (entrevistado 3) Este último aponta à existência sempre de um aluno ou outro mais preguiçoso e menos apto à prática desportiva mas que não é “pela questão do género que haja diferença na motivação e empenho nas aulas de educação física” (idem).

Categoria: Práticas Escolares

Focados agora nas práticas escolares bem como na oferta por parte da instituição em análise dispõe face à prática desportiva, ambos os docentes entrevistados parecem estar satisfeitos com o oferecido por parte da escola, ressaltando-se que a mesma dispõe de boas instalações, “mais condições que outras”. (entrevistado 2) é feita uma referência às modalidades tradicionais, bem como um acrescento de espaços disponíveis a ginástica, fitness, dança, conferindo ao aluno um pouco “daquilo que ele pode ir buscar lá fora nos chamados ginásios e health clubs”. (entrevistado 1) Contudo, é deixada uma crítica face à falta de formação por parte do professor. Contudo, não deixa de ficar assente a importância conferida pela escola à disciplina de educação física, e que o importante não se prende à modalidade praticada em si, mas sim os objetivos com que se pratica a mesma. Refletindo ainda sobre no orçamento disponibilizado para o desporto na escola na escola

do cerco, ambos os entrevistados se mostram contentes, assumindo todos eles não terem qualquer problema com o assunto. Em suma, fica claro que o importante prende-se ao bem-estar por parte do aluno e que a sua satisfação afigura-se um passo importantíssimo e fundamental para resultados positivos ao longo do percurso escolar dos alunos.

Categoria: Desporto escolar

Apesar de ser na disciplina de educação física que a maioria dos alunos dispõe da possibilidade de prática de atividade físico-desportiva, esta não é a única forma nem oferta da mesma. O desporto escolar é outra possibilidade que os alunos dispõe para a prática desportiva, diferenciando-se no sentido da não obrigatoriedade. É revelado algum descontentamento por parte dos três docentes alvos de análise no que concerne à organização em torno do desporto escolar, e o facto de este ter deixado de pertencer à componente letiva. Criticando o ministério, e acusando-o de mais uma vez subvalorizar a atividade da prática físico-desportiva em contexto escolar. Esta crítica justifica-se pelo de os docentes serem obrigados a participar no desporto escolar em horários não-letivos, o que leva a que os próprios sejam forçados a conciliar aulas, desporto escolar e por vezes saídas para o quadro competitivo, onde a equipa representativa do agrupamento de escola do cerco vai jogar a outra cidade. Contudo, ambos concordam que o docente vê-se forçado a retirar tempo dedicado à família para se focar no desporto escolar, e não é recompensado, o que na opinião unânime, não é justo. Seguindo a linha de pensamento, fica claro que, apesar das críticas feitas, o papel do agrupamento de escolas do cerco perante o desporto escolar é favorável, sendo que consegue “ter bastante desporto escolar”. (entrevistado 2) Apesar do sucesso e dos resultados positivos, verifica-se que para os docentes o importante não é a competição e os prémios finais mais sim a participação dos jovens e o prazer com que estes desenvolvem as atividades. O desporto escolar confere benefícios aos alunos pois estes terão à sua disposição oportunidades de vivenciar acontecimentos “que a maior parte deles não teriam se não fosse através do desporto escolar”. (entrevistado 3) Em suma, são vários os benefícios detetados provenientes do desporto escolar, como “relacionamento social, mediação de conflitos e de ajuda para com as situações de indisciplina”. (entrevistado 2)

Anexo 10 – Análise de Dados: Praticam atividade física todas as semanas

Praticam atividade Física todas as semanas	Nr Alunos	Porcentagem %
Sim	19	100%
Total*	19	100%

*Somente alunos que atualmente praticam alguma modalidade ou tipo de atividade físico-desportiva são estatisticamente significantes

Anexo 11 – Análise de Dados: Ouvir Música enquanto prática cultural de lazer

Ouvir Música	Nr alunos	Percentagem %
Regularmente	44	100
Total*	44	100

*Ao total de 45 alunos constituintes da amostra exclui-se um dada a sua não-resposta, originando um total de 44 estatisticamente significante

Anexo 12 – Análise de Dados: Práticas culturais de Lazer, consoante o género

	Regularmente		Raramente		Nunca		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Ouvir Música	16 100%	28 100%	0	0	0	0	16 100%	28 100%
Concertos Musicais	2 12,5%	5 17,2%	7 43,8%	20 69%	7 43,8%	4 13,8%	16 100%	29 100%
Aprender música	2 12,5%	4 13,8%	4 25%	10 34,5%	10 62,5%	15 51,7%	16 100%	29 100%
Teatro	0	0	5 31,3%	22 75,9%	11 68,8%	7 24,1%	16 100%	29 100%
Cinema	8 50%	17 58,6%	8 50%	12 41,4%	0	0	16 100%	29 100%
Bibliotecas	0	3 10,7%	6 37,5%	15 53,6%	10 62,5%	10 35,7%	16 100%	28 100%
Leitura livre	1 6,3%	11 37,9%	5 31,3%	15 51,7%	10 62,5%	3 10,3%	16 100%	29 100%
Espaços desportivos	10 62,5%	10 34,5%	4 25%	16 55,2%	2 12,5%	3 10,3%	16 100%	29 100%
Estar com amigos	14 87,5%	27 93,1%	1 6,3%	2 6,9%	1 6,3%	0	16 100%	29 100%
Discotecas/ Bares	4 25%	5 17,2%	6 37,5%	18 62,1%	6 37,5%	6 20,7%	16 100%	29 100%
Namorar	7 43,8%	14 48,3%	3 18,8%	8 27,6%	6 37,5%	7 24,1%	16 100%	29 100%
Passear com a Família	6 37,5%	22 75,9%	9 56,3%	7 24,1%	1 6,3%	0	16 100%	29 100%
Atividade Religiosa	1 6,3%	2 7,1%	4 25%	7 25%	11 68,8%	19 67,9%	16 100%	28 100%
Ver Televisão	14 87,5%	24 82,8%	2 12,5%	5 17,2%	0	0	16 100%	29 100%
Jogar computador/ Consola	14 87,5%	7 25%	2 12,5%	11 39,3%	0	10 35,7%	16 100%	28 100%
Internet	15 93,8%	26 89,7%	1 6,3%	3 10,3%	0	0	16 100%	29 100%

Anexo 13 – Análise de Dados: Objetivos face à prática desportiva, consoante o grupo sócio-profissional

		EDL	PTE	TI	EE	TICs	D	T
Imagem Corporal	MI I	4 10,5%	4 10,5%	2 5,3%	9 23,7%	8 21%	11 29%	38 100%
	PI NI	1 25%	0	2 50%	1 25% %	0	0	4 100%
Melhoria Condição Física	MI I	4 10%	4 10%	4 10%	10 25%	8 20%	10 25%	40 100,0%
Melhoria condições de saúde	MI I	4 9,76%	4 9,76%	4 9,76%	10 24,39	8 19,51	11 26,83	41 100,0%
Convívio/ Amizades	MI I	3 8,3%	3 8,3%	3 8,3%	8 22,2%	8 22,2%	11 30,6%	36 100%
	PI	1 20%	1 20%	1 20%	2 40%	0	0	5 100%
Lazer	MI I	4 9,8%	4 9,8%	4 9,8%	11 26,8%	8 19,5%	10 24,4%	41 100%
	PI	0	0	0	0	0	1 100%	1 100%
Competição	MI I	3 13%	1 4,3%	2 8,7%	5 21,7%	5 21,7%	7 30,4%	23 100%
	PI NI	1 5,6%	3 16,7%	2 11,1%	5 27,8%	3 16,7%	4 22,2%	18 100%

Anexo 14 – Análise de Dados: Práticas Culturais de lazer, consoante o grupo sócio-profissional

		EDL	PTE	TI	EE	TICs	D	T
Ouvir Música	Reg	5 12,2%	4 9,8%	4 9,8%	10 24,4%	8 19,5%	10 24,4%	41 100,0%
	Rar N	4 11,4%	4 11,4%	4 11,4%	8 22,9%	7 20%	8 22,9%	35 100,0%
Concertos Musicais	Reg	1 14,3%	0 0,0%	0 0,0%	2 28,6%	1 14,3%	3 42,9%	7 100,0%
	Rar N	4 11,4%	4 11,4%	4 11,4%	8 22,9%	7 20%	8 22,9%	35 100,0%
Aprender música	Reg	1 16,7%	0 0,0%	1 16,7%	2 33,3%	0 0,0%	2 33,3%	6 100,0%
	Rar N	4 11,1%	4 11,1%	3 8,3%	8 22,2%	4 11,1%	9 25%	36 100%
Teatro	Rar N	5 11,9%	4 9,5%	4 9,5%	10 23,8	8 19%	11 26,2%	42 100%
Cinema	Reg	3 12,5%	3 12,5%	2 8,3%	5 20,8%	6 25,0%	5 20,8%	24 100,0%
	Rar	2 11,1%	1 5,6%	2 11,1%	5 27,8%	2 11,1%	6 33,3%	18 100,0%
Bibliotecas	Reg	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 33,3%	0 0,0%	2 66,7%	3 100,0%
	Rar N	5 13,2%	3 7,9%	4 10,5	9 23,7%	8 21,1%	9 23,7%	38
Leitura livre	Reg	1 9,1%	1 9,1%	1 9,1%	3 27,3%	2 18,2%	3 27,3%	11 100,0%
	Rar N	4 12,9%	3 9,7%	3 9,7%	7 22,6%	6 19,4%	8 25,8%	31 100,0%
	Reg	3 16,7%	2 11,1%	2 11,1%	4 22,2%	4 22,2%	3 16,7%	18 100,0%

Espaços desportivos	Rar N	2 8,3%	2 8,3%	2 8,3%	6 25%	4 16,7%	8 33,3%	24 100,0%
Estar com amigos	Reg	5 13,2%	4 10,5%	2 5,3%	10 26,3%	7 18,4%	10 26,3%	38 100,0%
	Rar N	0	0	2 50%	0	1 25%	1 25%	4 100,0%
Discotecas/ Bares	Reg	1 12,5%	2 25,0%	0 0,0%	0 0,0%	2 25,0%	3 37,5%	8 100,0%
	Rar N	4 11,8%	2 5,9%	4 11,8%	10 29,4%	6 17,6%	8 23,5%	34 100%
Namorar	Reg	2 10,0%	3 15,0%	2 10,0%	4 20,0%	5 25,0%	4 20,0%	20 100,0%
	Rar N	3 13,6%	1 4,5%	2 9,1%	6 27,3%	3 13,6%	7 31,8%	22 100%
Passear com a Família	Reg	3 11,5%	4 15,4%	2 7,7%	7 26,9%	4 15,4%	6 23,1%	26 100,0%
	Rar N	2 12,5%	0	2 12,5%	3 18,8%	4 25%	5 31,3%	16 100,0%
Atividade Religiosa	Reg	0 0,0%	0 0,0%	1 33,3%	0 0,0%	0 0,0%	2 66,7%	3 100,0%
	Rar N	4 10,5%	4 10,5%	3 7,9%	10 26,3%	8 21,1%	9 23,7%	38 100,0%
Ver Televisão	Reg	4 11,1%	3 8,3%	4 11,1%	8 22,2%	8 22,2%	9 25,0%	36 100,0%
	Rar	1 16,7%	1 16,7%	0 0,0%	2 33,3%	0 0,0%	2 33,3%	6 100,0%
	Reg	1 5,3%	0 0,0%	3 15,8%	5 26,3%	4 21,1%	6 31,6%	19 100,0%

Jogar computador/ Consola	Rar	4	4	1	5	4	4	22
	N	18,2%	18,2%	4,5%	22,7%	18,2%	18,2%	100,0%
Internet	Reg	4	4	4	10	6	10	38
		10,5%	10,5%	10,5%	26,3%	15,8%	26,3%	100,0%
	Rar	1	0	0	0	2	1	4
		25,0%	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	25,0%	100,0%